

cooJORNAL

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

O ABC NA HORA DA DECISÃO



Revelamos
o segredo
dos bancos
da Suíça!

NA TERRA DO CANO SERRADO

Um retrato de Alvorada,
a cidade mais violenta
do Sul do Brasil



Castilhos,
o pai dos
nossos ditadores



Caro leitor,

Nos últimos cinco meses, a diretoria da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre e os associados que mais de perto acompanham a nossa atividade estiveram e continuam envolvidos numa das mais importantes tarefas que já lhes surgiu desde a fundação da Coojornal, há quase sete anos: reestruturar uma organização que nasceu como modelo — porque não tinha similar — e sobreviveu num período em que não havia nenhum diálogo no País. Essa tarefa, executada por etapas, tem a pretensão de redimensionar a empresa e ajustá-la aos novos tempos que passamos a viver, embora ainda continuemos na expectativa de que muitas promessas e aspirações se transformem em realidade e que alcancemos efetivamente um Estado democrático.

Neste segundo trimestre do ano, as reformulações pelas quais está passando a Cooperativa dos Jornalistas chegam ao seu Coojornal, veículo que durante seis anos empenhou-se em se manter alinhado com o pensamento de resistência que propunha um debate mais amplo visando alterar a estrutura política da Nação.

Foi discutindo em cima da trajetória passada e de fatos presentes que decidimos interromper a circulação mensal do Coojornal por uma edição. Vamos parar em maio para retornar nos primeiros dias de junho próximo — mas não vamos apenas parar para pensar. Vamos também receber sugestões e retornar com um projeto reformulado. Do passado, queremos aproveitar o melhor: uma posição corajosa, de fé democrática.

Propriedade de uma cooperativa que hoje possui 450 associados — a maior do gênero no País —, o Coojornal nunca aceitou nem aceitará a vinculação com qualquer grupo ou partido político. Em vários momentos de sua circulação, nas horas em que mais se fazia necessária uma posição firme e decidida em nome da resistência ou dos postulados da Imprensa, não hesitamos em seguir definições claras e precisas. Eram outros tempos, o Brasil vivia a dura realidade do arbítrio, do exílio, da prisão por motivos políticos, da eliminação física até, daqueles que se opunham ao regime de força.

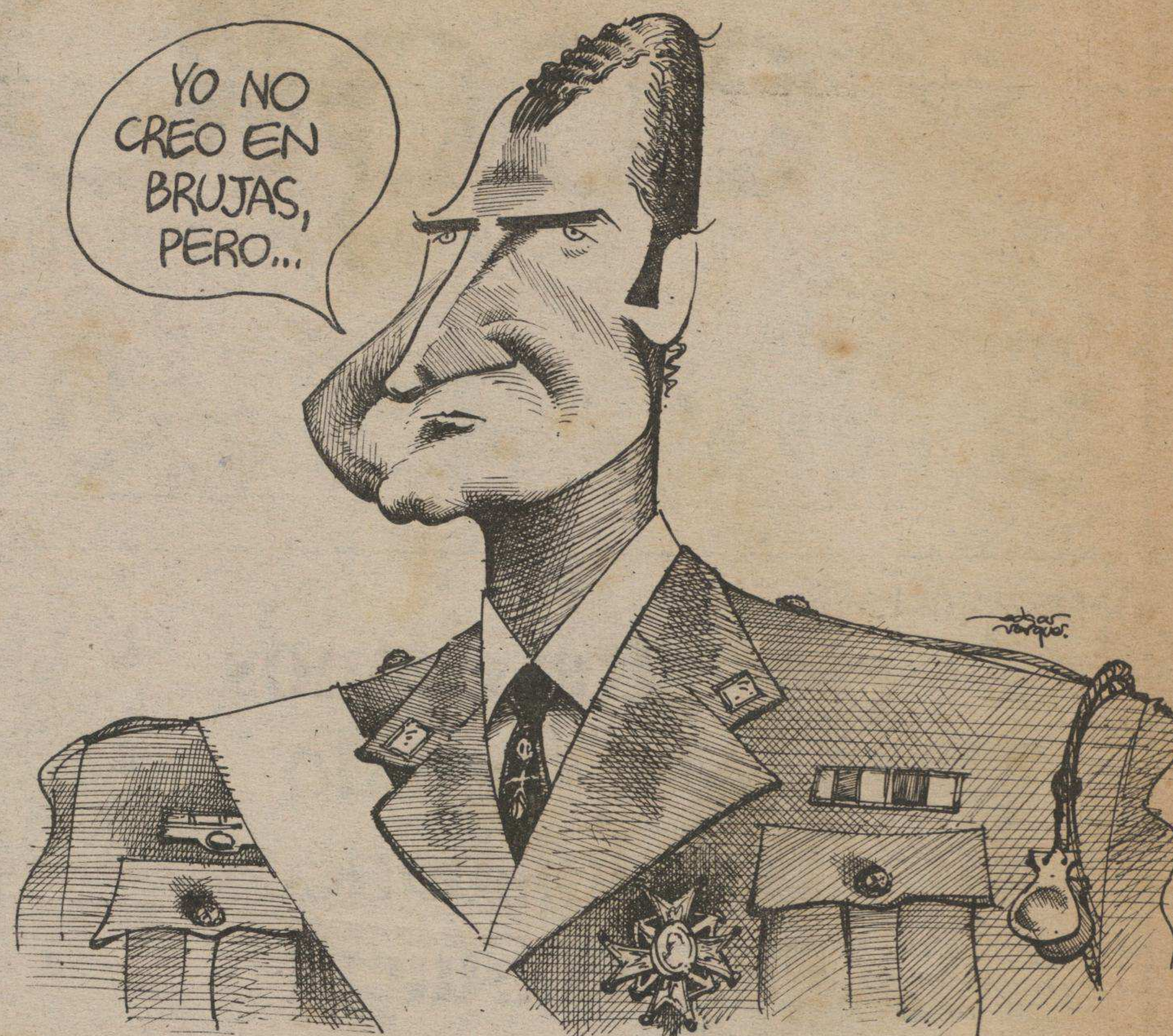
Hoje o País é outro, a chamada sociedade civil conquistou novos espaços, estamos bem distantes dos dias sombrios de quatro, cinco anos atrás. Não há como negar, igualmente, que ainda há muito por fazer, novas exigências são lançadas à sociedade brasileira para que alcancemos, no mais breve espaço de tempo possível, a tão desejada normalidade política.

É justamente pensando nestas novas exigências, na reavaliação de postura que julgamos necessária neste Brasil de 1981, que decidimos parar por um mês. No início de junho, quando o Coojornal voltar às bancas, o leitor vai encontrar um jornal mais atual e dinâmico, mais de acordo com o presente, renovado em seus temas e em sua feição gráfica, com um padrão editorial mais abrangente e diverso — e, naturalmente, com a mesma independência crítica e seriedade profissional que sempre caracterizaram o Coojornal.

Queremos, em junho, contar novamente com o seu prestígio e fidelidade, caro leitor, como tem ocorrido nos últimos seis anos. Afinal, o Coojornal se atualiza, mas sua preocupação básica continua: o leitor em primeiro lugar. Até junho!

OS EDITORES

Tiragem desta edição: 27.500 exemplares.



A divisão entre PMDB e PDT na eleição de 82?

As divergências em torno da eleição da mesa da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul antecipam muito bem o que serão as negociações entre PMDB e PDT para a próxima eleição do governador do Estado. Estão os dois partidos de oposição a tentar se fortalecer em suas posições, num jogo de forças que antes (nos últimos 15 anos) não se verificava. Isto é saudável, porque faz parte do chamado jogo democrático. É preciso entender que a frente de oposições já não é sólida como antigamente, assim como o partido de governo em alguns momentos já deu mostras de que também perdeu a solidez.

Divergências e negociações dessa ordem não deveriam causar estranheza entre os que defendem o pluripartidarismo. O que nos parece importante é que os partidos de oposição não percam de vista as causas maiores e se mantenham unidos em torno de questões que são fundamentais inclusive para a sua própria sobrevivência. Contudo, não se pode negar e tampouco deixar de considerar que as divergências entre os senhores Leonel Brizola e Pedro Simon são o principal entrave a qualquer negociação entre o PMDB e o PDT. Escrevo

ainda em meio ao rebuliço que se estabeleceu na Assembléia Legislativa e tenho certeza que os dois partidos vão chegar a um acordo mas também estou certo que até o começo do ano que vem vamos ter outros episódios semelhantes. Cuidado com o PDS: foi graças a uma ruptura dos trabalhistas que o falecido Ildo Meneghetti elegeu-se governador em 1961.

Pedro Martimiano Costa,
Porto Alegre, RS

Respeito às posições discordantes

Sou leitor antigo do jornal e envio meus modestos cumprimentos pela excelente qualidade da edição de fevereiro, principalmente pela matéria com o Brizola, que constitui-se, sem a menor dúvida, numa preciosa colaboração para a própria história recente do país. A reportagem faz jus às melhores tradições do Coojornal. Além disto, quero elogiar a publicação das cartas criticando a matéria sobre o movimento dos professores, provando que a grandeza também se constrói com o respeito às posições discordantes.

Adalberto Rodrigues,
Porto Alegre, RS

cooJORNAL

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

Este jornal, criado em 15 de novembro de 1975, pertence à primeira cooperativa de jornalistas do Brasil, a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda., fundada em 24 de agosto de 1974. A cooperativa tem 385 sócios e é uma organização administrada pelos próprios jornalistas, com uma diretoria eleita em assembleia geral para um mandato de dois anos. Cada associado, independente de sua participação no capital, tem os mesmos direitos nas decisões de assembleia. Além da diretoria, a cooperativa tem um Conselho de Edição para orientar a linha e a qualidade de suas publicações.

Editor
José A. Vieira da Cunha

Secretário
Manoel Canabarro

Redação
Rafael Guimarães, Daniel de Andrade, Jorge Gallina, Elaine Lerner, Osmar Trindade, Eduardo Bueno, Luis Afonso Franz, Valdir da Silva, Tomás Pereira, Eloisa Enck, Victor Hugo Sperb, Antonio Oliveira, Edgar Vasques, Eugênio Neves, Luis Carlos Ferré, Ariosto Teixeira (Brasília), Geraldo Hasse (São Paulo), Marcelo Pontes (Rio de Janeiro), Paulo Marconi (Salvador), Zélia Leal (França) e Eva Dürr (Alemanha).

Endereço
Rua Comendador Coruja, 372
CEP 90000 — Porto Alegre — RS
Fone 33-5099 (PABX) Telex (051)1605
Distribuição Exclusiva em todo o território nacional:
FERNANDO CHINAÇLIA DISTRIBUIDORA S.A.
Rua Teodoro da Silva, 907 — Rio de Janeiro — RJ — CEP 20563

Assinatura no País: Cr\$ 550,00 por 12 edições
Assinatura no Exterior: 60 dólares por 12 edições
América Latina: 50 dólares
Custo de circulação: a venda somente a partir da edição
Os pedidos devem ser acompanhados da última edição na banca, em cheque ou vale postal em nome do respectivo valor.

COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE LTDA

ASSOCIADOS:
Osmar Trindade (Presidente), Antonio Oliveira (Vice-Presidente), Rafael Guimarães (Secretário), Affonso Ritter, Carlos Dornelles, Danilo Ucha, Luis Afonso Franz, Marcelo Lopes, Clarice Aquistapace, Jorge Polydoro, José A. Vieira da Cunha, Manoel Canabarro e Tomás Pereira (Conselheiros de Administração).

Elaine Lerner, Sérgio Batsow, Vladimir Ungaretti, Eugênio Neves, Francisco Daniel e Mauro Toralles (Conselheiros Fiscais).

Daniel de Andrade, Edgar Vasques, Fernando Goulart, João B. Aveline, João Borges de Souza, Jorge Gallina, José A. Pinheiro Machado, Juarez Fonseca, Luiz Carlos Merten e Valdir da Silva (Conselheiros de Edição).

Acari Amorim, Adélia Porto da Silva, Ademir Vargas de Freitas, Ademir Fontoura, Adroaldo Correa, Afonso Licks, Agnese Schiffrino, Alberto André, Alberto Filgueiras, Alberto Blum, Alda Souza, Alfonso Abraham, Alfredo Fedrizzi, Alice Urbim, Amauri Melo, Amilton Vieira, Ana Amélia Lemos, Ana Maria L. Riviello, Ana Maria Smidt, Ana Maria Magalhães, Anibal Bendati, André Jockyman, Ângela B. Ricordi, Antonio Britto Filho, Antonio Carlos Esteves, Antonio Firmo Gonzalez, Antonio Dreon Peres, Antonio Vargas, Ariosto Teixeira, Armindo A. Ranzolin, Artur Monteiro, Arthur Oliveira Filho, Atáides Miranda, Avani Maenfeld, Ayrton Centeno, Ayrton Kanitz, Beatriz Polydoro, Bernardete Viana, Cândido Cruz, Carla Irigaray, Carlos Alberto Fruet, Carlos Alberto Kolecza, Carlos Alexandre Castro, Carlos Alfredo Simch, Carlos Alves Muller, Carlos Athanazio, Carlos Karnas, Carlos Mientz, Carlos Gerbase, Carlos Bastos, Carlos Fehlberg, Carlos Urbim, Carlos Mossmann, Carlos Rafael Guimarães, Carlos R. Silveira, Carlos Salzano V. da Cunha, Carmen Silveira, Carmen Rita Cagno, Celso Rosa, Celso Schroder, Cintia Leal, Claudio Barcelos, Cláudio Levitan, Clayton Selistre, Clea Motti, Cid Pinheiro Cabral, Cinara Lima, Clóvis Heberle, Clóvis Malta, Crisina Batista Pereira, Cyro Canabarro, Delmar Marques, Divino Fonseca, Edelberto Behs, Edgar Lisboa, Edna Nina, Edson Chaves Filho, Edson Kozminski, Eduardo Tavares, Eduardo Bueno, Eduardo San Martin, Eduardo Guimaraens, Eleonora Canto de Lucena, Elio Falcão Vieira, Eloisa Enck, Elmar Bones da Costa, Elser Quintana, Enio Rocha, Ercy Torma, Erni Qua-

resma, Euclides Torres, Eugênio Bortolon, Eva Caparelli, Evaldo Gonçalves, Evilázio Oliveira, Fernando Lindote, Fernando Saes, Fernando Guedes, Fichel Davit Chargel, Flávio Porcello, Flávio Dutra, Flávio Schubert, Floriano Correa, Francisco D. Lopes, Francisco Karam, Francisco Juska, F. Paulo Santana, Gabriel Mats, Geanoni Peixoto, Gecy Belmonte, Geraldo Hasse, Gerson Schirmer, Gilberto Pautetti, Gilberto Leal, Glauco Cruz Brandão, Gomercindo Coitinho, Guisleno Barú Derquim, Heidi Gerhardt, Hécio Pereira, Hélio Gama Filho, Helton Ricardo Barreto, Hermelindo Macedo, Higino Barros, Humberto Andreatta, Iara Bendatt, Iara Schiling Pereira, Iaraporan Muller, Ilgo Wink, Ilza Girardi, Imara Stallbaum, Ivan Pinheiro Machado, Ivo Egon Stigger

Jandira D'Ávila Feijó, Jandira César, Jayme Copstein, Jayme Klintowitz, João B. Scalco, João C.F. da Silva, João Paulo Lacerda, Jorge Meditsch, Jorge Escosteguy, Jorge O. Carvalho Leite, Jorge Freitas, José Antonio Ribeiro, José Antonio Severo, José A. Simch da Silva, José A. Pinto Netto, José Emanuel Mattos, José Eneir Francisco, José E. Nascentes, José Félix Valente, José G. Fraga, José Lauro Dieckman, José Luiz Chiarelli, José L. Prévadi, José Marcelo Pontes, José Onofre, José Reduzino de Araújo, José R. Fontes, José Roberto de Alencar e Silva, José Roberto Garcez, José Abu Jamra, Judith Costa, Julieta Nunes, Julio Sortica, Jurandir Silveira, Jussara Coelho

Laerte de Franceschi, Laerte Martins, Laila Pinheiro, Lauro Quadros, Lea Aragon, Lenora Vargas, Leo Tavejanski, Leonardo Dourado, Leonid Streliaev, Licínio Azevedo, Lilian Bem David, Lotário Neuberger, Lucila Camargo, Luiz Alberto Artech, Luiz Americano Vidal, Luiz Antonio Duarte, Luiz Kozminski, Luiz A. Pinheiro, Luiz Carlos Miranda, Luiz Carlos Mello, Luiz Carlos Ferreira, Luiz Carlos Felizardo, Luiz Cláudio Cunha, Luiz Achutti, Luiz Fernando Lima, Luiz Fernando Flores, Luiz Fernando L. da Silva, Luiz Fernando Verissimo, Luiz F. Terra Junior, Luiz Fonseca, Luiz Gonzaga, Luiz Humberto Pereira, Luiz Matzenbacher, Luiz P. de Pilla Vares, Luiz P. Ruschel Daudt, Luiz Vitello, Luiz Recena Grassi, Luiz Lanzetta

Manuel J. Lourenço, Mara Bernardes, Marco Antonio Schuster, Marcos Antonio Baggio, Marco T. de Rose, Maria Angélica de Moraes, Maria Elaine Borges, Maria da Graça Se-

ligman, Maria da Graça Silva, Maria Helena Brancher, Maria Iara Rech, Maria Luiza Teixeira, Maria Regina Ferreira, Marina Wodtke, Marinória Osório, Mário Alberto Nascimento, Mário Arias Perez, Mário Rocha, Mário L. Madureira, Mário Marcos de Souza, Marise Fetter, Maristela Baires, Maroni da Silva, Marques Leonam Cunha, Mary Mezari, Maureci Santos, Mauro C. Silveira, Milton Wels, Milton R. da Silva, Milton Saldanha Machado, Miriam Costa Correa, Miriam T. Timponi, Mirta Coelho Maron, Najar Tubino, Nelson M. Ferrão, Neltair R. Abreu, Nestor C. Fedrizzi, Neusa M. Ribeiro, Newton Peter, Nilson Figueiredo, Nilson Guimarães, Nirce Levin

Octacílio Grivot, Odilon Abreu, Olides Canton, Olivio Lamas, Olyr Zavaschi, Omar de Barros Filho, Orlando C. Brasil, Otília Rieth

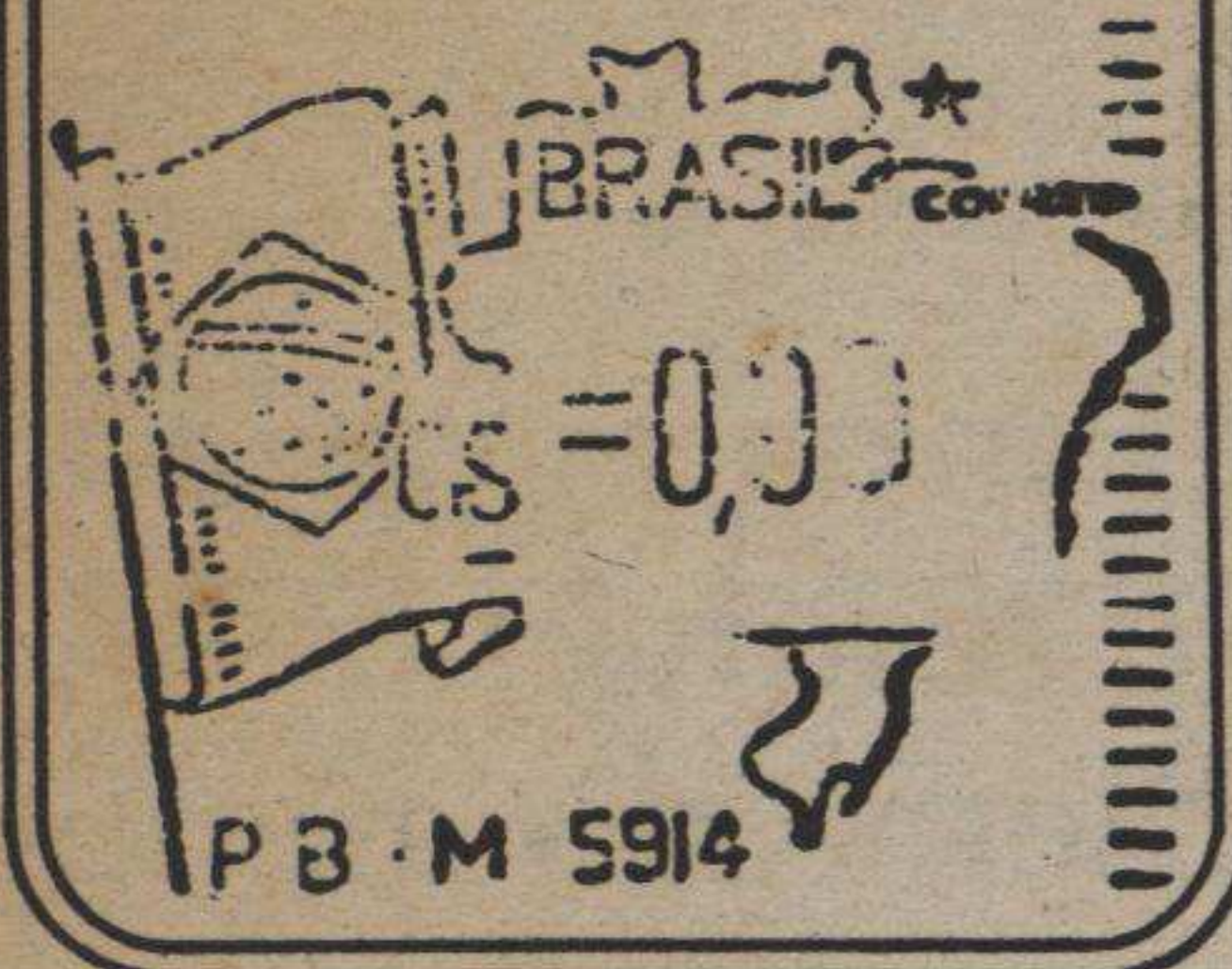
Paolo Marconi, Patrício Bentes, Paulo A. Fogaça, Paulo Burd, Paulo Pereira, Paulo Macedo, Paulo G. de Oliveira, Paulo Martimbianco, Paulo Cancian, Paulo de Tarso Ricordi, Paulo Vasconcellos, Pedro Macedo, Pedro Rosa, Pedro V. Maciel, Plínio J. Dotto, Porfírio Borba Netto, Raul Rubenich, Raul Quevedo, Regina Vasquez, Rejane Lempek, Remi Baldasso, Renan A. Oliveira, Renato Kern, Renato P. Silva, Renato Canini, Ricardo I. Bolsoni, Ricardo Chaves, Ricardo Schmitt, Riomar Trindade, Roberto Alves de Azevedo, Roberto Appel, Roberto A. Thomé, Roberto Franco, Roberto Manera, Rogério Frões Monteiro, Rogério R. Ruschel, Rômulo Krafta, Ronaldo Westermann, Rosvita Saueressig, Rui Jorge Bender, Ruy Carlos Ostermann

Sérgio Caparelli, Sérgio Becker, Sérgio Moita, Sérgio Toniello, Severino de A. Góes, Sibila Rocha, Silmar Müller, Silvio Costa, Silvio Ferreira, Silvio S. Correa, Tânia Carvalho, Tânia Kruttska, Tânia Failacce, Telmo Zanini, Terezinha Figueiredo, Ubirajara Silva Prates, Vera Daisy Barcelos, Vera Bosak, Vera Monteiro, Vera Kern, Vera Costa, Victor Hugo Sperb, Virson Holderbaum, Valdoar Teixeira

Walter Firmo da Silva, Whalmir Anna von Koning, Wilmar Marques, Zélia D. Leal

Associado à **AJOCOOP**
Associação dos Jornais e Periódicos de Cooperação

CARTAS



A abertura não chegou para os presos comuns

As constantes denúncias de arbitrariedades cometidas por policiais, além de se constituírem numa preocupação a mais para a maltratada e indefesa sociedade civil brasileira, são uma faceta nova do processo político brasileiro. Os crimes cometidos por policiais sempre existiram, é verdade, mas os níveis a que chegamos, creio eu, são uma triste extensão da vida nacional dos últimos 15 ou 16 anos, período em que o poder da polícia extrapolou os limites constitucionais, a partir da ação nefasta dos organismos encarregados da repressão política, que são uma elite dentro da instituição.

Se é verdade que já não se torturam presos políticos (pelo menos com a intensidade de alguns anos atrás), por outro lado, a abertura não chegou para os presos comuns, nos quais são aplicados os mais variados métodos de tortura, muitos deles oriundos da fase mais negra da ditadura. A nossa polícia não está preparada para investigar crimes e sim encontrar culpados (verdadeiros ou não) na base da coação física.

Além do mais, o poder dado à polícia durante todos estes anos, torna seus integrantes acima das leis que regem a sociedade. Dificilmente um agente policial é condenado, embora os crimes por eles cometidos ocorram com uma frequência intolerável. E, para completar, as penas previstas para policiais criminosos são mais do que brandas.

Numa época de abertura política em que, teoricamente, o poder policial deveria diminuir, a Justiça ainda se mostra fraca para punir os culpados e a sociedade ainda está exposta à ação de verdadeiros marginais da lei. Lembro o que aconteceu com um comerciante no Rio de Janeiro, que reagiu à prisão e foi assassinado numa delegacia. Por certo o comerciante entendia que, com a abertura, havia recuperado seus direitos individuais e não se submeteu. De onde se conclui que a polícia não está preparada para a abertura.

Luiz Antonio de Castro,
Rio de Janeiro, RJ

Jornal que não seja tendencioso está ficando raro

Sempre que tenho que renovar a assinatura ou enviar-lhes alguma correspondência, aproveito para reforçar minha admiração e estima pelo trabalho de vocês. Gostei de ver no último número a publi-

cação de cartas criticando o artigo sobre a greve dos professores gaúchos e talvez daí venha meu estímulo em escrever para vocês. Afinal, jornal alternativo que não seja tendencioso ou atrelado está ficando coisa rara e o **Coojornal** é uma delas.

Gostaria que vocês publicassem alguma matéria sobre a questão sindical no Brasil e como vocês estão vendo toda esta briga braba entre os grupos, da qual quem sai ganhando são os pelegos e o Governo. Esperando que continuem firmes e exemplificando para todo o Brasil este tipo de trabalho bonito e sério, quero transmitir meu abraço a todos os colaboradores da cooperativa.

Gilmar Carneiro Gomes,
São Paulo, SP

Informações sobre a chapa sã

Com o **Coojornal** nº 59 em mãos, li a entrevista com um dos grandes nomes da nossa música, Caetano Veloso. Nessa entrevista ele diz que aí pelo Sul, "na eleição de um centro acadêmico, teve uma chapa concorrente que se chamava Chapasã — um nome lindo — cuja propaganda e plataforma era feita em cima de letras minhas, de Rita Lee, de Gil e de outros, era uma coisa assim meio descentralizada, meio anárquica, sem uma liderança carismática, solta e livre, dizem até que era perseguida por outros grupos de ideologia mais fechada. Pois bem, o mais incrível é que essa chapa venceu disparada, para surpresa de todos. Eu fiquei muito emocionado, achei um negócio lindo, genial".

Eu gostaria de receber maiores informações, se possível, e quem sabe até das coordenadas para manter contatos com pessoas deste D.A. Um detalhe é que eu não posso adquirir o **Coojornal** frequentemente então pediria que essa resposta

fosse feita por carta também, pois, do contrário, posso perder a informação por não ter dinheiro para comprar o jornal.

Vitor Ribeiro,
São Paulo, SP

"Quero conseguir livros de lógica e de português"

Quem lhes escreve esta carta é um preso que está há três anos cumprindo pena por furto. Tenho 27 anos e provavelmente ainda terei que ficar mais dois anos por aqui. Ninguém de vocês me conhece, mas resolvi escrever-lhes para que verifiquem a possibilidade de me conseguir alguns números do **Coojornal**. Eu gostaria de assinar o jornal, mas realmente não tenho dinheiro.

Além disso, tenho interesse em conseguir os livros *Semântica Estrutural*, da Editora Cultrix, e *Lógica Formal*, de uma editora de Porto Alegre, não lembro o nome. Quem tiver estes livros à disposição peço que enviem para o Presídio Municipal de Cachoeira do Sul, Rua Esperanto, 592 — 96.500, fone 722-2841. Na esperança que vocês acreditem em mim e me deem atenção, finalizo agradecendo desde já.

José Salúcio Koenig de Moraes,
Cachoeira do Sul, RS

Gabeira: exemplo de comportamento aos anistiados

Fernando Gabeira é o mais destacado entre os exilados que retornaram ao país, com o advento da anistia. Em grande parte isto se deve a seu talento pessoal e à competência e sensibilidade com que transmitiu suas experiências através de bem-

sucedidos livros. As idéias que se propôs a defender como o homossexualismo, a crítica ao moralismo inclusive da esquerda, o lado existencial do ser humano, a liberação individual, a ecologia se constituem em questões, sem dúvida, importantes.

A grande contradição do fenômeno Gabeira, no entanto, reside na forma como suas declarações se refletiram na sociedade brasileira. Embora os admiradores de Gabeira ressaltem o conteúdo revolucionário de seu pensamento, o fato é que ele passou a ser apontado pelos conservadores como um padrão de bom comportamento entre os anistiados, principalmente em comparação a outros que se integraram em movimentos populares ou partidos políticos. Estes últimos, inclusive, são alvos de ameaças constantes por parte dos organismos de segurança e dos donos do poder.

Isto se explica pelo fato de que a abertura, entre outros fenômenos mercedores de um profundo estudo sociológico, fez com que uma grande faixa da opinião pública entre a oposição, livre do sufoco dos anos negros da ditadura, passou a se preocupar com outras questões mais ligadas à sua vida enquanto cidadãos, do que propriamente tentar mudar o mundo. Este é o espaço de Gabeira que, seguramente, há alguns anos seria considerado um alienado.

No entanto, o sistema conseguiu criar um mito em torno dele colocando-o, ao mesmo tempo, como um bicho raro defendendo exotismos e como um ex-guerrilheiro arrependido de suas travessuras que não quer mais saber de incomodar ninguém. Um homem perto do qual, os simples mortais engajados em atividades políticas não passam de irrecuperáveis moralistas a cometer caretices pelo Brasil afora. Não que Gabeira pense assim, mas o sistema também se sustenta na base de mitos.

Odilon Bec,
Porto Alegre, RS

Tarso Fernando Genro OAB 5627
Luis Ulysses de Pauli OAB 7819

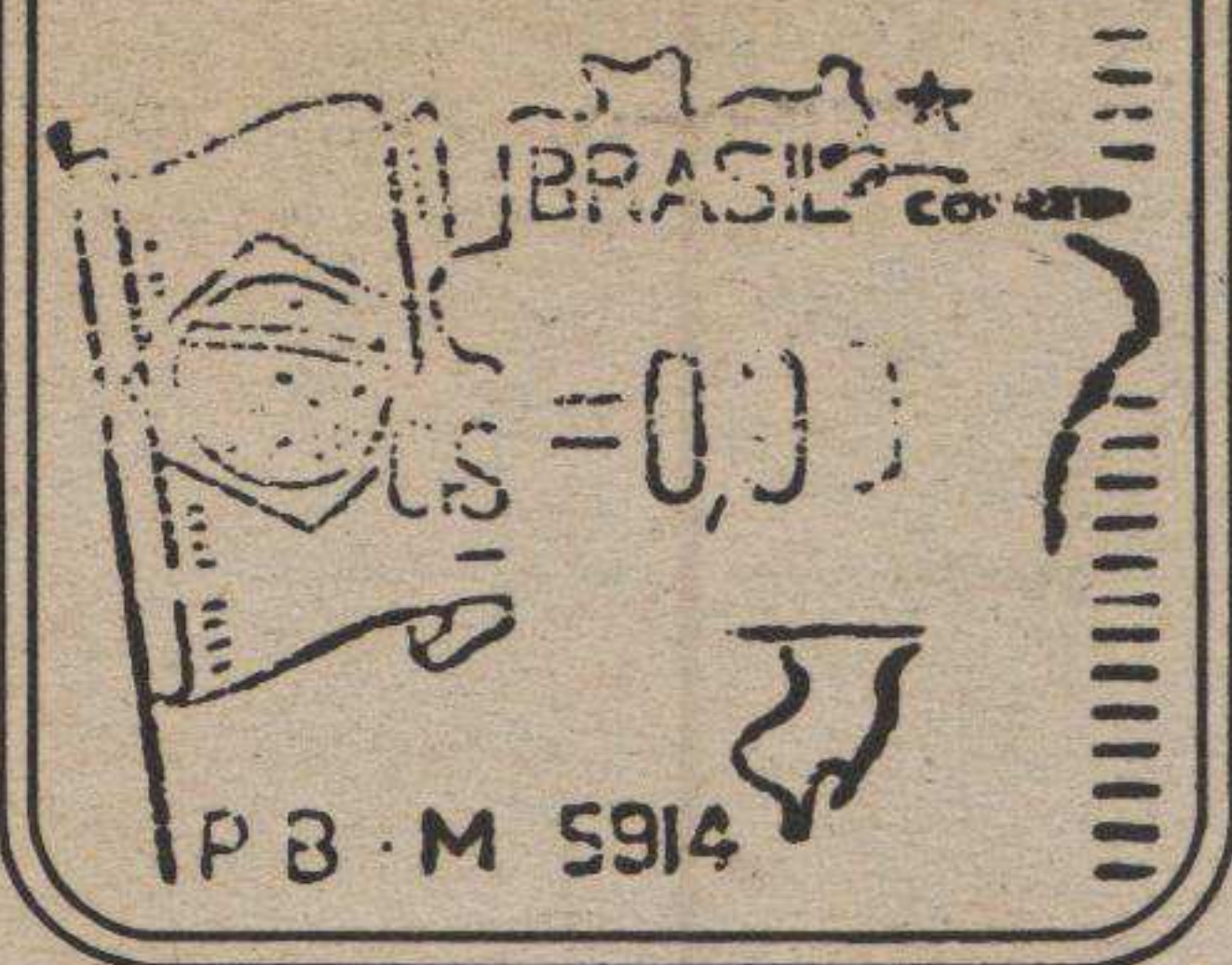
Advocacia Trabalhista de Empregados

Vig. José Inácio, 368 cj. 503
De segunda a quinta das 17:00 às 19:00 horas.
fone: 25-5996

Mario Chaves
Carlos Franklin Araújo
Vera Lucia Kolling

ADVOCACIA DE EMPREGADOS

Andrade Neves, 155 conj. 35/36
fone: 24-3159 Porto Alegre



Um protesto contra o "caso Anchieta"

"Minha intenção inicial era escrever uma carta cumprimentando os diretores do Colégio Anchieta de Porto Alegre pela firme defesa do método de ensino aplicado naquele estabelecimento, a despeito das pressões movidas por pais de alunos. Mas meu entusiasmo arrefeceu ao tomar conhecimento do vergonhoso desfecho do episódio, no qual um dos professores do colégio, Selvino Heck justamente o mais visado pelas pressões, foi despedido por 'questões administrativas', no início do ano.

Há algum tempo soube de uma reunião sigilosa entre os pais que queriam 'acabar com o ensino marxista ministrado no Anchieta' e a direção do colégio, em que os primeiros se comprometiam a 'baixar a bola' em troca da cabeça de dois professores. Não acreditei, afinal a direção do colégio estava agindo com a maior dignidade na defesa de seus professores.

Nó entanto, pude constatar que as críticas ao colégio, que tinham franca acolhida nos jornais gaúchos, desapareceram. Até o colunista Hilário Honório, da *Folha da Tarde*, porta-voz da ala mais reacionária da direita, deixou de lado seu prato predileto, justamente as denúncias contra a 'lavagem cerebral comunista' verificada no Anchieta. Até que um dos dois professores apontados pelos pais foi despedido.

Ou seja, a direção do Anchieta, que se diz seguidora dos princípios aprovados

em Puebla, apequenou-se frente ao poderio do grande capital, este preocupado com que seus filhos não fossem atingidos pelo 'verme comunista', quando o que era feito no colégio era apresentar a realidade brasileira tal como ela é. Comenta-se, nos círculos religiosos, que o cardeal Vicente Scherer teria influído na decisão do Anchieta, mas isto não absolve seus diretores do verdadeiro fiasco cometido."

Lauro Balzetti
Porto Alegre, RS

Nacional, mesmo, só o ar que respiramos

"Na seção de cartas do *Jornal do Brasil* de 18 de dezembro li o comentário sobre a compra da linha Rio-São Paulo da empresa Unica pela Itapemirim e o comentário adicional de 'justo orgulho' pelo 'fato de ser a Itapemirim uma empresa nacional'.

Infelizmente devo esclarecer que isso

já não é verdade, de vez que, há uns dois ou três anos, a Itapemirim passou para o controle da Shell, que também detém o controle dos postos e motéis Flecha. E a Itapemirim adquiriu o controle da empresa de ônibus Nossa Senhora da Penha...

Outras empresas deixaram de ser nacionais e poucos o sabem. Menciono como exemplos:

- a Walita que pertence à Phillips;
- a Consul (refrigeradores) também da Phillips;
- a água mineral São Lourenço, explorada pela Pernier, francesa;
- a Dreher, vinhos, da Heublein.

Alguns não escondem, como o Banco Lar Brasileiro que é do Chase Manhattan Bank e deixou de ser 'Brasileiro'. Mas muitos mudaram de nacionalidade e ainda vendem seus produtos com o prestígio do nome nacional, como o 'Colírio Moura Brasil' (Richardson-Merrel) ou 'Laticínios Poços de Caldas', da Danone. Outros talvez nunca foram brasileiros e seu nome apenas engana, como a Brinquedos Estrela ou a Sanbra-Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro.

Nacional mesmo só o ar que respi-

ramos e assim mesmo se não for refrigerado."

R.S.F.
Rio de Janeiro, RJ

A reforma agrária pode resolver o problema do menor

"Lendo o *Coojornal* de janeiro, refleti um pouco e cheguei à conclusão de que a marginalização do menor, hoje no Brasil, não é somente um produto da sociedade injusta.

Não, o marginal, o *trombadinha*, este não está assim unicamente por causa da sociedade cruel. Pois num país onde não se faz 'absolutamente nada' para evitar o êxodo rural, num país onde não existe uma reforma agrária que fixe o homem no campo, trabalhando e produzindo condignamente, a culpa não é só da sociedade injusta, mas sim do sistema, cruel e desumano, e do desrespeito do governo para com o povo brasileiro. Afinal, são 16 anos em que este governo permanece incrustado no poder sem fazer 'absolutamente nada'.

A solução está lá no interior, com o agricultor. É de lá que provêm os cinturões de miséria que hoje cercam nossas grandes metrópoles. É de lá que vieram os marginais, ou melhor, é de lá que vieram os trabalhadores, que aqui se tornaram marginais, e seus filhos, menores carentes.

Creiam vocês, não bastam apenas Cr\$ 200,00 por ano para cada menor carente, esta quantia vergonhosa não dará um basta no problema.

Há que se promover, isto sim, uma reforma agrária e uma assistência mínima ao agricultor, vindo desta forma a fixá-lo no campo.

Mas, no entanto, o governo brasileiro não faz 'absolutamente nada'. Na verdade, atualmente ele não vem mais se preocupando em tentar resolver os problemas da nação, sua única preocupação é a de manter-se no poder, custe o que custar."

Zanoni Silveira
Canoas, RS

As cooperativas nos países subdesenvolvidos

O que uma cooperativa pode fazer na economia de um país do Terceiro Mundo? As cooperativas podem realmente contribuir para a mudança de estruturas econômicas? "Cooperação e Desenvolvimento" é um raro livro sobre o papel das cooperativas, analisando estes assuntos em profundidade. São 240 páginas de informação e análise sobre a importância deste sistema econômico para a estratégia de crescimento de um país como o Brasil.



Uma co-edição COOJORNAL e ASSOCENE

O autor, Dieter W. Benecke, aprofunda estudos sobre a economia dos países em desenvolvimento; o que se pode esperar das cooperativas neste processo; os fatores positivos e negativos da atividade cooperativa; o Estado controlador da atividade cooperativa; a busca de novos caminhos para superar o fracasso da política de desenvolvimento nos países capitalistas e socialistas.

Preencha o cupom anexo e remeta-o, junto com vale-postal ou cheque, para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — 90000 — RS

Solicito enviar.....exemplar (es) do livro "Cooperação e Desenvolvimento", ao preço unitário de Cr\$ 350,00 cada.

Nome:.....

Endereço:.....

Cidade:.....Estado:.....CEP:.....

Rituais (e Cr\$ 20 milhões) contra o caos e o crime

O governo gaúcho
bota muito dinheiro
na Defesa Civil

No horário marcado, cessam as conversas e os olhares voltam-se para a figura do coordenador: "Dando início aos trabalhos, solicito aos voluntários que se ponham de pé para que, juntos, profiramos a oração de abertura". Os voluntários fazem coro: "Invocamos a Grande Luz do Amor Universal, que é Deus. Estamos reunidos para reavivar em nossos corações a chama da solidariedade, tornando-nos voluntários da Defesa Civil". O coordenador completa: "Sentemo-nos".

Está iniciando mais uma reunião semanal de um dos quase 40 Núcleos Comunitários de Defesa Civil (Nudec) surgidos em Porto Alegre nos últimos meses. A finalidade destes núcleos, que se constituem numa iniciativa pioneira no país, é prevenir ou amenizar os efeitos de calamidades públicas, como furacões, inundações, terremotos, secas, incêndios, erupções vulcânicas e poluição. Mas não fica nisso: os Núcleos se intitulam também combatentes contra o uso de tóxicos, a pornografia e o crime em geral, "preservando a moral da população".

O primeiro Núcleo Comunitário foi formado em julho do ano passado, no Bairro Ipanema, sob a presidência do vice-chefe da Casa Militar do Governo do Estado,

coronel PM Heitor Sá de Carvalho, o principal incentivador da Defesa Civil. As estratégias dos núcleos estão incluídas nos *Princípios Básicos Imutáveis*, criados pelo Nudec de Ipanema e adotados pelos demais. Em relação às calamidades consideradas naturais, como inundações, secas e terremotos, os Núcleos armazenam roupas e mantimentos para distribuir entre as populações atingidas.

Para combater as calamidades humanas, como criminalidade, tóxicos e crises sociais, a atuação é definida por um dos *Princípios Básicos*: "A proteção à família contra elementos perniciosos que procuram introduzir costumes e práticas desagregadoras e aviltantes deve ser preocupação permanente dos voluntários que integram o Nudec". Os membros não devem recuar nem mesmo diante da delação: "O combate a tais elementos deve ser constante e permanente, fazendo-se chegar à autoridade competente todas as informações que permitam retirá-los de circulação, preservando, assim, nossas famílias da ação nefasta que tais marginais a elas buscam causar".

Os princípios básicos também contêm a terminologia a ser utilizada pelos membros dos núcleos durante as reuniões. Logo após o início dos encontros semanais, dois voluntários procedem a leitura do *Grande Diálogo*, repleto de termos de significado próprio. Assim, *Facho de Luz* significa solidariedade humana, *Archotes* representam os lares, *Lumes* são os pais, *Flamas*, as mães, *Fagulhas* são os filhos e *Acendimen-*



Por amor a mim, meu
pai, comece agora a
reunir a família uma
vez por semana para
pensar, para conversar,
para uma prece.

Rituais também entram na escola

to do Archote significa a reunião e harmonia do lar.

— Já fomos confundidos com TFP — afirma o advogado Arno Eick, secretário do Nudec de Ipanema. Foi durante uma reunião com representantes do interior do estado para difundir a importância da criação dos núcleos comunitários. Mas explicamos que o nosso trabalho está voltado para fortalecer a solidariedade humana,

partindo do entendimento familiar.

São em número de 20 os *Princípios Básicos Imutáveis*, entre eles a obrigatoriedade do culto de símbolos nacionais, o respeito às autoridades constituídas, a proibição da discussão de temas político-partidários e religiosos durante as reuniões, a difusão e incentivo ao interesse pelas artes e trabalhos construtivos, o repúdio à violência como forma de resolver os problemas quaisquer que sejam suas origens e a rejeição à indolência e aos preconceitos.

Os Núcleos fazem parte dos sistemas municipais de Defesa Civil que, por sua vez, são subordinados à Coordenadoria Estadual de Defesa Civil. Atualmente existem Comissões Municipais em 81 municípios gaúchos e o Governo do Estado em breve vai iniciar uma intensa campanha publicitária para difundir o interesse pela Defesa Civil, através dos órgãos de comunicação. Segundo informações dos meios publicitários, existe uma verba de Cr\$ 20 milhões para a campanha.

Além disso, a Coordenadoria Estadual conseguiu junto à Secretaria de Educação que a Defesa Civil passe a ser matéria extracurricular nas escolas públicas. Para isto, foram imprimidas cartilhas ilustradas, sob patrocínio do Montepio da Brigada Militar, contendo os preceitos da Defesa Civil, "a união de todos, o povo e governo, para a solução dos problemas comuns". O texto é de autoria do coronel Heitor Sá de Carvalho.

— Entendemos que as comunidades devem se organizar em busca de auto-proteção e a única forma é através da solidariedade humana. Nossa meta é fazer um núcleo ou até mais de um em cada bairro num trabalho essencialmente voluntário. Queremos nos somar às entidades comunitárias já existentes, só que mais voltados para a Defesa Civil — afirma o coordenador da Área Operacional de Defesa Civil, capitão PM Vilson Silva dos Santos.

RAFAEL GUIMARÃES

A Cotrijuí
está juntando
a semente
do
Cooperativismo
e as
sementes da
Policultura.
Imagine os
frutos
que isso vai
dar.

As sementes do Cooperativismo, tão boas por si mesmas, agora prometem frutos ainda melhores com o desenvolvimento da nossa maior meta: a Policultura.

A Policultura é o caminho onde está a solução que buscamos para a nossa agricultura. Possibilitando o aumento da produção em solos não exauridos, melhorando nossas safras, bem como a vida do agricultor que planta e colhe com maior segurança e maior lucro. Plantando de tudo e comercializando de tudo. Para os brasileiros, a Policultura representa uma mesa mais farta e diversificada. Para o Brasil, a redução das importações e dos problemas que as acompanham, tornando este País grande pelo que planta.

Os associados da Cotrijuí estão conscientes da importância dessa ação para a nossa agricultura e para a nossa economia. E têm orgulho dos frutos que vão colher.

Analisem conosco. Plante conosco. Cresça conosco.



COTRIJUI

A FORÇA DA UNIÃO.

Respeito ao Homem, à Terra e ao Futuro.
Policultura é isso.



Trinta mil burocratas no olho da rua

O que acontecerá quando a oposição chegar ao Piratini

Washington caiu numa profunda depressão tão logo foi confirmada a vitória de Ronald Reagan sobre Jimmy Carter. A razão era óbvia: 2.700 ocupantes de cargos de confiança teriam que procurar novo emprego, abandonando posição e mordomias. No Rio Grande do Sul, onde a vitória da oposição está praticamente assegurada para 1982, haverá uma completa vassourada nos cargos de confiança. Trinta mil burocratas — alguns deles há dezesseis anos no seu cargo — irão para o olho da rua, prevendo-se que o Rio Grande do Sul, especialmente Porto Alegre, mergulhará numa fossa bem mais funda que Washington.

"Vai ser um Deus nos acuda", prognostica o ex-chefe da Casa Civil João Dêntice, ex-membro do governo Peracchi Barcellos, hoje no Partido Popular. As oposições, embora não tenham um projeto acabado de administração estadual, afirmam que dispensarão todos os funcionários FG (função gratificada) e CC (cargo em comissão), que se acotovelam nas oito autarquias, 21 sociedades de economia mista, doze secretarias e onze fundações. Isso sem contar as treze empresas privadas onde o Estado tem participação minoritária. Para Ítalo Silveira, assessor da Assembleia Legislativa, o que aconteceu com a máquina estadual foi um "inchaço".

A explicação do fenômeno é simples: quando o coronel Euclides Triches — o segundo governador nomeado após 1964 — assumiu, não dispensou nenhum dos funcionários de confiança trazidos pelo seu antecessor, o coronel Peracchi Barcellos. Pelo contrário, juntou-os aos seus e passou-os todos ao seu sucessor. Synval Guazzelli não fez por menos: transferiu os FG e CC de Peracchi, Triches mais os seus ao atual governador. A máquina inchou ainda mais com a equipe convocada por Amaral de Souza mas no final de 1982, dificilmente deixará de explodir.

"TODOS SÃO COMPROMETIDOS"

"Vamos ter uma debandada daquelas", adianta o deputado federal Alceu Collares, do PDT, provável candidato do partido ao Piratini. Para ele, "todos têm que sair, pois estão comprometidos com a minoria que desde o Império detém o poder". O senador Pedro Simon, do PMDB, candidato mais forte ao governo estadual, quer um levantamento da situação dos cargos comissionados para saber se são necessários, mas já antecipa: "Certamente, muitos deles serão extintos".

Simon garante que o PMDB procurará as pessoas mais qualificadas, "que existem tanto nos quadros do partido quanto noutros segmentos da sociedade". Collares lembra que um governador eleito, ao contrário do indicado, tem autoridade moral para fazer certas exigências: "Não vamos eleger um governador para ele, depois, aceitar a imposição pelo poder central de seu secretário de segurança". E Anselmo Amaral, assessor do PMDB, sugere a união



dos governadores eleitos pela oposição para irem junto a Brasília exigir as coisas".

Collares antecipa que os bancos oficiais, ao invés de promoverem os grandes produtores, passarão a destinar recursos aos pequenos produtores e às empresas de menor porte. Preocupado, Simon quer que seja feito um levantamento de todos os cargos FG e CC, "antes mesmo da posse do futuro governo". Algo que não será muito fácil. Nem mesmo o governo sabe quantos servidores possui. Calcula-se que não sejam menos de 153 mil. O próprio secretário de Administração, Olímpio Tabajara, admite que o cadastro geral dos servidores ainda está sendo feito e que "talvez fique pronto antes do final do ano. Se Deus quiser".

Mas, antes disso, a oposição andou ensaiando para 1983: o deputado Aldo Pinto, do PDT, tentou extinguir quatro empresas estatais — Cedec, Cedro, Cotepe e CrTur — mas o governador vetou o projeto. Amaral de Souza alegou que as quatro companhias são regidas pela Lei das Sociedades Anônimas e, portanto, só poderiam desaparecer por decisão da maioria dos acionistas em assembleia. E contratou um advogado para propor a criação da Companhia de Participações do Estado, logo vetada pelos deputados.

A oposição acena com outras promessas para janeiro de 1983 que, caso não surja outro pacote de abril, lhes garantirão alguns votos preciosos em 1982. Um exemplo: tanto PDT quanto PMDB estão dispostos a permitir que os próprios professores escolham os diretores das escolas públicas, reivindicação bloqueada até agora. Mas, ao mesmo tempo, os oposicionistas admitem que terão de conviver com alguns quistos inextirpáveis. Muitos deles no Tribunal de Contas do Estado que, segundo a oposição, já serviu para acomodar um bocado de gente principalmente logo após o movimento de 1964 quando a

aposentadoria — sempre por motivo de saúde — não tardava mais do que poucos dias após a nomeação.

Sérgio Becker

Vale-tudo na luta pelo Ibope

Com a ajuda das pistolas de Ronald Reagan e de golpes de caratê, além de uma boa dose de esperteza, a TV Pampa, canal 4, de Porto Alegre, conseguiu atingir — sete meses depois de sua inauguração — o segundo lugar no Ibope do disputado mercado porto-alegrense, onde, além dela, operam outras quatro emissoras. Levando ao ar uma programação destinada basicamente às crianças, a Pampa reaproveitou velhos filmes e seriados enlatados do início da década de 60. E diariamente ameaça a outrora imbatível TV Gaúcha, retransmissora da Globo do Rio, com velharias como Daniel Boone, Perdidos no Espaço e Daktari.

Gastando somente Cr\$ 85 milhões na sua instalação, com uma programação baratíssima e uma folha de pagamento bastante baixa, a Pampa já passou para trás a TV Guaíba, que investiu muito dinheiro antes de entrar no ar, a TV Difusora, retransmissora da Bandeirantes, e a pouco competitiva TV Estado. Desde o segundo mês de funcionamento, a Pampa dá lucro e rapidamente se transformou no carro-chefe da Rede Riograndense de Emissoras, cujas rádios Caçara AM, Universal FM e Univer-

sal FM de Santa Catarina ocupam o primeiro lugar no Ibope.

— É tudo uma questão de colocar o programa certo no buraco certo. Não tem mistério: se você descobre o burquinho, chega fácil em primeiro — diz, com orgulho, o diretor de programação da TV, Gilberto Lessa, 38 anos.

Lessa foi a São Paulo e ao Rio e, em uma semana, comprou os enlatados que, nos anos 60, eram apresentados em horário nobre e já não interessavam a nenhuma emissora. Entusiasmadas com as antigas séries e desenhos animados, as crianças que ligam a TV Pampa estão lhe garantindo algumas vitórias. Às 17h30min, por exemplo, os desenhos Pica-Pau e Popeye disputam arduamente o primeiro lugar contra o caríssimo Sítio do Pica-Pau Amarelo, da Globo e, às vezes, vencem.

— Seria suicídio imitarmos o que os outros fazem melhor. Por isso, procuramos fazer o que eles não fazem — garante Otávio Gadret, 33 anos, espécie de self-made-man dos meios de comunicação gaúcho e dono da Rede Riograndense de Emissoras.

JOGADAS OPORTUNISTAS

Gadret conseguiu montar um pequeno império em menos de dez anos de trabalho, graças a jogadas oportunistas. É bem verdade que ele começou a trabalhar com apenas 11 anos, como locutor-mirim da Rádio Farroupilha. E cinco anos depois já vendia anúncios para a Rádio Difusora para mais tarde, aos 18, abrir uma agência de publicidade. Mas sua carreira como empresário das comunicações só começou em fins de 1970, quando vendeu o seu Kharman-Ghia para comprar a falida Rádio Caçara, então com apenas meio quilovate e hoje a estação AM mais ouvida de Porto Alegre.

Na Caçara, na Pampa AM, na Universal FM e na TV Pampa, Gadret sempre usou a mesma tática. Trabalha com o mínimo possível de profissionais no jornalismo, paga salários reduzidos e dirige a sua programação a um público específico: às classes C e D, nas rádios AM, à classe B, na FM e às crianças, na TV Pampa. Além disso, seu departamento comercial descobriu um novo filão: o anúncio dos magazines da periferia de Porto Alegre.

Durante seus três primeiros meses de transmissão, a TV Pampa simplesmente não dedicou nenhum espaço ao telejornalismo. Denunciada ao Dentel, colocou no ar, em outubro, o telejornal Panorama. Transmitido por volta das 24 horas e reapresentado às 7h30min da manhã seguinte, o telejornal é alimentado basicamente por matérias oficiais.

Para enxugar os gastos do telejornalismo, a Pampa faz coisas, no mínimo, arriscadas, entre elas levar ao ar uma entrevista feita pelo palhaço Tampinha — figura de ligação entre os desenhos e seriados apresentados à tarde — com o prefeito Guilherme Vilela. De roupa colorida, cara pintada e tudo, Tampinha entrevistou Vilela no Parque Marinha do Brasil. A Câmera não mostrou o entrevistador improvisado, mas o telespectador viu o prefeito falando diante de um microfone segurado por uma luva já conhecida da programação vespertina.

Dois outros típicos lances da Pampa: apresentar, no dia da posse de Ronald Reagan, o filme Com a Lei e a Ordem, dos tempos em que o atual presidente dos Estados Unidos era cowboy em Hollywood e colocar no ar, pela primeira vez na televisão, O Dragão de Shao-lin, um filme de caratê responsável pelo recorde de audiência da emissora.

Eduardo Bueno

advogados

HELIO ALVES RODRIGUES

oab 3975 cpf 001520800/15

JULIO CÉSAR ALVES RODRIGUES

oab 3408 cpf 001520990/34

RUA ANDRADE NEVES, 155

conj. 71 e 72

phones: 24-8616 e 8035

RONALDO MOREIRA BRUM
PSIQUIATRA

CREMERS 2773

CPF 004705460/34

AV. OSWALDO ARANHA, 1092
APTO 21 — FONE: 24-9542

Lia Colossi
Advogada

CAUSAS CÍVEIS

OAB 11.505 Seção RS
Dr. Flores, 106 Conj. 812
F. 25.0509

Cordeiro, um liberal no Estado Novo

O Rio Grande
no tempo do governo
Cordeiro de Farias

A melhor definição para o período em que Oswaldo Cordeiro de Farias foi interventor do Rio Grande do Sul, (1938-1943, no Estado Novo), partiu do jornalista Assis Chateaubriand: "Os gaúchos tinham conhecido o estado autoritário durante a liberal democracia e só foram conhecer a liberal democracia durante o estado autoritário". Antes de tudo, a frase constitui um elogio ao temperamento de Cordeiro de Farias que, durante os cinco anos que administrou o Rio Grande, manteve-o distante da turbulência política característica do Estado Novo.

Quando foi escolhido por Getúlio Vargas para substituir Daltro Filho, Cordeiro de Farias já cumprira uma larga atividade política. Participou da Revolução de 1923 ao lado dos revoltosos quando quase morreu num desastre aéreo. Arrojado, Cordeiro pilotava um avião em vôos rasantes sobre a cidade de Santa Maria completamente às escuras. No ano seguinte aderiu à Coluna Prestes, como um de seus chefes. Em 1930 fez parte da Revolução Constitucionalista ao lado de Vargas e, antes de assumir o governo, era chefe do Estado Maior do agrupamento militar responsável pelo Sul do país.

Sua nomeação causou surpresas nos meios políticos gaúchos, pois o nome mais indicado era o de Maurício Cardoso, chefe de gabinete de Daltro Filho.

FINANÇAS EM DIA

Trouxe o médico gaúcho Bonifácio Costa, formado no Rio de Janeiro, para o Departamento de Saúde Pública, que criou postos de saúde em quase todos os municípios do estado. Entregou a Secretaria da Fazenda ao advogado Oscar Fontoura que conseguiu, pela primeira vez em muitos anos, colocar as finanças do estado em dia. Escolheu o libertador Valter Jobim para a Secretaria de Obras Públicas, dinamizou o recém-criado Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem que, durante a sua administração funcionou como nunca, e criou o Instituto de Tecnologia.

Mas as mudanças mais sentidas de seu governo ocorreram na área da educação. Foi ele quem assinou o decreto proibindo a alfabetização em outros idiomas, numa época em que, por causa da forte colonização alemã, existiam muitas escolas que não ensinavam a língua portuguesa. A providência provocou reações negativas, mas foi adotada, implacavelmente pelo então secretário José Pinheiro Coelho de Souza, o único membro de seu secretariado que ainda vive.

"Cordeiro de Farias era radicalmente antifascista e era muito combatido pelos nazistas que, no tempo da Guerra, existiram em grande número no estado", diz ele. Além da nacionalização da alfabetização, o Governo adotou outras medidas no ensino, segundo Coelho de Souza. "Em primeiro lugar, demos prioridade à cons-



Arquivo Coojornal

Cordeiro: discreto e independente

trução de novos prédios escolares e, em segundo, implantamos o ingresso no magistério por concurso, já que antes ele se dava em troca de favores políticos".

"VOU VOLTAR A LUTA"

O único problema que Cordeiro de Farias enfrentou foi no início do governo, com a demissão do secretário da Agricultura Viriato Dutra, depois que Getúlio Vargas assinou um decreto proibindo a produção de açúcar no Sul, para não prejudicar o Nordeste. Dias antes, Viriato Dutra dera seu apoio a um grupo de produtores de cana que pretendiam construir usinas no interior do estado.

Cordeiro de Farias era um homem cordial e, principalmente, discreto. Evitava falar de Luiz Carlos Prestes, com quem rompeu relações quando este aderiu ao Partido Comunista, e nunca mencionava o nome do Washington Luís, presidente deposto por Vargas. Administrou o estado da forma mais independente possível do Governo Federal até que um dia, em meados de 1943, foi ao Palácio Piratini, sede do governo gaúcho, vestindo sua farda ao invés do tradicional terno cinza e anunciou: "Vou voltar à luta". Havia pedido reintegração ao Exército para lutar contra os fascistas na Itália. Vargas aceitou o pedido e nomeou Ernesto Dornelles para seu lugar.

(*) Oswaldo Cordeiro de Farias nasceu em 1901 em Jaguarão, na fronteira com o Uruguai, e morreu no dia 17 de fevereiro de 1981 no Rio. Na década de 20, conspirou para derrubar o presidente Artur Bernardes. Nos anos seguintes, teve uma intensa vida política, culminando na Revolução de 1930 que conduziu Getúlio Vargas ao Poder. Ao lado de Vargas combateu o levante paulista de 1932. Durante o Estado Novo (1937-1945) continuou fiel ao presidente. Depois foi à Itália com a Força Expedicionária Brasileira para lutar contra o fascismo. Na volta, levou a Vargas a notícia de sua deposição. Em 1954, foi eleito governador de Pernambuco. Conspirou contra o Governo João Goulart em 1964 e, após o

golpe, foi nomeado ministro do Interior. Depois disso afastou-se do poder mas não da política: sempre que achava conveniente ia ao Planalto dar a sua sugestão ou, como fez muitas vezes, interceder em favor de perseguidos políticos.

R.G.

Dedo do Planalto no Conselho de Censura

Por que o Conselho Superior de Censura alterou sua política liberalizante ao examinar o filme *Estado de Sítio*, de Costa Gavras? Para os representantes liberais no Conselho — Pompeu de Souza, dos jornalistas; Geraldo Sobral, dos cineastas; e Ricardo Cravo Albim, dos produtores de rádio e TV — o Governo, pela primeira vez, exigiu de seus sete conselheiros que votassem a favor dos cortes.

O Planalto fez mais: na véspera da reunião do Conselho, nomeou mais dois conselheiros — um novo presidente para o CSC, Euclides Mendonça, chefe de gabinete do ministro Abi-Ackel, da Justiça, e o representante do Conselho Federal de Educação, Heitor Gurgulino. Uma maneira de assegurar novas adesões ao parecer do relator, o coronel Pedro Paulo Wandek, para quem *Estado de Sítio* é obra "de indiscutível tom panfletário".

O recuo do Conselho — que já liberara sem cortes filmes como *Mimi*, o *Metalúrgico*, *Z*, *Sacco e Vanzetti* e *O Império dos Sentidos* — foi visto com ironia por um dos conselheiros liberais. "Parece — comentou — que Arabela é a única representante do Governo que usa calças compridas". Arabela Chiarelli, representante da Funabem e esposa do deputado gaúcho Carlos Chiarelli, do PDS, votou pela liberação total na primeira reunião do Conselho. Na segunda, mudou de voto mas explicou: "só votaria pelos cortes porque pertencia a um órgão governamental". Sua posição pessoal ainda era a favor da liberação.

Filmado no Chile durante o governo Allende, *Estado de Sítio* reconstitui os seqüestros do agente da CIA, Dan Mittrione, e do cônsul brasileiro, Aloísio Gomide, ambos no Uruguai. Entre as cenas suprimidas pela tesoura do Conselho está o interrogatório do prisioneiro norte-americano por um tupamaro, onde são feitas duras críticas ao movimento de 1964.

Foram retirados também os *closes* na bandeira brasileira e no lema "Ordem e Progresso", pano de fundo de uma aula de tortura. Mais duas tomadas foram suprimidas: uma conversa entre jornalistas onde é pronunciada a frase "Governo militarista e carniceiro do Brasil" e o *close* da mala com os dizeres "Mala Diplomática do Brasil", portando um aparelho para produzir choques elétricos, que alude a participação do Brasil na remessa de *know-how* de tortura ao Uruguai.

O diretor Costa Gavras tolerou o corte da bandeira, "por compreender os sentimentos nacionalistas do povo brasileiro", segundo carta que enviou ao conselheiro Pompeu de Souza, mas ainda não se sabe como reagirá ao saber que a tesoura picotou ainda mais o seu filme.

A.P.



Que la fortaleza de la Virgen nos dé fuerza para seguir buscando a nuestros hijos detenidos desaparecidos. Que ella haga realidad la verdad frente al silencio y la justicia frente a los detenidos sin proceso ni causa

Hijo te espero

Pietà conta drama argentino

Um símbolo gaúcho para Las Locas

As mães argentinas conhecidas mundialmente como *Las Locas de Plaza de Mayo*, que exigem do regime militar uma resposta para o paradeiro de seus filhos, têm agora um símbolo de seu movimento. Seu autor é o cartunista gaúcho Santiago, de 30 anos, há seis fazendo uma charge diária para o jornal *Folha da Tarde*. Quando *Las Locas* estiveram em Porto Alegre para encontrar-se com o Papa João Paulo II, Santiago publicou uma versão da Pietà com o filho apenas esboçado, numa evidente alusão ao drama argentino.

Las Locas resolveram copiar o desenho do cartunista gaúcho, transformando-o numa espécie de cartão-símbolo de seu movimento. Foi a terceira boa notícia recebida por Santiago nos últimos meses. No final de dezembro, ele soube que fora premiado no maior salão de desenhos de humor do Japão. Dias antes, havia sido convidado para parafinar a turma de formandos em Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria, fato ocorrido pela primeira vez com um cartunista no Rio Grande do Sul.

M.C.

ASSINE O
COOJORNAL!



**Luiz Carlos
Calachi Moraes**
Advocacia Trabalhista
P/Empregados

Andrade Neves, 159 sala: 64
fone: 33-5445
Edifício Amazonas

Omar Ferri
Advogado

OAB 2406 CPF 004117520
Uruguai, 155 cj. 1306
fone: 25-4119
Horário: 10 — 12hs
16,30 — 18,30 hs.
Porto Alegre RS

Luiz Goulart Filho
OAB 7182 CIC 183730030/53
Hélio Goulart
OAB 12.600 CIC 220083570/15

Advogados

Horário: Das 10,30 às 11,30 e
Das 17,00 às 19,00 hs
Demétrio Ribeiro, 1078 cj. "B"
fones: 25-8393 33-6476

**Geraldo Nogueira
da Gama**

Advogado

OAB 5951 CPF 059035050/15
Rua Uruguai, 155 cj. 1306
fone: 25-0154
Porto Alegre RS

Sinais de agosto

Teria sido o mês de fevereiro último, um mês sombrio para a política brasileira? A julgar pelo noticiário normal e pelas análises de alguns comentaristas da grande imprensa, tudo indica que sim, que a coisa está feia, que a crise político institucional está aí e que, por ser tão grande a confusão, até o calendário gregoriano foi mexido e o mês de agosto passou para o início do ano, com todos os seus azares tradicionais.

As notas dos ministros militares, condenando o que classificaram de *revanchismo* por parte de ex-prespos políticos anistiados, foram os sinais básicos para que se deflagra-se a onda de maus presságios sobre o País e, principalmente, sobre o projeto de abertura do governo de João Figueiredo. A abertura corre risco? Muita gente passou a achar que sim e, como sempre, buscou-se à esquerda os bodes expiatórios para o possível fechamento.

Mas ainda faltavam alguns argumentos para justificar tanta teoria alarmista, agoureira. E eles acabaram vindo. E sendo esgrimidos com muita habilidade. Dois deles se destacaram: a condenação de Lula e seus companheiros metalúrgicos e a mensagem do presidente ao Congresso Nacional, onde havia uma referência, uma insinuação de que a ausência de negociação entre as partes integrantes do jogo político poderá levar-nos, a todos, a uma espécie de impasse, difícil ou impossível de resolver.

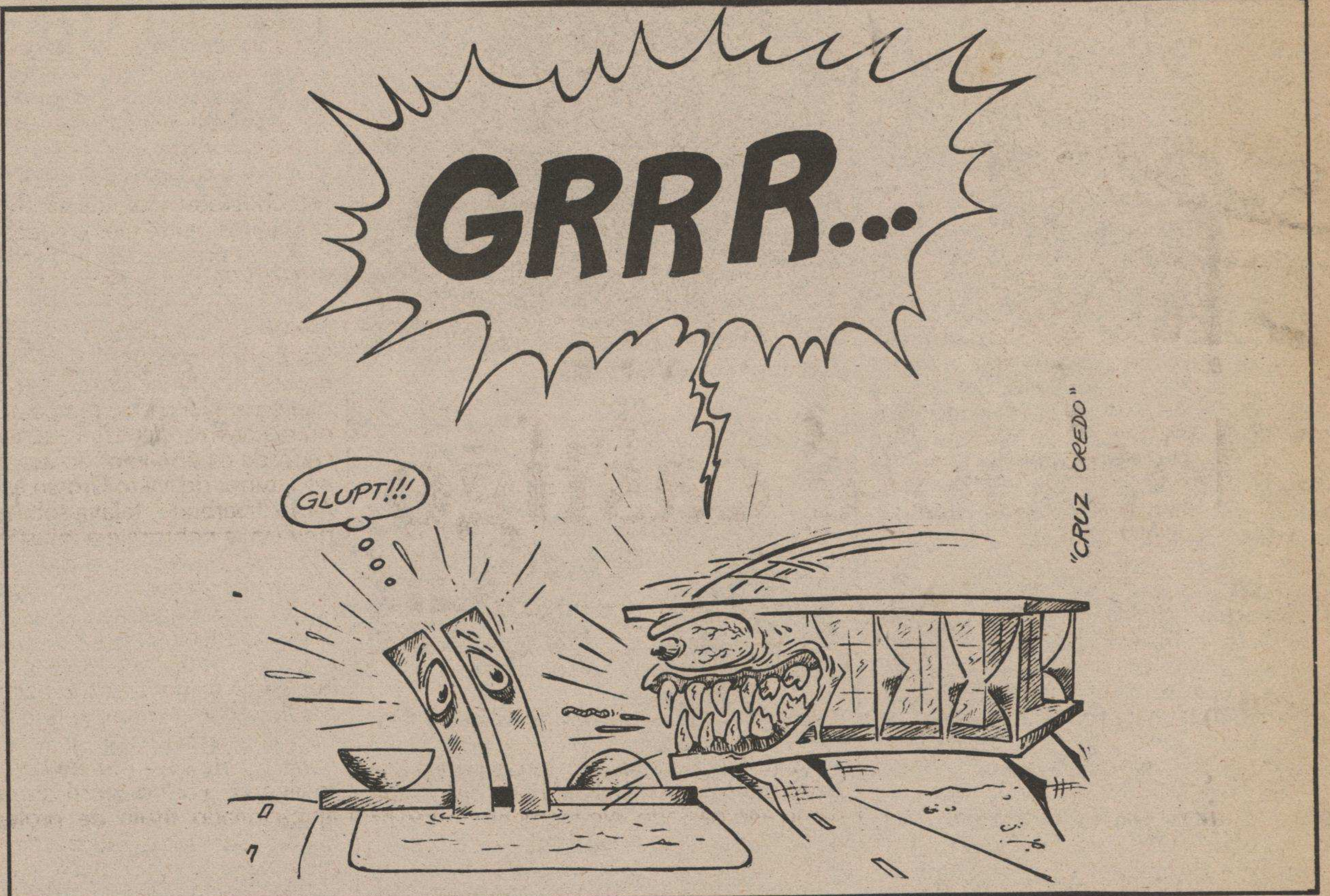
Vamos por partes: primeiro é preciso ter sempre em conta que, no jogo político brasileiro, o fechamento é hipótese que em momento algum sai de cena. Portanto, enganaram-se os que pensaram que redemocratização total pode conviver com leis de exceção. A permanência do lote de leis de exceção mostrou sempre que o projeto de abertura tinha limites, os fixados por estas próprias leis.

Depois, esteve sempre bem claro também que o governo, patrocinador e principal interessado nesses projetos de abertura, iria lançar mão de suas leis arbitrárias, sempre que precisasse. Quem pagou para ver, pagou e viu. Neste particular, não cabe choro nem romantismos. Por isso, a condenação dos metalúrgicos não desmascarou a abertura. Simplesmente porque não havia o que desmascarar. Lula e seus companheiros, além de sindicalistas, estão organizando um partido político. Contrário ao governo e que tem recebido sorrisos simpáticos por parte de setores da classe média e de setores da Igreja. O governo não está disposto a facilitar as coisas. Então, tendo leis a seu favor, utiliza-as sempre que alguém dorme no ponto.

INTIMIDAÇÃO

O conjunto de ações do governo neste início de ano, portanto, pode muito bem ser classificado como um movimento de intimidação aos setores oposicionistas do País. Uma intimidação muito bem articulada e com bastante espaço para repercussão. A intimidação tem sua retórica e está sendo exercida no limite pelos políticos governistas encarregados de defender a idéia oficial. O alvo principal desta retórica são os setores *assustáveis* da oposição. Capazes de, influenciados, tomarem atitudes moderadas, conciliatórias, favoráveis às intenções de quem está no poder e quer permanecer nele a todo o custo.

Todos sabem — e o governo também — que 1981 será



um ano difícil. Há muita coisa para ser discutida e votada durante o período legislativo e ninguém poderá prever com certeza o resultado final de muitas votações. Nem o governo, e ele sabe disso. Daí que o movimento de intimidação atualmente em curso, está intimamente ligado com a trajetória das reformas a serem propostas este ano.

De início, o governo tentará reformar a lei dos estrangeiros, aprovada no ano passado por decurso de prazo e que tem um incontável número de falhas. Depois, virá a discussão das prerrogativas do Congresso Nacional. A discussão destes dois temas, marcada para este semestre, será uma espécie de ensaio geral para o que será proposto e discutido no segundo semestre: a reforma da lei eleitoral.

JOGO DE VARIANTES

O governo está chegando à conclusão de que atingiu o seu limite de possibilidade de agir sozinho. Para a reforma eleitoral, está ciente de que há adversários no partido oficial. Por isso, vai ter que negociar com a oposição, em bloco ou isoladamente. A intimidação é um componente desse processo todo, nada mais. Está sendo jogado, neste país, neste momento, um jogo político que tem muitas variantes. Mas todas obedecendo a marcação trazida pela perspectiva das eleições do ano que vem. Tudo que acontece está relacionado com isso, pois todos os envolvidos nesse jogo político estão querendo mesmo é chegar a novembro de 82, ter bons resultados eleitorais e depois partir para outras negociações. Não se pode perder de vista esse enfoque da situação.

O fechamento não pode ser a nossa preocupação principal. Se isso acontecer, perderemos a perspectiva de trabalho e faremos muito pouco, ou não faremos nada". O pensamento é do novo líder do PMDB na Câmara, deputado Odacir Klein, gaúcho de Getúlio Vargas e que, desde a sua chegada à liderança do maior partido oposicionista, está sendo bombardeado por discursos de intimidação, por parte da liderança do governo. Pronunciamentos cuja síntese é esta: se a oposição não negociar como quer o governo, o risco será muito grande.

Klein, bem como outros líderes oposicionistas no Congresso, identifica a retórica oficial, responde à altura e deixa claro que não se nega a negociar. Apenas quer levar também a sua parte. Todos aliás, querem levar a sua parte, o que é natural, em se tratando de um negócio. Quem levará a melhor, a quem caberá a maior parte, ninguém sabe, só o desenrolar dos acontecimentos é que vai mostrar. Uma coisa, porém, é certa: mesmo com a falta de jeito, produto da ausência de prática, o jogo político começa a ser jogado neste país. Há profissionais e amadores, em todos os lados.

A MESA DA CÂMARA

A eleição de Nelson Marchezan para presidente da Câmara dos Deputados, se não surpreendeu pelo fato em si, pegou muita gente de calças curtas por causa da diferença de votos obtida pelo deputado gaúcho. Os cálculos mais sóbrios depois do pleito, indicavam um mínimo de vinte votos oposicionistas ao candidato do Planalto ao Palácio. Um resultado que deixou muita gente de queixo caído e fez outra parcela pôr as suas barbas de molho.

AS NOVIDADES ESTÃO NA LIVRARIA PALMARINCA

CUADERNOS AGRARIOS — é uma revista editada no México que busca interpretar o problema do campo. Em suas reportagens são levantados problemas como Mecanização da lavoura, mão-de-obra, salários, sindicatos rurais, trabalho feminino amplamente abordado. Estes cadernos conseguem colocar de maneira bem desenvolvida a problemática agrária, reunindo dados (inclusive estatísticos), de real importância para os estudiosos nesta área.



CASA DE LAS AMERICAS — Esta revista editada em Cuba, de renome internacional (pela primeira vez no Brasil), é sem dúvida um documento importantíssimo no que se refere a uma ampla abordagem do processo histórico cultural latino-americano. Traz reportagens com nomes como Mario Benedetti e outros. Há também um número especial só sobre a Nicarágua. É uma revista que nos deixa ante-ver, ao iniciarmos a leitura, a razão de sua fama internacional, sendo inclusive considerada uma das melhores revistas na Europa.

REVOLUÇÃO E CULTURA — Esta revista busca divulgar e interpretar a revolução cultural cubana, como teatro, pintura, literatura, poesia, cinema. Em todos os textos, há o constante desejo de apresentar a educação voltada para as reais necessidades do povo, feita por gente do povo. Há também entrevistas com Alejo Carpentier, Cardenal e outros; além de dar uma visão da revolução na Nicarágua. Traz ótimas resenhas de livros. Em síntese, é uma revista que traduz bem o espírito cultural da Nova Cuba.



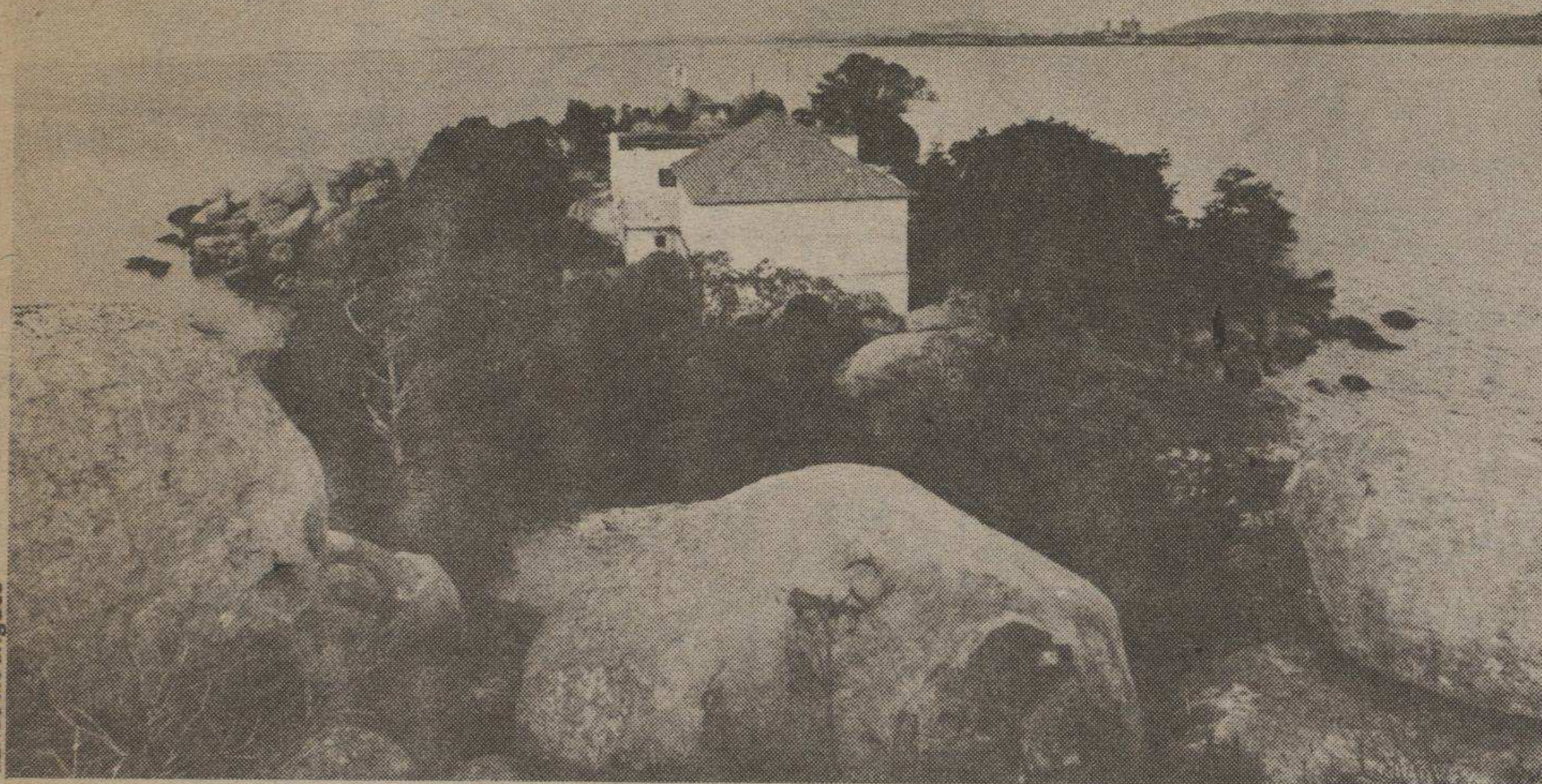
Livraria Palmarinca Ltda.

Rua General Vitorino, 140 - C.x P. 102

1º Andar - Sala 14 A

Fone: 25-2281

Porto Alegre - RS



Distante 1.800 metros da margem, o presídio desestimula qualquer fuga

Silêncio e castigo na Ilha do Presídio

Após oito anos, reabre a prisão no meio do Guaíba

A reabertura da Ilha do Presídio foi cercada do mais absoluto sigilo por parte do Governo gaúcho. Ela foi fechada em 1973, justamente pelas repercussões na imprensa da morte do presidiário Eduardo Alves da Silva, o *Timbaúva*, em circunstâncias obscuras. Depois disso, cada vez que se falava em reabrir a Ilha, não faltava quem lembrasse a morte de *Timbaúva* e, principalmente, as péssimas condições do presídio. Até que, no início do ano passado, logo após o assalto ao cardeal Vicente Scherer, o governador Amaral de Souza anunciou a reativação do presídio e, em seguida, iniciaram as obras de restauração. Atualmente, ele já está com 10 presos.

A Ilha do Presídio tem quatro mil metros quadrados e fica no meio do Rio Guaíba, a 1.800 metros de Porto Alegre. Também é conhecida como Ilha das Pedras Brancas, pois é completamente coberta de pedras, ou Ilha da Pólvora, já que antes do presídio abrigava uma fábrica de pólvora do Exército. O presídio começou a funcionar em 1956. É um prédio sombrio com capacidade para 52 presos, mas houve época que abrigou mais de 120.

Com fama de inexpugnável, a penitenciária passou a receber presos políticos sob responsabilidade do Dops em 1964. Nesta época, aumentaram as denúncias de maus tratos e torturas na Ilha. Por lá passou o sargento Manoel Raimundo Soares, antes de ser transferido para o xadrez do Dops e posteriormente morrer assassinado. O sargento — cujo corpo foi descoberto no Guaíba com as mãos amarradas — foi a principal vítima gaúcha dos organismos de repressão política.

Para conduzir seus hóspedes até a Ilha, a Superintendência dos Serviços Penitenciários (Susepe) ligada à Secretaria de Justiça e responsável pelo presídio, comprou uma lancha no valor de Cr\$ 2 milhões. A Ilha servirá apenas para abrigar os presos que pegaram castigo ou estão em regime

disciplinar, que lá ficarão 30, 60 ou 90 dias, conforme o caso.

O primeiro preso transferido para a Ilha foi Paulo Mendes, o *Paulinho Fogão*, ainda no ano passado. No momento, estão na Ilha detidos Leopoldo Marques, de castigo após uma discussão com agentes do Presídio do Jacuí, Marino Machado, que participou de um motim na mesma prisão há cinco anos, mas tem a ficha limpa, Adão Rodrigues Oitavo, que vem de uma fuga no Presídio Central, Valmir Mello da Silva, há oito anos cumprindo pena, Itamar Fernandes Aguiar, que tem várias tentativas de fuga em outros presídios, Juceli Teixeira, Zezinho Valmirante, Jolar Machado, José Otávio e Sérgio.

Os presos estão distribuídos em três celas, não podem receber visitas nem tomar sol, usam latas como latrinas e só recebem alimentação uma vez por dia. Existem informações nos outros presídios de que a lista de transferências para a Ilha é bem maior, o que está assustando os presos. Se as instalações dos presídios gaúchos, em geral, deixam muito a desejar, a Ilha do Presídio está bem abaixo da média.

WALTER MORAIS

"Mister dez por cento"

Nos últimos meses, a revista semanal alemã *Stern* — tiragem de 2 milhões de exemplares — dedicou dois artigos ao deputado federal Hermann Gorgen, da União Social Cristã (CSU), que se diz grande amigo do Brasil. No primeiro deles, o parlamentar é acusado de se aproveitar dos cofres públicos, por ter ganho uma indenização de 860 mil marcos (Cr\$ 22,6 milhões) sob alegação de que não conseguiu concluir seu doutorado na época do III Reich.

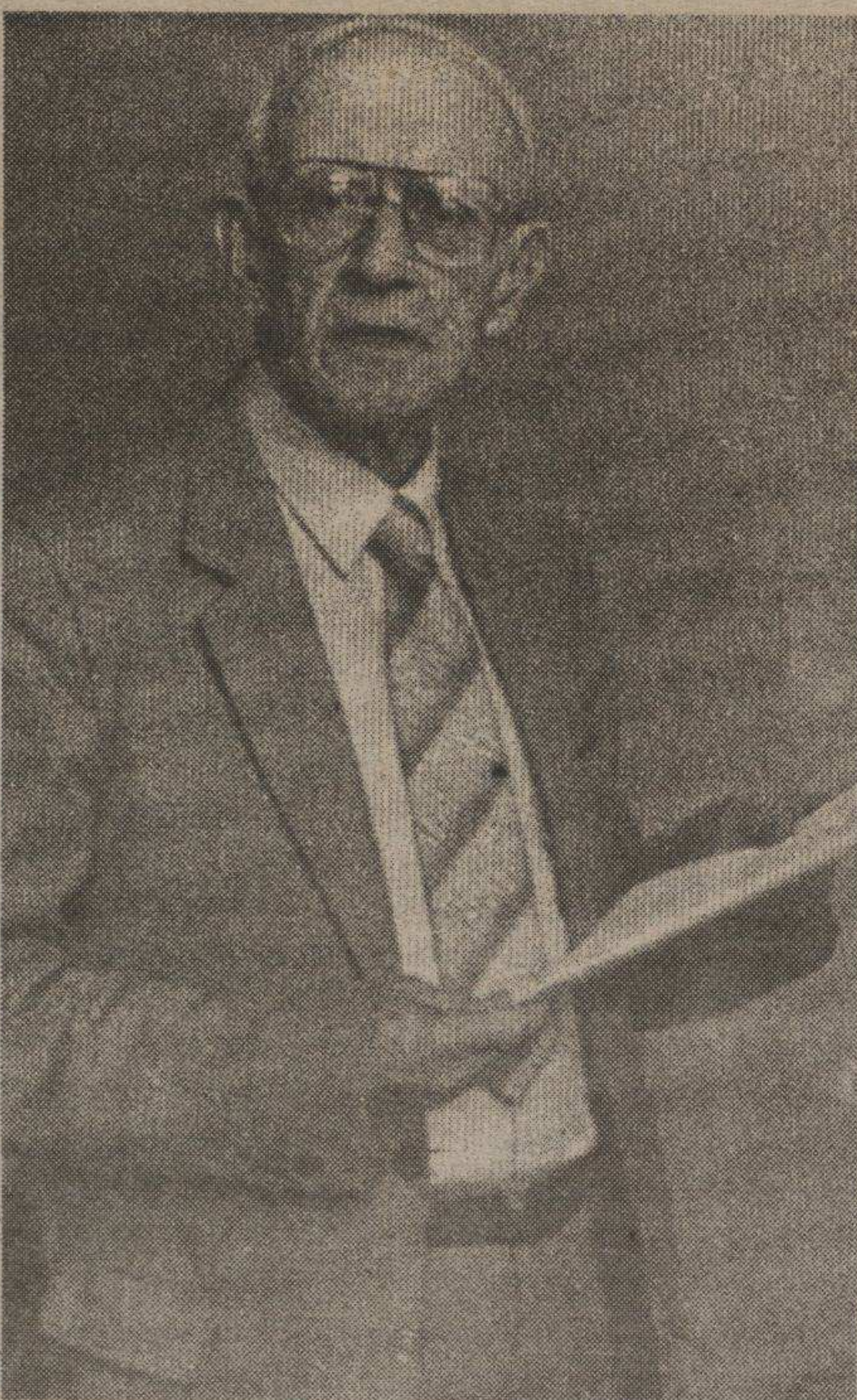
O segundo artigo, assinado pelo jornalista Günther Handlogten, ocupa três páginas da revista na edição de fevereiro, traça um perfil de Gorgen e comenta suas relações com o Brasil. O leitor fica sabendo, por exemplo, que ele é o fundador e atual presidente da Associação Teuto-Brasileira, sediada em Bonn, que reúne desde governadores de estados até firmas, como a Mannesmann, a Krupp, a Bosch, a Daimler Benz, a Volkswagen, a Siemens e outras. Além disso, é cidadão honorário em cidades de cinco estados brasileiros, foi condecorado com a Ordem Cruzeiro do Sul e a Grande Cruz do Mérito.

Hermann Gorgen, cujos artigos são reproduzidos por cerca de 70 jornais brasileiros, entre eles o gaúcho *Correio do Povo*, é entusiasta da indústria brasileira de armamentos e condena a ação de religiosos que se engajam a favor dos pobres. Recentemente, sua revista *Cadernos Teuto-Brasileiros* publicou o relatório do deputado Georg Regozini, também do CSU, que esteve há pouco tempo no Brasil. Entre outras coisas, Regozini escreve que "ficou chocado e com nojo" ao assistir uma missa no interior do Mato Grosso em que o padre "sujo e barbudo, falava sobre o trabalho, a riqueza, a pobreza e a injustiça". Por essas e outras, o presidente da CNBB, dom Ivo Lorscheiter, considera as idéias de Gorgen "reacionárias e tendenciosas".

Ele veio para o Brasil após a II Guerra com um grupo de refugiados. Segundo declarações do escritor austríaco Gerald Metsch, que o acompanhou, Gorgen ficou com o dinheiro do grupo aplicando-o numa fábrica em Juiz de Fora e elegendo-se diretor. Foi no Brasil que ele obteve o ambicionado título de professor, com o auxílio dos padres que administravam uma faculdade naquela cidade.

Segundo o articulista de *Stern*, o Governo brasileiro soube valorizar seu filho adotivo. Ele sempre foi recebido com agrado pelos presidentes pós-1964. Durante o governo do chanceler Konrad Adenauer, Gorgen foi encarregado especial para assuntos latino-americanos. Ganhou muito dinheiro e também um apelido. Adenauer gostava de chamá-lo de "Mister Dez por Cento", porque Gorgen nunca abria mão desta porcentagem nos projetos assinados entre o governo alemão e as empresas que coordenava.

EVA DURR



Gorgen: boas relações com o Brasil



Esquivel: os torturadores nada sabem

Atribulações e opiniões do Nobel da Paz

Quatro prisões, duas delas no Brasil, as outras no Equador e na Argentina, esta última a mais longa e dolorosa. Apesar deste currículo penitenciário, o Prêmio Nobel da Paz, Adolfo Perez Esquivel, ainda acredita na não-violência como solução para os males do mundo. "Houve muita luta não-violenta na Nicarágua mas poucos sabem disso", explica. Inimigo da indústria bélica, Esquivel observa que a Casa Branca engordou com 32 milhões de dólares o orçamento militar norte-americano para 1981 e prevê: "Reagan quer vietnamizar a América Latina".

Sempre com uma calça surrada, sandálias e cabelos ralos, este argentino de 49 anos fez um longo roteiro pelo Brasil e não teve apenas Reagan como alvo. Esquivel criticou a doutrina da segurança nacional, o comércio de armas, a situação dos índios, favelados e camponeses, a prisão de sindicalistas, o regime militar argentino e a violência policial.

Tudo isso naturalmente antes de sua segunda prisão no Brasil, igualmente em São Paulo, mas desta vez sem violência. Da primeira vez, em 1975, Esquivel foi encapuçado, interrogado e só liberado depois da intercessão do arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns.

Antes de mergulhar no silêncio — "Não devo falar", limitava-se a dizer — Esquivel deixou algumas sugestões: "Os povos devem se organizar, senão é uma luta entre o elefante e a formiga." Para ele, a saída não está no comunismo e tampouco no capitalismo: "O povo deve decidir por si, buscar alternativas. Fazer a autogestão do seu destino, procurando um socialismo sem etiquetas". Esquivel lembrou que os direitos humanos vão além do aspecto político: "Os direitos humanos são violados quando os camponeses não têm terra. Ou quando não há um salário digno. Isso quando os países pobres compram bombardeiros que custam dez milhões de dólares".

Na Argentina, onde a premiação causou um misto de irritação e alívio — "Seria pior se dessem o Nobel às Locas de la Plaza de Mayo", admitiu uma fonte governamental — Esquivel ficou 14 meses num cubículo, sem processo, sob tortura e agarrado ao único livro que lhe era permitido, o Evangelho. "O mais terrível — lembra — não era sofrer a tortura, era ouvir os gritos dos outros".

Cristão convicto, aferrado à crença no homem, Esquivel confessa que teve suas dúvidas. "Na tortura, eu recordava as palavras de Cristo e dizia para mim mesmo: 'Perdoi-os, eles não sabem o que fazem'. Mas também pensava: No fundo eles sabem o que estão fazendo. Depois compreendi: eles não sabem nada. Ignoram que somos pessoas, filhos de Deus".

DILMA DE SOUZA

OAB 4045

CPF 077642350-91

Direito de Família
Sucessões
Direito do Trabalho

R. Andrade Neves, 155/92
F. 25.3408

Mario Chaves
Carlos Franklin Araújo
Vera Lucia Kolling

ADVOCACIA DE EMPREGADOS

Andrade Neves, 155 conj. 35/36
fone: 24-3159 Porto Alegre

Luiz Lopes BURMEISTER OAB 2334
REJANE Souza Pedra OAB 11.893
Geiso HAGEMANN OAB 65E47
ROGÉRIO Mendonça OAB 66E17

Advocacia trabalhista de empregados

Andrade Neves, 159 cj. 105
tel. 25-5866 P. Alegre
Rua Cândido Machado,
372 s/608 Canoas

CÃO FILA

Romance sintético-surrealista. Ficção motivada pela crise do papel. Já vem com as críticas.

PREFÁCIO

Apesar de totalmente renovador, este romance conserva o tradicional prefácio. Pena que o autor não tenha nenhum amigo no *Pasquim*, para assiná-lo, o que garantiria o sucesso. As orelhas, porém, foram cortadas para evitar redundância. Bastam as orelhas do referido cão, personagem-título. Um cão com quatro orelhas ficaria deslocado numa obra que trata de seres normais.

CENÁRIOS

Apesar de sintético o CÃO FILA tem inúmeros cenários, a saber:

Um clube de nudistas, ainda sem licença da Prefeitura, onde os homens surpreendidos em postura ercional pagam multa de 10 cruzeiros.

Um elevador parado entre o 16º e 17º andares dum edifício, num fim de expediente, numa Semana Santa, no qual se encontram enclausuradas, e no escuro, uma lésbica de sandálias vermelhas, um paraplégico dum time de basquetebol em cadeira de rodas, um paquistânês recém-chegado, um estranho indivíduo apenas identificado pelo mau-hálito e pela primeira vez no romance o CÃO FILA, que inexplicavelmente entrou no elevador. Um tal de *Matozinho* descera no 5º andar.

A sacristia duma igreja, em bairro ignorado, onde um padre e o sacristão jogam batalha-naval.

Um diretório do PDS, onde os membros do partido, por unanimidade, decidem romper com o governo e assinar um manifesto comunista.

Um restaurante sino-nipônico, cujos proprietários, naturalmente um chinês e um japonês, discutem qual é a melhor marca de inseticida e um acaba esfaqueado.

Uma luxuosa mansão do Guarujá onde alguém, apelidado *O Barão*, escreve um romance proletário.

Mas o CÃO FILA audaciosamente foca cenários no exterior. Há uma tarde de chuva sem personagens em Bangkok, outra numa clínica oftalmológica em Osaka, especializada em ocidentalizar olhos, num mictório público em Jerusalém onde um homossexual israelense e outro palestino se entendem, e uma veneziana aberta, em Veneza, onde se vê a figura controversa do CÃO FILA, estranhamente com um guardanapo multicolor no pescoço.

OS PERSONAGENS

OROZIMBO CORTES MARCONDES PRADO MACHADO RAMALHO: Como ninguém se atreve a perguntar a um homem que carrega esse nome — o que o senhor faz na vida? — passeia pelo romance ativa e desinibidamente. VITÓRIA VITORINA: Mulher de vida fácil. Viúva, com oito filhos, transporta fardos numa fábrica, serviço fácil porque não exige esforço intelectual.

AMBROSIO: Ex-homossexual curado pela homeopatia.

JOÃO E JUCA: Irmãos xipófagos, milagrosamente separados pela cirurgia, após uma discussão sobre futebol, e vinte anos depois, também milagrosamente, rexi-pofagados, para eliminar dúvidas testamentárias.

HAMLET: Personagem de William Shakespeare. Em CÃO FILA não passa de porteiro duma boate, a Caveira, a única prova da antiga identidade, além de morar com o fantasma do pai numa pensão do *Bixiga*.

GIDE DAS SELVAS: Pederasta sertanista. Metido a escritor.

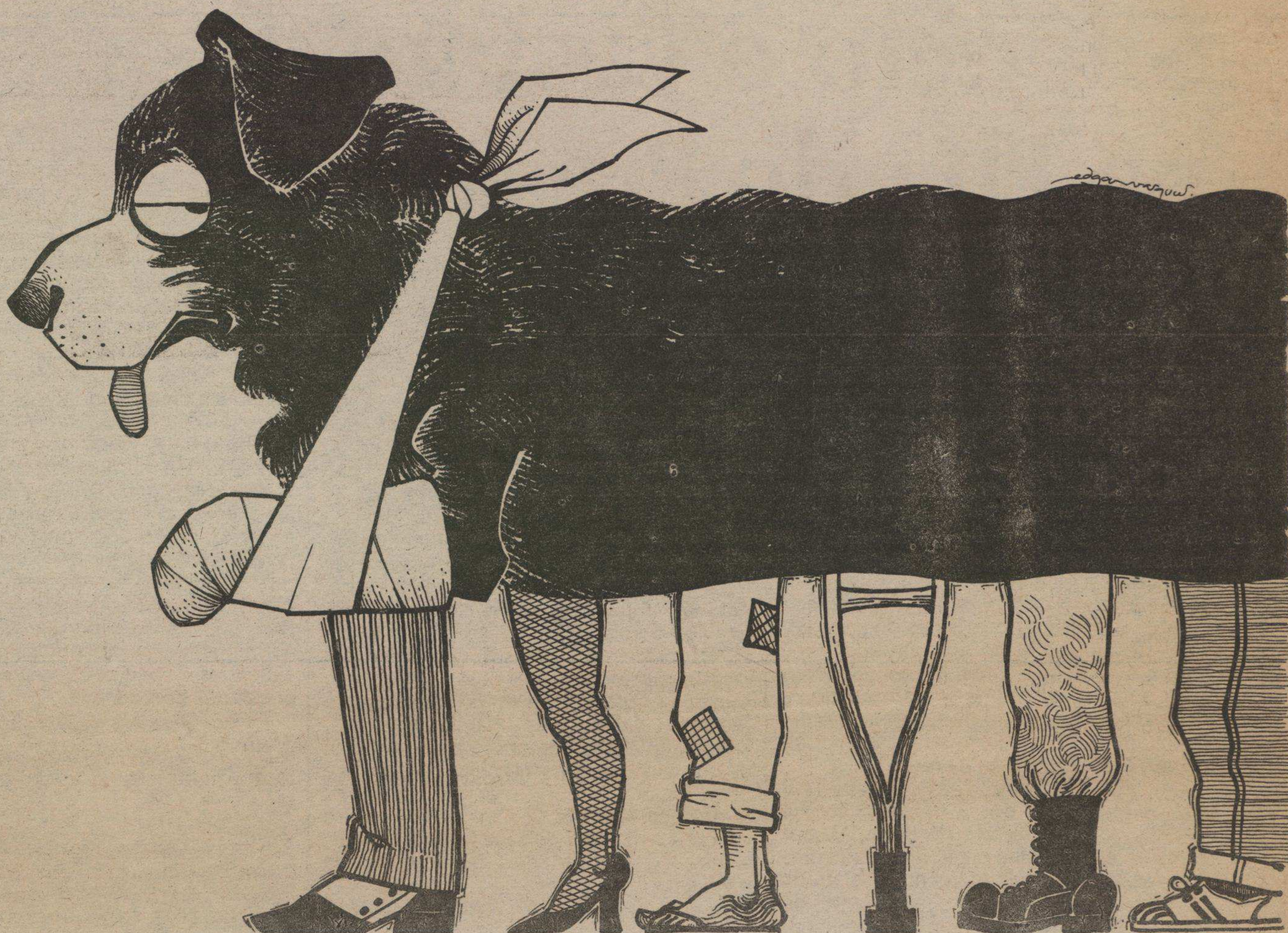
MARIANO: Personagem que faz uma definição e sai da história: O Brasil é uma grande TV Tupi.

CÃO FILA: Misto de cão e homem, ora frio, ora quente, a critério do paladar do leitor.

O NOVO EM O CÃO FILA

CÃO FILA é um romance que traz muito de novo. Como policial reabilita — a pedido do sindicato de classe — a figura um tanto desmoralizada do mordomo, que nele volta a cometer um crime misterioso, o que não acontecia desde S. S. Van Dine. Um mordomo típico mata um vendedor de enceradeiras e esconde-o dentro duma armadura. Depois, convence o patrão a doar a armadura ao Museu do Ipiranga, o que significa que o corpo só será encontrado no próximo 7 de Setembro quando se supõe que alguém talvez vá ao Museu.

CÃO FILA é um romance excitante. Seu poder erótico foi comprovado por um leitor que o levou em sua lua-de-mel e não o largou mesmo quando viu a esposa trocar beijos com o garçon.



CÃO FILA é um romance político? Achamos que só não será retirado de circulação por descuido da censura. Há nele uma velada pregação marxista embora seus personagens sejam fascistas. Quanto ao referido cão, não aborda o tema embora leia livros trotskistas. Chico Buarque de Holanda vai musicá-lo. Bem, espero que sim.

OBJETOS (não objetivos) DO CÃO FILA

Os principais: uma calçadeira de sapatos (usada pelo CÃO FILA); o guidom dum Ford 1925 que alguém acha num criado-mudo; um óculos rayban que um arqueólogo garante ter pertencido à Cleópatra; uma gravação muito chiada do Grito do Ipiranga, embora de autenticidade contestada devido à provável falta de acústica ambiental; uma lata de vaselina que o personagem Ambrósio leva sempre no bolso apesar de ser completamente calvo; uma faca de três gumes; a sombra duma mulher loura conservada por alta refrigeração; apenas o fio na navalha que teria inspirado W. Somerset Maugham; uma ratoeira de ouro, quicá do sobrinho de Agatha Christie, seu herdeiro; um pedaço de arco-íris.

O GRANDE MOMENTO DE CÃO FILA

O Grande Momento deste romance é ainda menor que seus pequenos momentos. O CÃO FILA joga braço de ferro com os xipófagos e vence ou vence-os. Ninguém os chama de siameses porque na realidade são mineiros. Aliás, quando os separaram foi que nasceu o verbo desbundar, relativo à parte do corpo que os unia.

ÚLTIMAS EMOÇÕES

As últimas emoções de CÃO FILA surpreendem por estarem situadas nas primeiras linhas. Acontece quando o dito cão, perseguido por uma carrocinha de cachorro, come o laçador. Foi assim que conseguiu seu primeiro emprego.

POSFÁCIO

Com todas essas informações só um imbecil não saberia imaginar ou fazer de o CÃO FILA um grande romance. Se não, informamos ainda, para facilitar, que o referido *fila* era preto e mancava da pata esquerda dianteira. O que podem querer mais?

OPINIÕES SOBRE CÃO FILA

PLAY-BOY — Um atentado ao pudor, embora sem nu frontal.

PASQUIM — A primeira obra-prima escrita fora de Ipanema.

JORNAL DA TARDE — Apesar do volume ainda preferimos "A Montanha Mágica" e "Ulisses".

TIMES — Estamos reabrindo para comentar CÃO FILA.

KENNEL CLUB — Desde Moby Dick que não se valoriza tanto uma espécie animal.

TRISTÃO DE ATAÍDE — Tão sintético e verdadeiro como o próprio Sermão da Montanha.

CONTIGO — Vocês vão adorar.

LAMPIÃO — Apesar de heterossexual o autor é bonzinho.

COOJORNAL — O lançamento de CÃO FILA é uma festa para a imprensa nanica.

AUSTREGÉSILO DE ATAÍDE — Se ele (o autor) não entrar para a Academia, suicido-me para lhe oferecer minha vaga.

UM LEITOR: Com o perdão da palavra este romance é uma... (a última vítima do CÃO FILA).

CONTRA-CAPA

Outra novidade: o romance tem capa mas não tem contracapa. Como percebem não há nele nenhuma radicalização. O elenco não apresenta por exemplo nenhum contra-almirante. Defende a marinha e todos os ministérios.

(do livro que não será escrito, embora pense publicá-lo, O CÃO FILA E OUTROS DESATINOS)

Costela de Adão, um grupo feminista com nome de homem

Entre os vários grupos feministas surgidos em Porto Alegre nos últimos anos, um deles destaca-se, quando mais não seja, pelo nome original. É o *Costela de Adão*, formado em 1976, para quem "a questão da mulher se fixa na opressão à sua sexualidade, com reflexos econômicos e sociais". O nome, segundo suas integrantes, é uma homenagem "àquele que deu voluntariamente a sua costela".

O *Costela de Adão* já teve dois profundos rachas, que originaram os grupos *Ação Mulher e Liberta*, mais preocupados com o engajamento político da mulher. Atualmente é formado pelas bioquímicas Elaine Elisabethsky e Elisabeth Rocha, as economistas Clarice Castilhos e Áurea Breitbach, a bióloga Jane Hartmann, a socióloga Naia Correia e a atriz e jornalista Nazaré Cavalcanti. O grupo, que se autodefine como "muito bem-humorado", reúne-se periodicamente e edita cadernos com o resumo de suas discussões. Além disso, aproveita datas como o Dia das Mães e Dia dos Namorados para distribuir panfletos com "mensagens humanas". O repórter Sérgio Mattos, do *Coojornal*, conversou com quatro integrantes do *Costela de Adão*. A seguir, um resumo da conversa:

— Vocês aceitam a participação de homens em suas reuniões?

— Aceitamos. Nós gostamos de homens e não temos nada contra eles. Entendemos que o homem não é culpado pela situação da mulher até porque ele sofre a

mesma opressão sexual. Acontece que as mulheres se reúnem e trocam idéias, enquanto eles, por falta de liberdade ou ocasião, restringem seus papos a futebol ou assuntos que não ponham em risco sua condição.

— Vocês lutam pela empregada doméstica, por exemplo?

— Somos solidárias com as domésticas enquanto mulheres, mas não cabe ao feminismo lutar por elas. As domésticas é que têm que lutar por condições melhores.

— E o caso das mulheres que apanham do marido?

— Bem, este é o extremo da situação, o acirramento da violência, mas muitas vezes a mulher tem culpa e permite que as coisas cheguem a este nível.

— Qual deve ser a participação política da mulher?

— Nosso enfoque de grupo é a discussão da problemática própria e achamos revolucionário discutirmos coisas da gente. A política carreirista é corrupta. Não somos contra as mulheres que aderem a partidos, mas os partidos não são o local apropriado para a discussão da problemática da mulher.

— Como a mulher operária pode participar desta discussão?

— No ano passado, no Dia Internacional da Mulher, houve um ato público conjunto dos grupos feministas, com a presença de mulheres de vilas. Só que estas não agüentaram as palestras, não entenderam o que se estava falando. Para

Tudo sem entrada



As integrantes do *Costela de Adão*: muito bem humoradas

nós, a questão da mulher se fixa na opressão à sexualidade e isto tem reflexos econômicos e sociais. Entendemos que as mulheres, no caso das proletárias, devem tomar consciência de sua situação, mas nos preocupamos com outro aspecto da vida da mulher.

— Como vocês se relacionam com as minorias?

— Não existe por aí o problema específico do negro, do índio ou do homossexual. Há, sim, a condição de proletário. Mas, veja bem, lutamos pelo ser humano enquanto mulheres e enfatizamos, em nosso trabalho, problemas que atingem diretamente à mulher.

— Como vocês interpretam os discursos do Papa sobre sexo?

— Um horror. Ele ampliou os princípios ao estabelecer o ciúme e outronismos como pecado da carne.

— Qual a atividade do grupo?

— Nos reunimos de tempos em tempos com outras pessoas convidadas e juntos o conteúdo das discussões em cadernos. Até agora publicamos dois, o primeiro esgotado. E aproveitamos datas como o Dia das Mães e o Dia dos Namorados para panfletar mensagens humanas, que o bem recebidas. Não somos uma empresa que tem obrigação de colocar produtos na rua.

JORGE LUIS BORGES

Fragmentos de um evangelho apócrifo

3. Desgraçado o pobre em espírito, porque debaixo da terra será o que agora é na terra.
4. Desgraçado o que chora, porque já tem o hábito miserável do pranto.
5. Ditosos os que sabem que o sofrimento não é uma coroa de glória.
6. Não basta ser o último para ser alguma vez o primeiro.
7. Feliz o que não insiste em ter razão, porque ninguém a tem ou todos a têm.
8. Feliz o que perdoa aos outros e o que perdoa a si mesmo.
9. Bem-aventurados os mansos, porque não condescendem à discórdia.
10. Bem-aventurados os que não têm fome de justiça, porque sabem que nossa sorte, adversa ou piedosa, é obra do azar, que é inescrutável.
11. Bem-aventurados os misericordiosos, porque sua alegria está no exercício da misericórdia e não na esperança de um prêmio.
12. Bem-aventurados os de coração limpo, porque vêem a Deus.
13. Bem-aventurados os que padecem perseguição por causa da justiça, porque lhes importa mais a justiça que seu destino humano.
14. Ninguém é o sal da terra; ninguém, em algum momento de sua vida, não o é.
15. Que a luz de lâmpada se acenda, ainda que nenhum homem a veja. Deus a verá.
16. Não há mandamento que não possa ser infringido, e também os que digo e os que os profetas disseram.
17. Aquele que matar pela causa da justiça, ou pela causa que crê justa, não tem culpa.
18. Os atos dos homens não merecem nem o fogo nem os céus.
19. Não odeies teu inimigo, porque se o fazes, és de algum modo seu escravo.
20. Se te ofender tua mão direita, perdoa-a; é teu corpo e é tua alma e é árduo, ou impossível, fixar a fronteira que os divide...
24. Não exageres o culto da verdade; não há homem que ao cabo de um dia não tenha mentido com razão muitas vezes.
25. Não jures, porque todo juramento é uma ênfase.
26. Resiste ao mal, mas sem assombro e sem ira. A quem te ferir na face direita, podes oferecer-lhe a outra, sempre que não te mova o temor.
27. Eu não falo de vinganças nem de perdões; o esquecimento é a única vingança e o único perdão.
28. Fazer o bem a teu inimigo pode ser obra de justiça e não é difícil; amá-lo, tarefa de anjos e não de homens.
29. Fazer o bem a teu inimigo é o melhor modo de satisfazer tua vaidade.
30. Não acumules ouro na terra, porque o ouro é pai do ócio, e este, da tristeza e do tédio.
31. Pensa que os outros são justos ou o serão, e se não é assim, não é teu o erro.
32. Deus é mais generoso que os homens e os medirá com outra medida.
33. Dá o sagrado aos cachorros, joga tuas pérolas aos porcos; o que importa é dar.
34. Busca pelo prazer de buscar, não pelo de encontrar...
39. É a porta que escolhe, não o homem.
40. Não julgues a árvore por seus frutos nem o homem por suas obras; podem ser piores ou melhores.
41. Nada se constrói sobre a pedra, mas sobre a areia; nosso dever é construir como se fosse pedra à areia...
47. Feliz o pobre sem amargura ou o rico sem soberba.
48. Felizes os valentes, os que aceitam com igual ânimo a derrota ou os aplausos.
49. Felizes os que guardam na memória palavras de Virgílio ou de Cristo, porque estas darão luz a seus dias.
50. Felizes os amados e os amantes e os que podem prescindir do amor.
51. Felizes os felizes.

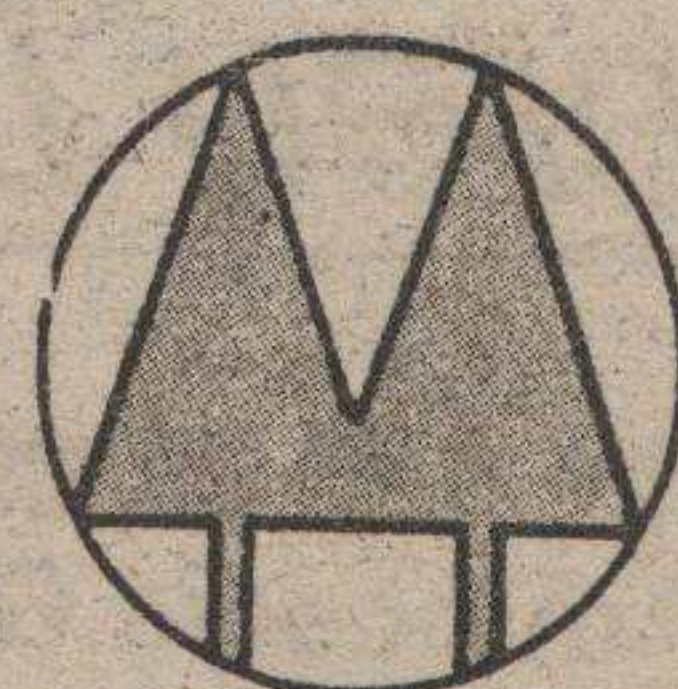
CANINI



Agora, a assistência odontológica também pelo sistema cooperativo.

Isto significa que você pode ter consulta e tratamento odontológico com hora marcada e por um custo mais baixo.

Procure a UNIDONTO Porto Alegre e conheça seu plano de assistência familiar.



unidonto
PORTO ALEGRE

sociedade cooperativa de serviços odontológicos Ltda.

Unidonto Porto Alegre Fone 24-5380
Av. Borges de Medeiros, 596 4º andar G. 42

Novos riscos na aventura nuclear

No mundo há 11 usinas iguais as do Brasil. Apenas uma funciona

Tenda do Peninha, Barra do Una, município paulista de Peruíbe. Surpreendido pela chuva, o pessoal da praia corre para o bar, junto a dois repentistas, viola em punho, *Aguilhão* e *Boca de Ouro*. Peninha tem orgulho do moreno forte, camisa aberta no peito: "Esse já tem até parceria com o Zé Ramalho", diz enquanto prepara uma caipirinha. E *Aguilhão* aproveita para introduzir uma nova temática na cantoria: Essa chuva, que tristeza/ Vem chorar a natureza/ Tão bela desse lugar/ Beleza que o homem não faz/ Mas destruir é capaz/ Com a usina nuclear.

Nos muros da cidade de Peruíbe, perto dali, ainda se notam resíduos do protesto popular contra a usina nuclear. "Obra do diabo", "Usina nuclear não, queremos pão", são pixações que os funcionários da prefeitura não conseguiram apagar completamente. Talvez por isso, os frequentadores da tenda do Peninha entendem e aplaudem a repentina manifestação ecológica do desconhecido cantador.

Alfredo Aveline, professor do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, diretor da Sociedade Brasileira de Física e membro da Comissão de Energia Nuclear da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) certamente somaria esta cena a sua firme convicção de que a população brasileira não deseja ingressar na era atômica: "Se realizassem um plebiscito, sem dúvida receberiam um estrondoso não. Por isso não querem discutir o assunto e confundem a opinião pública com informações falsas", afirma.

COMPRA NO ESCURO

Na Barra do Una, em Peruíbe, serão construídas duas novas usinas nucleares, de 1.300 megawatts cada. Acima de mil MW, semelhantes às centrais brasileiras, de água, pressurizada, existem apenas 11 usinas instaladas em todo o mundo e 10 enfrentam problemas. Mesmo assim, em 1975, o Brasil comprou as primeiras unidades do grupo alemão KWU e assinou um acordo para montagem de 10 usinas no país, quando aquela empresa recém concluída sua pioneira central, a Biblis A. Hoje, já se sabe que os alemães fracassaram em parte com a Biblis A que, projetada para 1.204 MW, atingiu apenas 41,3% de rendimento (fator de carga).

A KWU teria uma nova experiência com o mesmo modelo de usina vendido ao Governo brasileiro, ativando em 1976 a Biblis B, que deveria alcançar 1.300 MW. Seu fator de carga ficou, porém, em 64,4%. E em Angra dos Reis? A tecnologia alemã terá maior sucesso na sua integração com o *jeitinho* brasileiro? O Governo, que antes comprou no escuro, não espera pelos resultados e vai comprando novas usinas, mesmo consciente de que podem constituir problemas: "Não dá para entender", diz Aveline, "pois todo o processo carece de lógica. Assinamos um acordo nuclear, em 75, no mesmo ano em que os alemães colocavam em atividade sua primeira central de água pressurizada (PWR) com potência estimada em mais de mil MW". E indaga: "Foi um bom negócio adquirir esse modelo específico?"

UM INCIDENTE A CADA TRÊS DIAS

Para operar os reatores nucleares do tipo destinado à usina da praia paulista, são necessários 103,5 toneladas de combustível, que consiste basicamente de óxido de urânio (UO₂), em torno de 3% de Urânio 235. O reabastecimento é feito de tal modo que a cada 12 meses são substituídas cerca de 34 toneladas de combustível, retirando-se quantidade equivalente



de material usado. Esse volume de material é 375 vezes superior ao gerado pela queima de 4 quilos de Urânio 235 da bomba de Hiroshima. E a radioatividade tem como conseqüências potenciais a elevação da incidência de diversos tipos de câncer, a redução do período de vida, a diminuição da fertilidade, mutações genéticas de toda ordem, etc.

Segundo estima a Atomic Energy Commission (AEC), dos Estados Unidos, cada acidente grave provoca 3.300 mortes, 45 mil enfermidades imediatas e mais 45 mil mortes por câncer em 30 anos. Nos EUA, em 1979, ocorreram 1.878 acidentes ligados à segurança nos reatores nucleares existentes naquele país: "Há muita má fé na discussão sobre segurança nuclear, tanto no Brasil quanto no resto do mundo. A própria agência de segurança nuclear norte-americana reconhece que há manipulação de dados para tentar comprovar uma segurança que não existe", afirma Aveline.

Na Alemanha Federal, a avaliação das interrupções das usinas nucleares daquele país, registradas num período de 7 anos, mostrou que em apenas um ano houve um incidente a cada três dias, num total de 139 ocorrências. Na categoria A, que inclui ameaça direta à segurança através da emissão de radioatividade acima dos limites toleráveis, aconteceram 24 acidentes, 1 em cada 15 dias. Apenas esses números comprovam que a tecnologia nuclear não está controlada, ao contrário da pregação dos defensores do programa nuclear brasileiro. "Energia nuclear ainda é alguma coisa nova e a maior parte das centrais começaram a operar nos últimos 10 anos. Portanto, seria mais barato e razoável o Governo investir em pesquisa", ensina Aveline, opinião que coincide com o pensamento dos meios científicos do país.

DELMAR MARQUES

Em busca de espaço para o som regional

Onde começa, onde termina, o espaço da música regional? E o que é, efetivamente, *música regional*? Em primeiro lugar, talvez devamos considerar que a *projeção regionalista*, isto é, o uso de elementos regionais *primitivistas*, feito eventualmente por compositores como Gilberto Gil, Milton Nascimento, Alceu Valença, Renato Teixeira (para ficar apenas com alguns dos mais conhecidos e específicos), não deve ser utilizado como objeto de verificação dessas questões. Porque, na verdade, esses compositores, assim como um intérprete como Diana Pequeno, são responsáveis por transposições, ainda que fiéis, mas de consumo de uma certa forma restrito aos grandes centros urbanos — que tendem a ouvir as coisas através de um ouvido lamentavelmente pasteurizado, seja classe A, seja classe Z.

O regionalismo brasileiro, as criações *in loco*, têm uma veiculação quase marginal em relação à *grande música*, ou seja, aquela que atende a um público de poder aquisitivo razoável para cima, a chamada elite, e mesmo em relação à tal *música suburbana*, que faz a glória ibopeana das emissoras de rádio ditas *populares*. Esses tipos de classificação são muito difíceis, porque muito sutis, mas quem sabe a coisa fique mais clara se conseguirmos separar os objetos específicos deste texto, do restante.

Acreditamos, a grosso modo, que essa separação pode ser feita assim: o restante vai de Chico Buarque a Milonário e José Rico (com todas as variáveis aí existentes) e tem, em maior ou menor escala, ampla veiculação na imprensa e/ou no rádio; o objeto deste texto, que passaremos a classificar daqui para frente como *música regional* (embora a definição possa englobar muitas coisas), não tem veiculação assegurada, em escala multiplicadora.

São absolutamente raras, por exemplo, as rádios que tocam Elomar Figueira Melo — embora no caso de divulgação da imprensa ele seja, em termos de música regional, uma honrosa exceção. Gostaríamos de particularizar ainda mais, trazendo o exemplo de dois compositores-cantadores, Noel Guarany e Cenair Maicá, e um grupo, *Os Tapes*, todos gaúchos.

Há no Brasil inteiro, em cada região, exemplos semelhantes. Marcus Pereira e sua gravadora mostraram isso durante um bom tempo e com fartura de provas. Colocaram no mercado discográfico dezenas de gravações radicalmente regionais que nenhuma emissora de rádio teve a coragem de divulgar.

MÚSICA EM GUETOS

Poucos meses antes de dar um tiro na cabeça, Marcus Pereira, em uma entrevista,

disse que, neste momento, a música regional "tem tudo para acontecer". Ele defendia a interiorização da cultura como mais importante que a libertação do País. E é aqui que aproveitamos para voltar a Noel Guarany, Os Tapes, Cenair Maicá.

Nunca os ouvimos em nenhuma emissora de rádio, fora dos horários condicionados para a *grossura* (e olhe lá). Ficou estabelecido, não se sabe por que parâmetros, que os ouvintes desse tipo de música não ligam o rádio a não ser em tais horários. Então, a música regional é compartimentada em guetos, afastada, suprimida de um público maior, a partir de conceitos e determinações quase abstratos — falo por mim e por muita gente que, sei, gostaria de ouvir Noel Guarany, Os Tapes, Cenair Maicá, os discos da Califórnia da Canção, a qualquer hora.

No Rio de Janeiro isso não acontece, porque é um centro praticamente sem substância, sem realidade rural, regional. Mas Porto Alegre, São Paulo, Florianópolis, Recife, Salvador, etcétera, são centros de regionalidade.

FALTA UMA REVOLUÇÃO

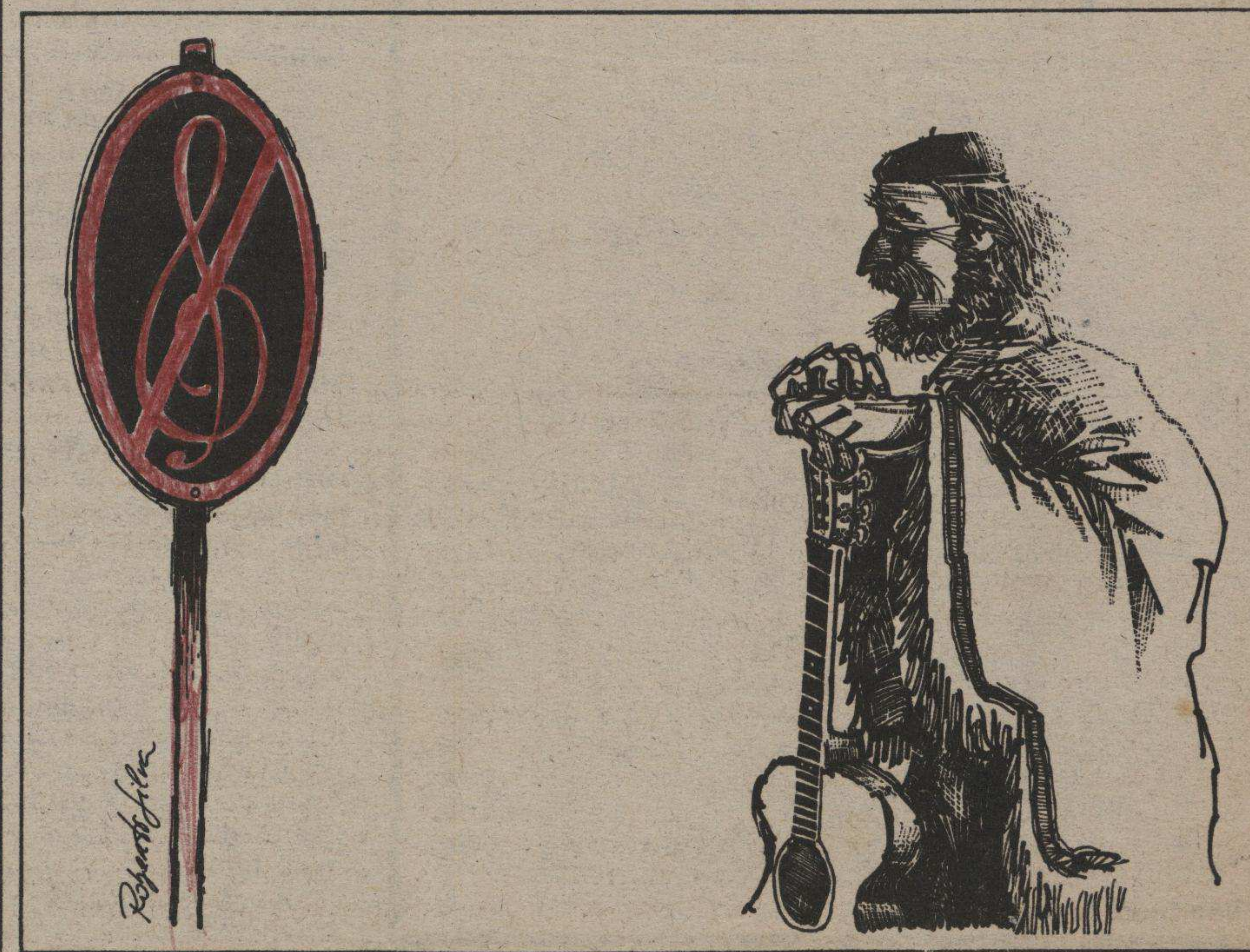
A supressão do regionalismo *radical*, do regionalismo de essência folclórica, está intimamente ligada a uma questão ideológica. Porque, no caso do Rio Grande do Sul, nem os programas *regionalistas*, com raríssimas exceções, divulgam esse regionalismo. O regionalismo divulgado nas emissoras de rádio gaúchas, é aquele fortemente influenciado pelos gêneros sertanejos filtrados/estandardizados pelas gravadoras via São Paulo — e na base de tudo está o imediatismo comercial.

Não achamos que esse tipo de regionalismo deve ser evitado ou criticado. Achamos apenas que as proporções e relações deveriam ser consideradas. Por que nós, gaúchos, ouvimos com prazer e respeito um baião de Luis Gonzaga e nos negamos a ouvir Noel Guarany, ou Cenair Maicá, ou *Os Tapes*? Por que o baião está integrado no contexto nacional dos ritmos, e não estão o bugio e o vanerão? É tudo uma questão de momento. O baião foi aculturado pelo país; o vanerão não foi.

Mas a realidade é que cada região brasileira reúne elementos de absorção e deglutição de suas manifestações folclóricas, *nativas*, e muitas delas podem ser exportadas e importadas, enriquecendo aquilo que se chama de música popular brasileira.

A MPB, como manifestação cultural veiculada pelos meios de comunicação de massa, está muito limitada. Particularmente, achamos que devemos valorizar as manifestações regionais como meio inclusive de fortalecimento político. A música regional é criada com muita força. Como fazer com que ela cheque a um maior número de pessoas com a mesma força? Como fazer com que Noel Guarany, Os Tapes, Cenair Maicá e os outros todos cheguem a um público maior com tal força? É uma questão que continua no ar. E há um tipo de revolução a ser feita, para que ela desça à terra.

JUAREZ FONSECA



...il pessoas
envolvidas com a
justiça, cinco mil
ocorrências
registradas. Esta é

Alvorada, recordista de
violência no sul do país, onde
qualquer discussão pode
acabar com o estrondo da
espingarda de cano serrado.
Uma cidade sem calçamento,
esgoto ou hospital, apesar de
ter crescido 1.200% nos
últimos 20 anos. O repórter
Najar Tubino passou 20 dias
em Alvorada e aprendeu
bastante: descobriu um lugar
onde a miséria arma crianças
de 12 anos, viu como se
executa um delator e viveu o
terror de ter uma espingarda
12 colada ao rosto.

Às três horas da madrugada, o cabo
Eugênio, do 3º Batalhão da Brigada Mi-
litar, acordou sobressaltado: "Cabo, acor-
da cabo, tem um vigilante aí dizendo que
achou uma cabeça!" Eugênio, tonto de
sono, reclamou: "Que cabeça, rapaz! Tá
louco, deixa eu dormir. Se quiser vai ver o
que é". Virou-se para o canto e continuou
a dormir. Inquieto, o soldado José Carlos
resolveu conferir. Voltou arrepiado.

Suja de barro, olhos semi-cerrados, a
língua trincada nos dentes, a cabeça de
Lindoberto Castilhos, o *Paulista*, 28 anos,
informante da polícia, pingava sangue na
frente da prefeitura municipal. Perto dali,
um motorista de táxi tinha outro arrepi-
o: descobriu um corpo esburacado por onze
tiros e vários pontacos de faca.

Estamos a 16 quilômetros de Porto
Alegre, em Alvorada, um amontoado de
vilas populares habitado por 120 mil pes-
soas, a cidade mais violenta do Sul do país,
com uma previsão para este ano de cinco
mil ocorrências policiais registradas. "É a
nossa Baixada Fluminense", diz o ex-
delegado de Alvorada, Luís Carlos Ber-
bigier.

Alvorada, que tinha dez mil habitantes
em 1960 pulou para os 120 em 1981, absor-
vendo o êxodo rural do interior gaúcho, es-
pecialmente do Planalto Médio e das Mis-
sões, regiões onde a monocultura da soja e
a concentração da terra expulsam os
agricultores pobres. Diariamente chegam

Foto CICI



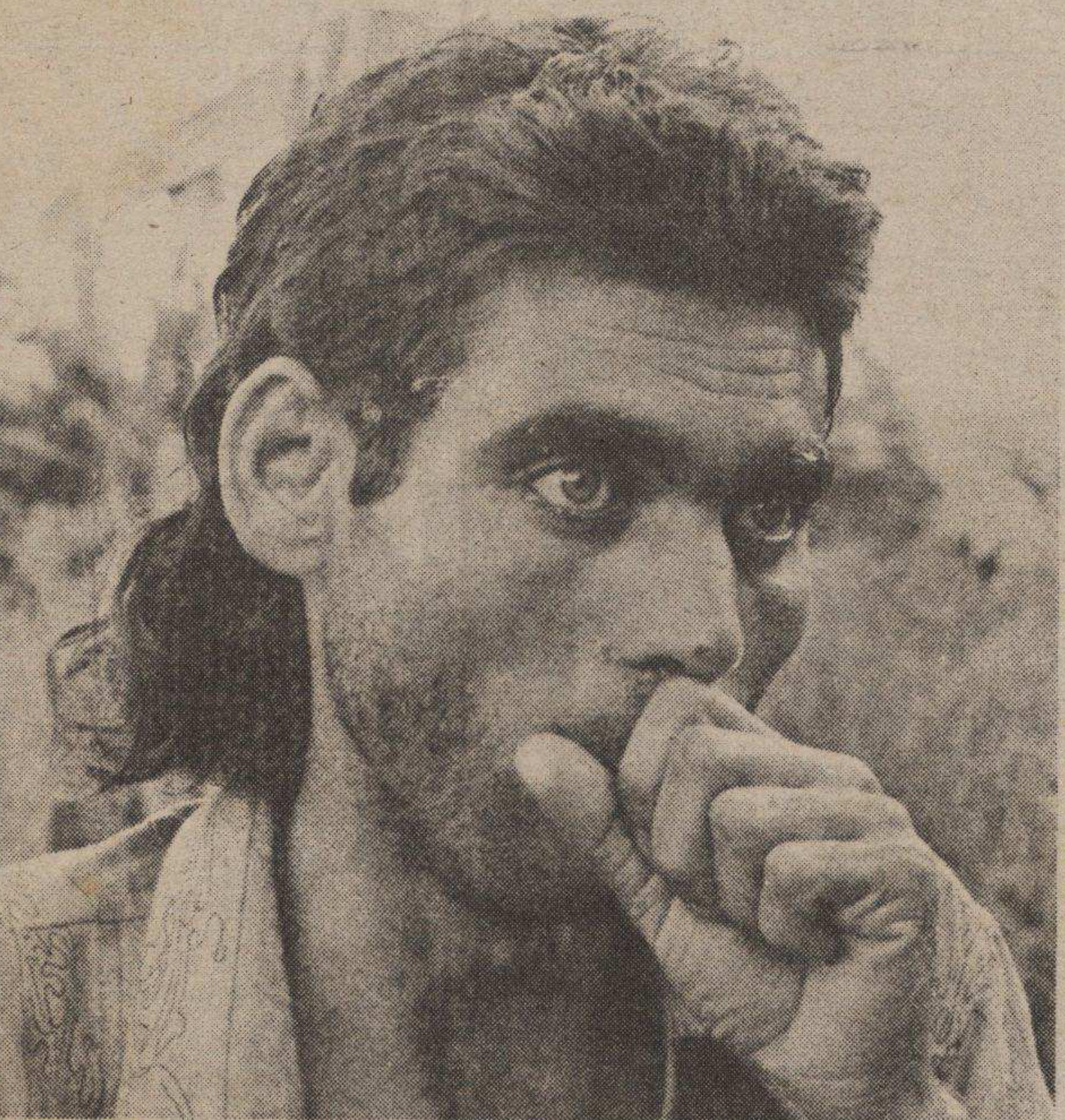
O fim do alcagete *Paulista*

Na frente do cr

Fotos Luis Achutti



Sebastião: tiro na bunda



Almerindo: tiro no peito

mais 15 famílias a Alvorada. Cada uma
com a média de cinco filhos, sustentados
pelos Cr\$ 9 mil mensais ganhos pelo pai na
indústria da construção civil de Porto
Alegre. Aos dez, doze anos os meninos
saem de casa para pequenos roubos e com-
prar seu brinquedo predileto: um revólver
calibre 38. A decapitação surpreendeu pela
exibição pública da cabeça, mas Alvorada
já está acostumada com a morte violenta.

— Os cachorros começaram a latir,
havia algum barulho na rua, mas dona
Clélia não quis se levantar. "É a polícia",
gritaram na rua. "A casa está cercada". Os
policiais entraram pela porta da frente,
outros chegaram pelos fundos e começou a
fuzilaria. A espingarda 12, de dois canos,
explodiu no rosto de Ricardo Fávila Ro-
drigues, 22 anos, o filho mais velho, o
Dodô. Seus miolos voaram pelo quarto.
Quando tudo acabou, a casa, de madeira,
estava esburacada.

No dia seguinte, a polícia técnica veio
fazer o levantamento do local. Quando os
policiais se preparavam para sair, dona
Clélia entregou-lhes um embrulho e per-
guntou: "E isto aqui, que eles deixaram on-
tem, vocês não vão levar?"

Eram os pedaços do cérebro de *Dodô*.

Nos meses seguintes, a casa continuou
vigilada. A polícia desconfiava dos irmãos
de *Dodô*. O padrasto de *Dodô*, acusado
de ter denunciado o enteado à polícia, fugiu.
A irmã Tânia desapareceu, deixando o filho
Mauro, de dois meses, com a avó. O outro
irmão, Cláudio, bebe muito e de noite con-
versa com *Dodô* como se ele estivesse
vivo. Dona Clélia acha que está ficando
louca.

— Não sei, às vezes me perco na rua,
não sei onde ando. Querem me enxotar,
mas daqui não saio. Já mataram o meu
filho. Que querem mais?

Ela mora na Vila Santa Rosa, em Porto
Alegre, mas na fronteira com Alvorada, o
maior índice de criminalidade da capital.
Separada de Alvorada apenas por uma
ponte, a vila é banhada pelos esgotos dos
novos loteamentos construídos na periferia
da cidade, todos canalizados para o Riacho
Passo do Feijó. Aqui foram mortos os dois
líderes da *Quadrilha do Cano Serrado*, a
mais famosa de Alvorada (veja quadro),
Lenine Luís Brito, o *Cachaça*, e Marco
Aurélio Medeiros, o *Sará Marco*. Duran-

te setembro e outubro de 1980, a quadrilha
foi caçada em todo o Rio Grande do Sul até
seu aniquilamento. *Dodô*, motorista do
bando, foi o primeiro a morrer.

Uma caçada nas mesmas proporções é
movida agora contra Osmar Soares, 24
anos o *Malinha*, assaltante a mão armada.
Seu cúmplice, Paulo Alberto da Silva, 22
anos, o *Sapinho*, já está preso. Os dois
executaram e decapitaram *Paulista* ba-
seados na implacável lei do submundo:
"Quem delata, morre". *Paulista*, que
abandonara a vida de traficante de ma-
conha para ser informante da polícia,
praticamente jogara *Sapinho* numa cela da
Penitenciária Estadual do Jacuí. Meses
depois, conseguiu fugir e, na noite de 3 de
fevereiro, o encontrou. A polícia revirou a
Grande Porto Alegre — são nove municí-
pios — a sua procura e de seu cúmplice,
Malinha, nunca hesitando na hora de usar
a violência.

— A polícia descobriu o *Malinha* na
casa da irmã, a Sueli, e disparou uns du-
zentos tiros. Como não conseguiram pegar
meu filho, que só ficou ferido na perna, es-
bofetaram a Sueli, bateram noutras
meninas pequenas que tavam com ela, al-
gemaram a companheira dele, a Dora, e
deram uma tremenda surra no meu genro,
o Almerindo. Antes disso, já tinham pren-
dido outros dos meus filhos. Fizeram com
ele coisas tenebrosas: pau-de-arara,
choque elétrico, afogamento e outros bar-
barismos para que falasse o que não sabia,
o esconderijo do *Malinha*. A última fa-
canha da polícia foi invadir de novo a casa
da Sueli. Não só invadiu como baleou o Al-
merindo no peito.

**Uma cidade que bebe
200 mil garrafas
de cachaça por mês**

Ernesto Soares, 56 anos, aposentado,
cinco filhos, veio do interior de Torres para
Alvorada mas ainda não conseguiu enten-
der direito as coisas que lhe acontecem:
"Quem é o verdadeiro culpado por tudo isto?
É o pai pobre, que ensina o que o filho
deve e não deve fazer? Ou é porque o pai

não teve condições financeiras de
filho às grandes diplomacias?"

Malinha — um apelido de infâmia
teve seu primeiro encontro com a
aos nove anos, acusado de assalto
tenda de frutas na mesma rua on-
rava. Nada foi provado. Foi ajudado
pedreiro e metalúrgico. Em 1979, o
seu primeiro assalto à construtora
"Prenderam meu filho mais de dez
Se conseguia um emprego, dentro
dias era demitido por informações
sabe de onde. Depois a polícia rasgou
documentos e ele nunca mais saiu
trabalho. Como é que um homem vi-
se não tiver direito a se reabilitar?"

Alvorada foi batizada num mom



Miltão: tiro na rótula

Crime

as de levar o
e infância —
com a polícia
assaltar uma
ua onde mo-
ajudante de
979, confessa
utóra Sulcon.
de dez vezes.
dentro de 20
ações não se
a rasgou seus
mais arranhou
nem vai viver
tar?"

momento de

esperteza de sua comissão de emancipação. Até 1965, era o Passo do Feijó, 3º distrito de Viamão, feudo dos Feijó — Marne Feijó é o prefeito — e dos Barcelos — Léo e Lauro Barcelos são vereadores. Era um lugar tranquilo com chácaras e sítios. Passeava-se de charrete e nadava-se nas águas do Gravataí, hoje o rio mais poluído do estado. Na hora da emancipação, ninguém quis manter o nome antigo. Alvorada lembrava Brasília, inspirava otimismo e, afinal a cidade fica bem ao Leste e é a primeira da região metropolitana que vê o sol nascer. Mas o importante é que o nome escolhido começava pela letra A e o repasse das verbas federais aos municípios sempre segue a ordem alfabética...

Ninguém esperava a Alvorada de 16 anos depois — o *Alvoradão*, como é conhecida nas vilas — que bebe mensalmente 200 mil garrafas de cachaça, e onde trinta mil pessoas estão envolvidas em processos judiciais. Uma cidade sem indústrias, sem esgoto, com apenas uma avenida calçada, a Getúlio Vargas, transformando-se em notícia internacional graças à violência:

— **O negrão, entra aí que é cana. Não corre.**

Daniel Seyenkulo, liberiano, estava no Brasil a convite da Federação Luterana Mundial para estudar teologia e acompanhar os trabalhos das comunidades de base em Alvorada. Sem falar português, só entendeu quando viu o cano da espingarda "12" apontado para o seu rosto. Entrou no volks branco, sem placa, com três homens armados, a força de *solavancos* — muros no estômago e na nuca.

— **Confessa negrão: tu tava atravessando uma maróia.**

Num canto da delegacia, Seyenkulo balbuciou qualquer coisa em inglês. Um dos policiais espantou-se: "O negrão fala inglês. Deve ser da Máfia. Pegamos um dos grandes."

Sebastião levou um tiro de 12. Perdeu um pedaço do reto

Na verdade, os três inspetores — Klipp, Quadros e Isaías — pegaram uma suspensão determinada pela Secretaria da Segurança. A Federação Luterana Mundial

colocou o caso nos jornais da Europa, além de denunciá-lo ao Prêmio Nobel da Paz, Adolfo Peres Esquivel, enquanto a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil protestou junto ao Itamarati. Seyenkulo voltou em seguida para a Libéria.

— Alvorada está sendo violentada porque está no centro das comunicações da região metropolitana. Ali desembocam todos os delinquentes. Com sete anos de trabalho na periferia de Porto Alegre, com clientes em Alvorada, dos quais nada costuma cobrar, uma pilha de denúncias de tortura, a advogada Cleci Fogliatto da Silva, 48 anos, conhece bem a cidade: "Os primeiros a desrespeitarem a lei são os policiais que usam sempre a violência para chegarem nas pessoas".

— **Todo mundo quieto. Ninguém corre que é cana.**

Miltão mostrou a guia de soltura e argumentou: "Sou trabalhador. Saí de cana há um mês..." "A resposta veio logo: "Sem essa, entra aí". Miltão — Milton dos Santos Garcia, 21 anos, arranjara um biscoito de pintor ganhando Cr\$ 37,00 por hora e naquele dia recebera os primeiros Cr\$ 2 mil — saiu correndo. Deu alguns passos e sentiu seu joelho queimar. Tropeçou e caiu numa valeta. Os policiais viram, guardaram as armas e sumiram na noite. Balleado, Miltão arrastou-se até a casa da irmã, dois quilômetros adiante. Chegou jorrando sangue, fez uma poça na sala. No caminho terminou de esfacelar a rótula.

— **Nilson Aguiar da Rosa/ Foi o autor do disparo/ Pode lhe sair bem caro/ A sua arbitrariedade/ E abuso de autoridade/ Não foi ato de bravura/ Foi paupérrima aventura/ Com pessimismo e frieza/ A legítima defesa/ Eu protesto de consciência pura.**

O autor do protesto é o comerciante

Sebastião Caetano da Silva, 42 anos, ex-suplente de vereador pela Arena. Durante uma batida policial em busca de *Malinha e Sapinho*, os policiais invadiram seu bar, exigindo informações sobre os assaltantes. Apavorado tentou fugir. Levou um tiro de espingarda 12. "Fui operado cinco vezes, fiquei com mais de 50 estilhaços no corpo. Durante onze meses defequei por uma bolsa no estômago. Perdi 20 centímetros do reto".

Euclides viu seu filho de seis anos virar carvão

Quem leva um tiro em Alvorada só pode buscar socorro em Porto Alegre. Com mais de 100 mil habitantes, a cidade não possui nenhum hospital, embora a Igreja Luterana tenha doado ao município um aparelho de raio-X, 50 leitos e mais de cinco mil quilos em material cirúrgico e de consultório, distribuídos em 130 caixas. Elas estão fechadas até hoje. Somente no ano passado — o hospital foi doado em 1974 — o prefeito Marne Feijó, que teimava em desmentir a existência do material, admitiu a doação. Mas só fez isso depois de uma vigília das associações de bairro defronte à prefeitura.

— **Isto aqui é lugar de trabalhador, gente que tem compromissos. Acontece que o governo estadual não consegue resolver os problemas de planejamento urbano, poluição, desemprego da Grande Porto Alegre e joga tudo em cima de nós, que ficamos no centro da região.**

A "12" na cara do repórter

— **Podem parar por aí, seus putos. É polícia. Ninguém se coça, mão na cabeça...**

Com uma espingarda 12 na cara não há como pensar em qualquer tipo de reação. Até um gesto para pegar uma identificação pode ser mal interpretado. A voz some e as pernas começam a tremer. No estômago surge uma vontade de vomitar.

Há vários dias eu andava pela vila Santa Rosa, tentando uma aproximação com os *periculosos* que, no dialeto do submundo, significam os *malandros* mais perseguidos. Na saída da quadra da escola de samba *Portela do Sul*, a polícia fechava a rua com metralhadoras INA e espingardas 12:

— **Qual é o teu nome? perguntou o homem com a 12 na mão — o chefe do grupo, Betão, vestido como um malandro — bermuda, chinelo, camiseta — olhava pra mim debaixo da aba do chapéu.**

Respondi.

— **Qual é o teu apelido?**

— **Não tenho apelido**

— **Como é que tu não tem apelido, cara? Vagabundo tem que ter apelido.**

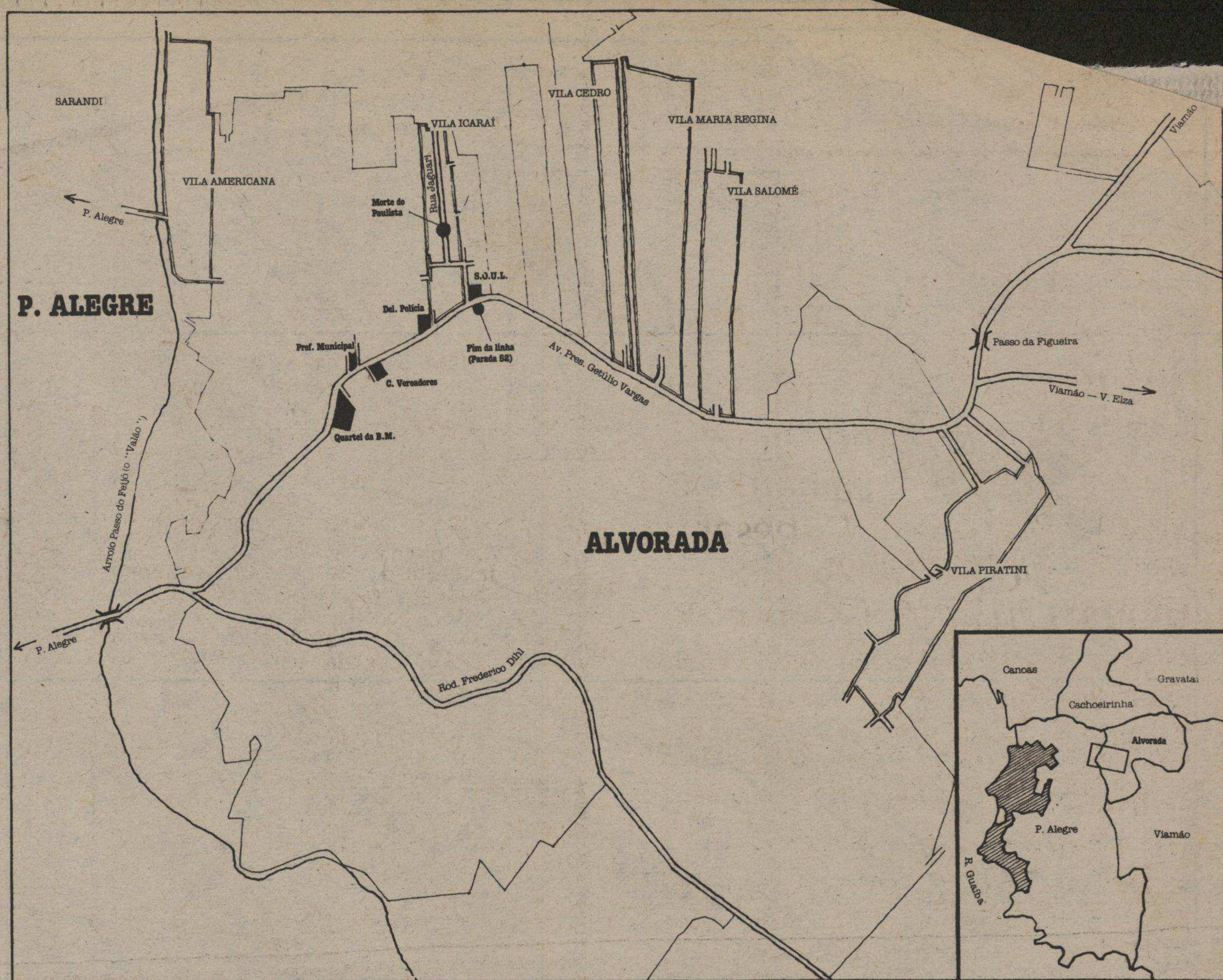
Os outros policiais — eram quatro — ficaram mais interessados no menor W.T.C., de 17 anos, o Coco, minha primeira amizade na vila. Quando ele falou o apelido, Betão ordenou:

— **Grampeia, que este nós queremos.**

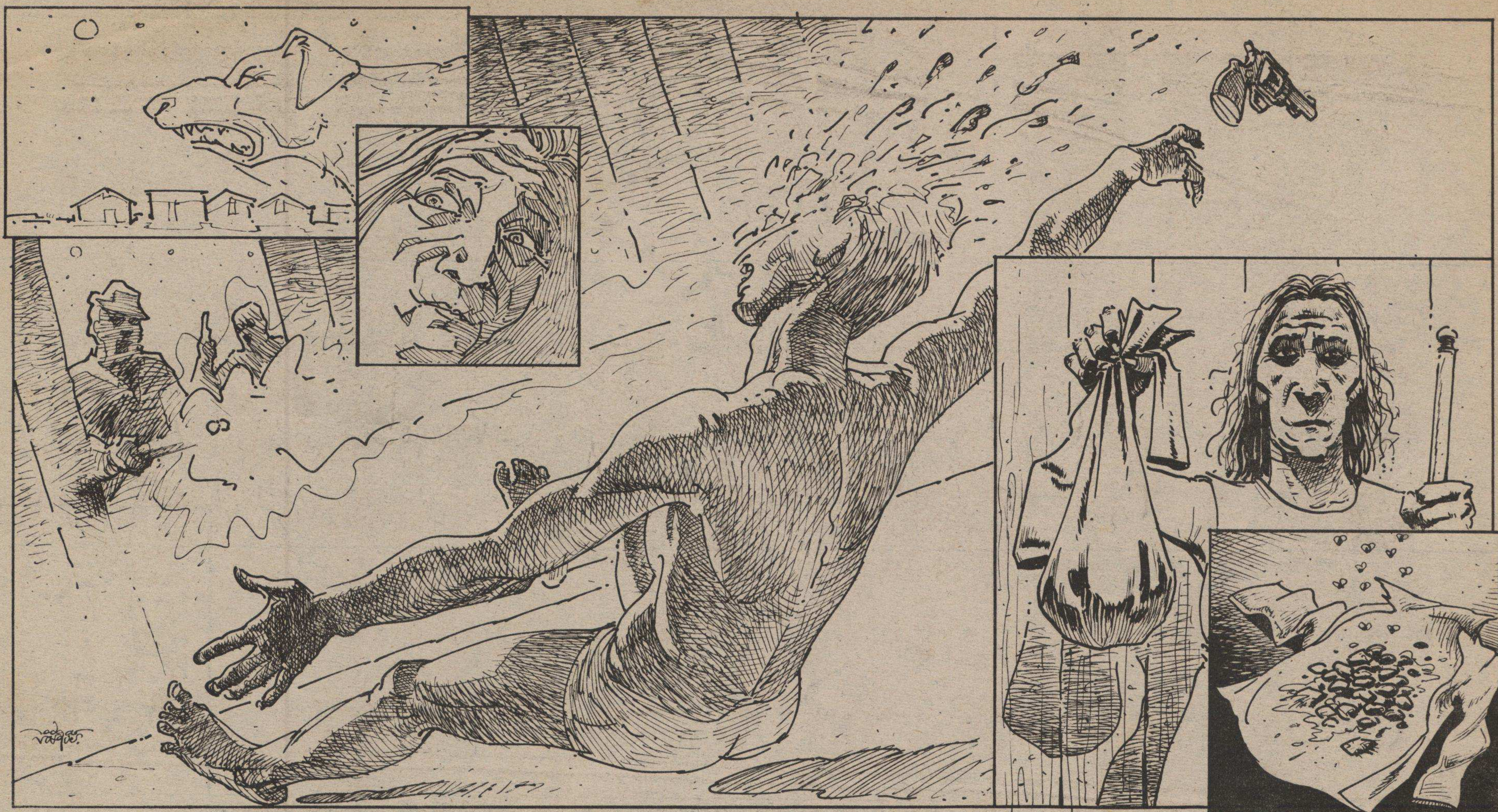
Coco, acusado de alguns assaltos, foi levado até o posto da Brigada da vila. Entrou apanhando com a própria 12, junto com outro menor, A.M.M., de 16 anos. No posto existe um xadrez com duas celas e, nos fundos, um parreiral usado para pendurar os presos, pau-de-arara ao ar livre. Na hora da revista, outro policial descobriu meus documentos. Examinou e resolveu me liberar.

Encontrei Coco dias depois. Estava com o pescoço inchado e as costas cheias de hematomas. Tinha recebido um aviso do Betão:

— **Se tu continuar a andar com o tal jornalista nós vamos te matar.**



No centro da região metropolitana, Alvorada é passagem obrigatória para quem foge da polícia



Terno safari, sapato branco e voz estridente, o prefeito Marne Feijó, 37 anos, do PDT, tem uma imagem onírica do futuro de Alvorada. "A cidade terá casas de alvenaria e grandes blocos de apartamento onde vai viver um pessoal mais sociável. Com o tempo a gente de Alvorada vai se educar com estas pessoas".

"Ele é o nosso faraó", ironiza o vereador Mário Ferreira, também do PDT. Para ele, Feijó teve um acesso de megalomania ao deixar de calçar a Avenida Getúlio Vargas por Cr\$ 8 milhões, preferindo construir o novo prédio da prefeitura por Cr\$ 30 milhões.

Alvorada vive às escuras — as currais são frequentes — mas a nova prefeitura está sempre bem iluminada. Feijó reservou as únicas lâmpadas do município para exibição de sua obra, o *Elefante Branco*, como dizem os líderes comunitários. Nas vilas não há esgoto e, muitas vezes, sequer água ou coleta de lixo. Isto não impede que o prefeito tenha aumentado em 400% as taxas de conservação de ruas e de recolhimento de lixo no início de 1981. E aí de quem não pagar: seis mil moradores já estão sendo processados judicialmente.

Embora sua população infantil ronde os 60 mil habitantes, a cidade só tem uma creche mantida pela Federação Luterana Mundial com capacidade para 260 crianças. Isto gera tragédias como a de Euclides Rodrigues de Souza, 44 anos, seis filhos, que veio de Vacaria para ganhar Cr\$ 9 mil mensais: "Eu tinha ido trabalhar e quando cheguei vi aquele fogo todo. O Enio, o mais dorminhoco, virou um pedacinho de carvão. Tinha seis anos". Volnei Rodrigues de Souza, 13 anos, vendedor de pastel, morreu afogado numa lagoa que já matou oito crianças. Euclides está doente: "Grito de noite, arregalo os olhos, sai baba pelo canto da boca".

As crianças praticam 85% dos crimes

O índice geral de mortalidade infantil no estado baixou de 1979 para 1980. De 38 mortes (antes do primeiro ano de nascimento) por mil habitantes passou para 37, mas em Alvorada aconteceu o oposto: subiu de 40,5 para 43,5. O número de mortes por desidratação e diarreia é o dobro do estado. Entre os adultos, a tuberculose mata duas vezes mais em Alvorada, quando a doença está quase erradicada no Rio Grande do Sul (7,3 mortes por 100 mil habitantes).

Oitenta e cinco por cento dos crimes de Alvorada são praticados por menores. É o que diz o ex-delegado Luís Berbigier que,

no meio da caçada a *Malinha* e *Sapinho* caiu em desgraça depois de criticar a pobreza de recursos da delegacia da cidade. O exemplo mais recente desta criminalidade infantil é a *Quadrilha do Kojak* (veja quadro). Mas agora com toda a polícia da região metropolitana na pista dos decapitadores, há muita cautela nas vilas de Alvorada:

— Não tem ninguém na banda, meu chapa. Eu tô fazendo as minhas lançadas sozinho. É muito difícil conseguir um parceiro de fé, que vá segurar o pau, sem entregaço". (Cacaio, 18 anos, um 32, cabo branco na cintura).

Malinha e *Sapinho* ganharam pontos nas vilas com a decapitação, mas o crime colocou a *malandragem* num torniquete. Quem não fugiu ou morreu corre perigo. Vivos e na ativa apenas *Flávio Louco* e *Boca*.

"Mata esse gordo, mata". Com o 38 na cara, o vereador Mário Ferreira suava frio por todos os poros de seus 122 quilos. *Malinha*, o dono do 38, resolveu poupá-lo apesar da insistência de *Sapinho*. Difícilmente *Malinha* terá a mesma sorte. Todos os esconderijos do *Alvoradão* — as vilas Salomé, Americana e Cedro entre outras — são reviradas diariamente por homens armados com espingardas 12. A fuga deve terminar em Alvorada mesmo. "O *malandro* acaba caindo perto de casa, onde tá o mundo dele, a família, os amigos", diz um morador da Santa Rosa. "É questão de tempo".

"Vamos pegar o *Malinha* e encher ele de chumbo", anuncia o sargento da Brigada Militar, João Santos. O sargento é um dos 48 brigadianos envolvidos na perseguição. Ele acha que destruindo *Malinha* a cidade ficará mais suportável. Mas, sem que o salário tenha sido aumentado, os

trabalhadores de Alvorada há pouco passaram a pagar Cr\$ 25,00 por uma passagem de ônibus. São Cr\$ 1.400,00 mensais que ajudam a transformar Alvorada no que Cleci Fogliatto chama de *inferno social*. A pressão vai aumentar e como diz Berbigier: "Aquilo é uma caldeira, um dia explode".

Lenine para sua família: "Não me entrego vivo!"

Cachaça e *Sará Marco*, em apenas três minutos, do dia, levaram 12 revólveres 32 e 38 e uma espingarda calibre 12 da loja Fotoarma, no centro de Porto Alegre, e fundaram a *Quadrilha do Cano Serrado*, a mais respeitada de Alvorada. A quadrilha teve uma trajetória rápida: assaltos a luz do dia, dribles desconcertantes na polícia até o último tiroteio na vila Santa Rosa.

Cachaça, 20 anos — menos conhecido por seu nome de batismo, Lenine Luís Brito — *Sará Marco* ou Marco Aurélio Medeiros, morreram no dia 1º de outubro crivados de balas após uma perseguição que durou dois meses. Com eles morreu Jurema Silva, 18 anos, mulher de *Sará*, que nada tinha a ver com a quadrilha. Filho de um pedreiro de Al-

vorada, simpatizante das idéias socialistas, *Cachaça* ou Lenine resolveu serrar o cano de sua 12 para obter maior impacto e precisão no tiro de curta distância. Até hoje não se sabe se existia apenas uma ou várias *Quadrilhas do Cano Serrado*, pois as denúncias surgiam quase ao mesmo tempo em lugares distantes entre si.

Filho mais querido da família Brito — existem ainda a irmã Danila Marlova e o irmão Rubens, investigador da polícia — Lenine fugira do Presídio Central de Porto Alegre e recebera Cr\$ 200 mil do pai para que se escondesse no Mato Grosso. Lenine foi, mas em pouco tempo estava de volta. Antes de morrer anunciou à família que a polícia nunca iria pegá-lo vivo.

Kojak nunca ri. Ele quer formar uma quadrilha

Kojak tem as pernas cheias de feridas e afasta as moscas com gestos irritados. Cabeça raspada, calção preto desbotado, ele foi preso com dois revólveres, um 38 e um 22, escondido numa maloca da vila Americana, que havia sido usada pela *Quadrilha do Cano Serrado*. *Kojak* tem 12 anos e foi apresentado pela polícia como líder de quadrilha.

— Não adianta, esse guri é irrecuperável. Olha a cara dele. Não ri nunca, diz o comissário Manuel, da delegacia de Alvorada. De fato, *Kojak* não costuma sorrir. Mas é difícil pintá-lo como um terrível bandido. Ele é apenas um garoto, que nasceu no interior e, em Porto Alegre, abandonou a casa dos pais. Virou engraxate, começou a roubar e resolveu sonhar mais alto: formar uma quadrilha igual ao do *Cano Serrado*.

— A idéia não foi bem minha; foi do Zoréia (16 anos), conta *Kojak* (um apelido que ganhou na Febem, quando

raspavam sua cabeça). "Aí a gente começou a juntar armas. Primeiro pintou uma 12, depois um 22 e um 38. A 12 ficava guardada debaixo do colchão do Tatá (18 anos). Mas ele ficou duro e vendeu a arma antes da gente cortar o cano".

Mas A.C.C. ou *Kojak* não está sozinho. Da sacra mais recente de Alvorada são também Juquinha e Chiquinho. Os dois atuam principalmente no bairro Sarandi, em Porto Alegre, fronteira com Alvorada. Juquinha, 15 anos, matou o investigador Firmino Marques Martins num assalto a luz do dia. Chiquinho, 14 anos, enfrentou a polícia com dois revólveres 38, só se entregando depois de baleado nas duas pernas.



Kojak: 12 anos e uma quadrilha

De um lado os
empresários com
nova direção. De
outro, os operários
ameaçados pelo
desemprego.
O país inteiro
acompanha as
negociações



Lula e Jacó Bittar: cochichos antes do dissídio

Dias decisivos em São Bernardo

Calcado no exemplo dos dois anos anteriores, o Governo admite que as negociações entre os metalúrgicos do ABC paulista e os empresários serão cercadas de dificuldades. O Grupo 14 da Fiesp, que congrega os 22 sindicatos industriais da área metalúrgica está de posse do documento contendo as 31 reivindicações dos operários de São Bernardo e Diadema, que exercem liderança na região. Eles querem 52,5% de reajuste salarial mais 15% de aumento correspondente aos lucros obtidos pelas empresas, enquanto os empresários apegam-se ao Índice Nacional de Preços ao Consumidor, igual a 47,1% e estão dispostos a ceder até os níveis acertados com o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, que vão de 3% a 8% de produtividade.

Apesar destas divergências, assessores do Ministério do Trabalho não acreditam numa reedição das greves passadas e estão seguros que os metalúrgicos aceitarão as propostas dos empresários. "Se não toparem, terão que suportar as consequências, que serão graves, como mais desemprego e, em caso de greve, gente sem receber salários por um longo período", afirmam esses assessores.

A conjuntura econômica é também diferente da de 1980. Só em janeiro deste ano, a Volkswagen despediu mais de 3 mil empregados. Nos meses seguintes, continuou demitindo a uma média de 50 por dia. Entre os empresários, comenta-se que as demissões só não foram mais numerosas para não prejudicar as negociações. Não fosse isto, a própria Volks já teria demitido mais de 8 mil operários. É provável que o faça em maio, depois do encerramento das negociações. Outras indústrias igualmente com seus estacionamentos entulhados de veículos seguiram o exemplo.

Os metalúrgicos incluíram no documento item *salário de substituição*, considerado prioritário. Para impedir que as empresas substituam um funcionário por outro com remuneração menor, eles querem estabelecer que "o empregado admitido para a mesma função de outro dispensado, com ou sem justa causa, que pediu demissão, se aposentou, faleceu ou fez acordo, venha a receber salário igual ao do empregado substituído". Os empresários contrapõem o *sistema preferencial de emprego*, segundo o qual as empresas com 50 a 200 empregados poderiam de-

mitir 3,5% deste total por mês e as indústrias com mais de 1 mil operários, 2,3%. Além disso, os demitidos teriam preferência no caso de reabertura de suas vagas.

Empresários mais flexíveis do que no ano passado

Para alguns empresários mais duros, a decretação de uma greve pelos metalúrgicos serviria como pretexto para a concretização das demissões até então sustadas. No entanto, oficialmente a Fiesp está encaminhando sua atuação no sentido de buscar um acordo, mostrando-se mais flexível do que no ano passado. Uma prova desta flexibilidade é o comportamento de Nildo Masini, coordenador da Comissão Executiva do Grupo 14, identificado no passado como líder dos duros. Mesmo mantendo muita afinidade com o pensamento do Ministro Murilo Macedo, Masini parece servir como intermediário entre os duros — que têm maioria no Grupo 14 — e os liberais, minoritários mas influentes.

A experiência dos anos anteriores demonstra que, no auge nas negociações, os liberais são eclipsados pela posição dos duros que, via de regra, são triunfantes. Esta tendência deverá repetir-se em 1981, embora a Comissão Executiva tenha sido reforçada com a presença de três assessores técnicos, recrutados nas divisões de recursos humanos das fábricas que são respeitados por sua vivência dos problemas dos operários.

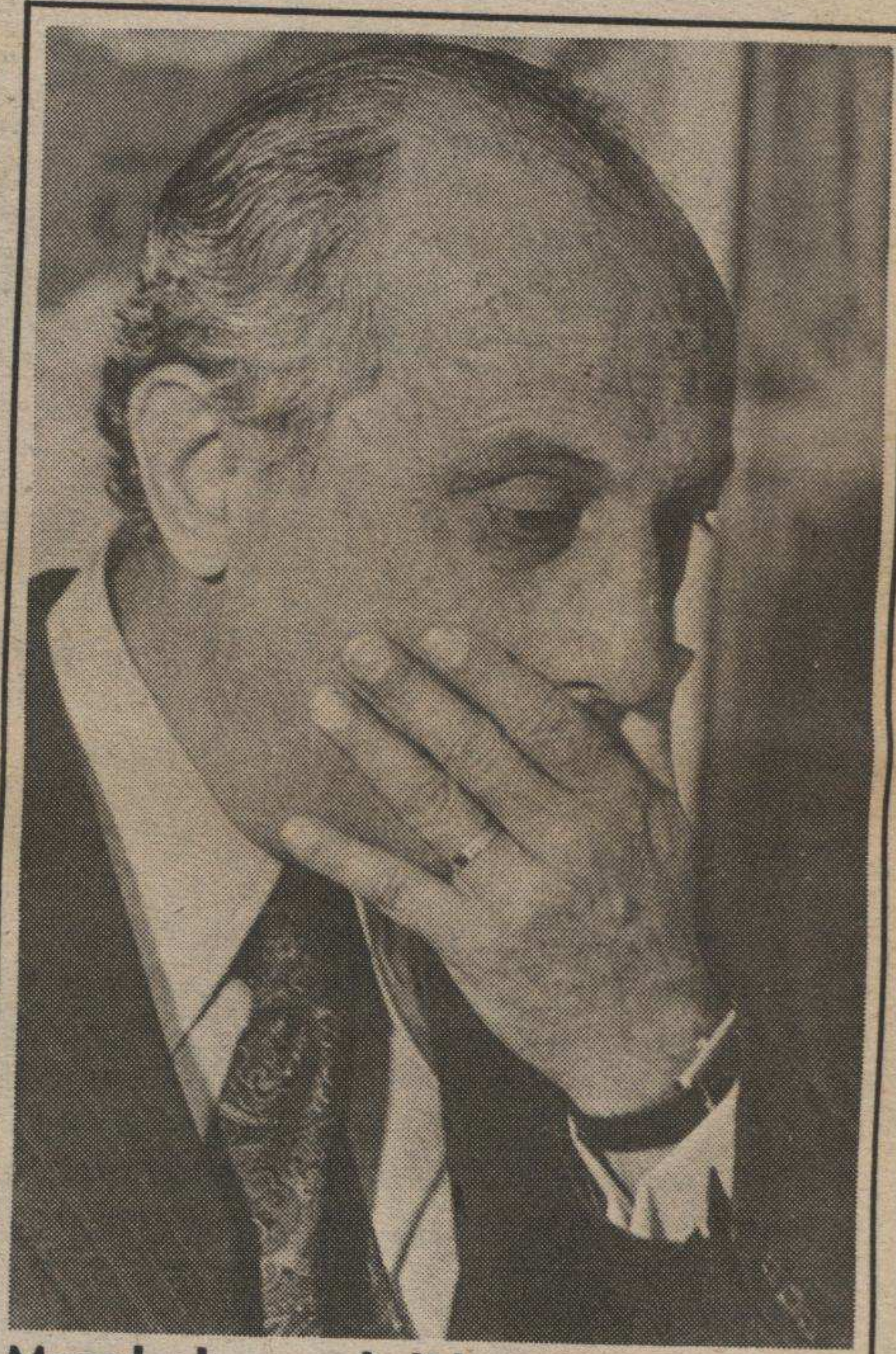
Por sua vez, o Ministro Murilo Macedo que, durante as greves passadas, manteve um fogo cerrado contra os líderes sindicais, este ano teve mais tempo para se articular e impedir que alguma coisa fugisse a seu controle. Seu plano inicial consistia na pulverização dos sindicatos dos metalúrgicos em quatro ou cinco. O Sindicato de São Bernardo, por exemplo, poderia ser dividido em três: dos metalúrgicos das montadoras de automóveis, dos trabalhadores na indústria mecânica e dos trabalhadores nas indústrias de material elétrico.

Mas o plano tinha pontos frágeis, já que

não poderia valer unicamente para o ABC paulista. Seria necessário tocar, por exemplo, no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, poderosa entidade com aproximadamente 1 milhão de associados, chefiada por um antigo aliado do Governo, Joaquim dos Santos Andrade, o *Joaquinzão*. O Governo correria o risco de enfraquecer um potencial de força que não pode ser desprezado e a idéia foi arquivada.

A outra tática, imediatamente adotada, é a de dobrar politicamente os metalúrgicos do ABC, "esta vanguarda indesejável da classe operária", como ironizam assessores de Murilo Macedo, promovendo líderes sindicais com comportamento oposto. Desta forma, o Ministério do Trabalho conseguiu promover *bons acordos* com o Sindicato dos Eletricitários de São Paulo, com a Federação dos Químicos de São Paulo, com o Sindicato dos Metalúrgicos de Santos e Cubatão e com o próprio sindicato presidido por *Joaquinzão*, num estilo de negociações que o ministro considera exemplar.

Além disto, Murilo Macedo criou o Programa Social dos Industriários (Prosin-di), destinado a construir moradias para os operários. Os primeiros resultados surgiram em São Caetano, onde José Lins, presidente do sindicato local que participou das greves anteriores, passou para o lado do Governo. Recentemente, ele foi reeleito com ajuda do Ministério do Trabalho, ao publicar o edital de convocação num pequeno jornal paulistano, sem que a oposição tomasse conhecimento do prazo



Macedo: buscando líderes "confiáveis"

de encerramento para a inscrição de chapas.

São mais comuns ainda as reuniões de Murilo Macedo com empresários como Mario Garnero, respeitável dirigente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), com o presidente da Volks, Wolfgang Sauer e com o atual presidente da Confederação Nacional da Indústria, Albano Franco. Na Fiesp, seu prestígio é um tanto oscilante. Tem ótimas relações com o presidente anterior Theobaldo de Nigris, mas seu relacionamento com o atual presidente Luiz Eulálio Bueno Vidigal já sofreu leves arranhões, por causa de uma declaração de Vidigal que se recusou a negociar com os interventores do Ministério.

Macedo interpretou o fato como tentativa de pressão e por isto atrasou em dois

O que querem os metalúrgicos

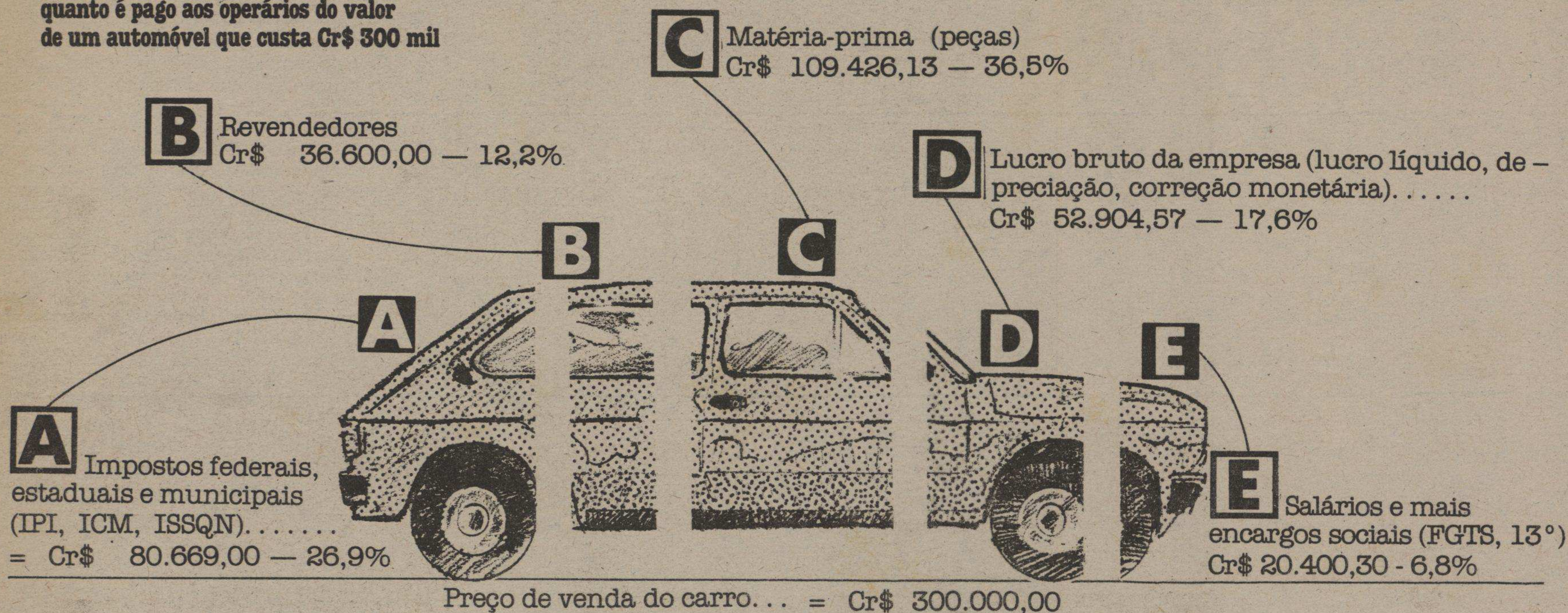
Reajuste de 52,5% (Dieese)
Aumento de 15% correspondente ao lucro das empresas
Piso salarial de Cr\$ 25.138,00
Salário de Substituição (cada operário contratado deve receber o mesmo que o demitido)
Horas extras com acréscimo de 100%

O que oferecem os empresários

Reajuste de 47,1 (INPC)
Índice de produtividade de 2,5% a 6%, de acordo com os salários
Salário mínimo regional: Cr\$ 5.700,00
Sistema Preferencial de emprego (as empresas podem demitir entre 3,5% a 2,3% de seus empregados, dando preferência ao demitido em caso de novas admissões)
Pagamento normal das horas extras

Quanto vai para os metalúrgicos de um carro de Cr\$ 300 mil

O Sindicato de São Bernardo calculou quanto é pago aos operários do valor de um automóvel que custa Cr\$ 300 mil



meses a nomeação das juntas. Não queria dar a impressão de que se submetera ao presidente da Fiesp.

Para completar, Murilo assumiu o papel de adversário número um de Luiz Inácio da Silva, o Lula. Tão logo o Governo jogou sobre Lula e vários outros líderes sindicais o peso de suas leis de exceção — primeiro promovendo intervenções e após condenando os operários com base na Lei de Segurança Nacional — o Ministro passou a descredenciá-los como dirigentes sindicais. Lula é um símbolo do inconformismo dos trabalhadores com a situação econômica do país e tornou-se excessivamente perigoso para a estabilidade do sistema, na visão do Palácio do Planalto.

Um balanço dos últimos três anos de movimentação operária mostra que o ABC foi o epicentro do tremor que sacudiu o sindicalismo brasileiro. Além de algumas vitórias, como a mudança da política salarial e o desmascaramento da legislação trabalhista, da qual Lula é o crítico mais incisivo, as greves tiveram o mérito de apresentar um novo sindicalismo no país.

Unificação da data base para os trabalhadores

As estatísticas mostram, no entanto, que o movimento sindical entrou numa espécie de refluxo a partir de 1980. Em 1979, segundo levantamento do Ministério do Trabalho, ocorreram 140 greves no país. No ano seguinte, este número diminuiu para 32, a maioria por aumento de salário, mas um grande número por atraso nos pagamentos, ou seja, greves legais, segundo a legislação vigente. Em 1981, nos dois primeiros meses, registraram-se apenas seis greves, todas provocadas por atraso de pagamentos.

Entre as razões para este refluxo pode ser apontada a de que o sindicalismo brasileiro ainda repousa sobre bases pouco organizadas e com baixo índice de sindicalização, conseqüente da heterogeneidade e da juventude da classe operária brasileira. Mesmo no ABC, um macropolo industrial nascido na década de 50, com a indústria brasileira, apenas agora é que está se aposentando a primeira geração de metalúrgicos. O maior contingente entre os operários provém do campo e não por acaso muitos dos metalúrgicos recém incorporados ao proletariado urbano estão satisfeitos com a oportunidade de emprego estável, mais seguro do que na zona rural. A consciência de sua situação operária, portanto, aprofunda-se com o tempo e com o trabalho de líderes carismáticos como Lula, cuja argumentação tem uma força extraordinária junto à base.

No momento são poucos os sindicatos que estão com suas bases organizadas. Mesmo com o índice de sindicalização inferior a 40%, o mais organizado é o de São Bernardo. Outro problema do sindicalismo brasileiro é a escassa solidariedade inter-sindical provocada, não apenas pela heterogeneidade dos dirigentes — alguns autênticos, outros pelegos e a maioria vacilantes —, mas pela falta de um consenso sobre seus objetivos fundamentais, o que foi agravado pela reformulação partidária. Não é por outra razão que o movimento operário não teve força para impor outras mudanças como a criação de delegados sindicais, uma conquista elementar num quadro sindical razoavelmente moderno. Na Fiat italiana, por exemplo, as comissões de fábrica — mais tarde destruídas pelo fascismo — foram organizadas pela primeira vez em 1905.

Os próprios líderes sindicais parecem se dar conta de que precisa aumentar seu nível de organização e solidariedade. Nas primeiras assembleias de São Bernardo e Santo André, em fevereiro, os dirigentes começaram a falar na unificação das campanhas salariais e da data-base do maior número possível de categorias, visando a discussão em massa dos problemas da classe, como acontece em países adiantados. O grande problema é que o Brasil não é um país adiantado.



Garnero: boas relações com Macedo

O sindicalismo segundo Macedo

O Ministro do Trabalho, Murilo Macedo, recebeu a incumbência de administrar a abertura política justamente na área de maior turbulência social e tem algumas idéias a respeito do que poderá ser o centro do sindicalismo brasileiro. Ele considera, por exemplo, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Joaquim dos Santos Andrade, o Joaquinão, como "dirigente da nova safra" e se proclama inimigo de Luiz Inácio da Silva, o Lula. A seguir, algumas opiniões do ministro sobre o atual momento do sindicalismo no país:

LIDERANÇAS SINDICAIS

Existem lideranças autênticas como Joaquim dos Santos Andrade, e Cid Ferreira de Souza, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas, Antonio Rogério Magri, presidente do Sindicato dos Eletricistas de São Paulo, e Alcy Nogueira, presidente da Federação dos Químicos de São Paulo. São dirigentes da nova safra. E há os da velha safra, como Lula, Benedito Marcílio, do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e o bancário Olívio Dutra. O pecado dos dirigentes da velha safra é que eles ousam demais. Misturam política com sindicato, que são coisas diferentes. Eles não perdem tempo com discussões como a legalidade de se fazer uma greve. Apenas obedecem às deliberações das assembleias de suas categorias. Os novos, não. Obedecem às assembleias, mas estão atentos aos aspectos restritivos de legislação trabalhista.

LEGISLAÇÃO

Dizem que ela é velha, anacrônica e fascista. Mas é a que existe e vamos cumprir. Vivemos numa democracia e a democracia é o império da lei. A casa precisa ser arrumada, mas não é necessário derrubá-la. O Governo quer deixar a reconstrução da casa para empregados e empregadores. Eu não pretendo mais intervir nos sindicatos e, no processo de reforma da CLT, vou propor que o poder interventor do Executivo se transfira para a Justiça do Trabalho.

CAMINHOS DO SINDICALISMO BRASILEIRO

Existem duas correntes no nosso sindicalismo, os revolucionários e os demorados. Para os primeiros, o sindi-

cato é um meio para se atingir um fim e não um fim em si mesmo. Neste esquema, os sindicatos passam a ter interesse nos partidos para a consecução de seus objetivos econômicos e, por sua vez, os partidos esperam que os sindicatos desempenhem uma função de apoio continuado no combate aos empresários. A estratégia básica da ação é o confronto, não a interação. A tática principal nesse esquema é evitar o acordo pela via do tumulto e da obstrução da negociação. A pretensão do sindicalismo democrático não é provocar transformações radicais na estrutura de poder, no sistema político ou na ordem econômica. Esta é aceita, mas aperfeiçoável. Nesse esquema, a função do sindicato é basicamente buscar a negociação direta entre trabalhadores e empresários e mudanças graduais na legislação. A tática básica do sindicalismo democrático é a negociação. Através dela, o sindicato faz seus avanços e acaba influenciando a própria organização social. Trata-se de uma situação caracterizada pela mútua sobrevivência e não pela destruição de qualquer das partes.

TRABALHADORES E EMPRESÁRIOS

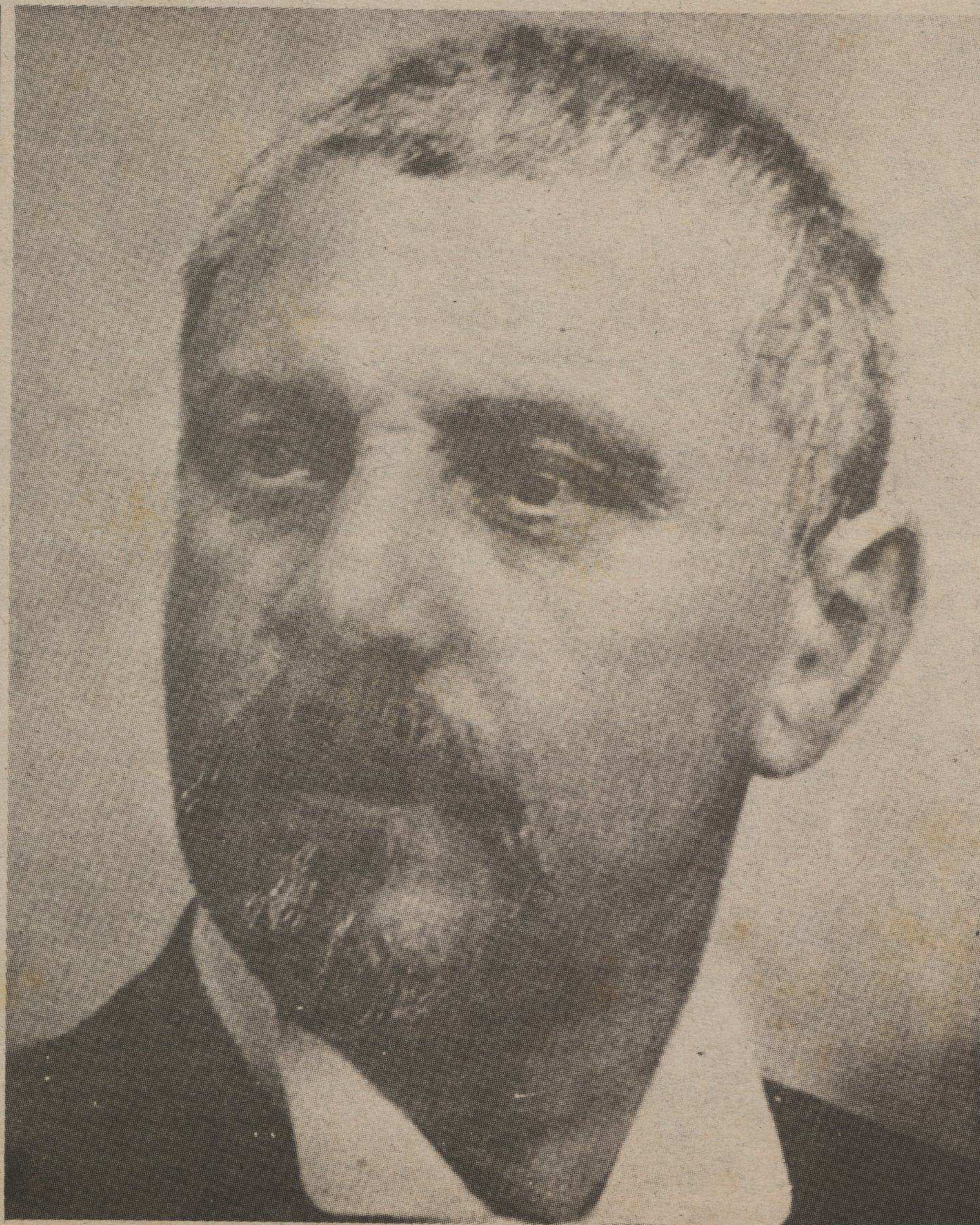
A divergência de interesses é inevitável. As nações desenvolvidas possuem uma evoluída rede de instituições preparadas para lidar com o conflito. É inconcebível, nestes países, que uma greve venha a conturbar o quadro social geral ou a estabilidade política da sociedade. As nações menos desenvolvidas, no entanto, exibem uma enorme dificuldade de conviver com a divergência e a presença do conflito gera intranquilidade e dissemina uma preocupação desconfortável. A inexistência ou ineficiência de instituições para lidar com as divergências induz as partes a buscar apoio em áreas estranhas a suas causas. O que nos resta é aprender a lidar e conviver com a divergência. Sem radicalismos ou prevenções. Os que pensam diferente têm muito a nos ensinar. Precisamos criar mecanismos para o trato das divergências desde a fábrica até o sindicato. Precisamos aperfeiçoar, e muito, a negociação, estabelecer novas rotinas, novos códigos de ética, novos princípios de conduta. Precisamos examinar a possibilidade de introduzir entre nós a mediação, a arbitragem e vários outros procedimentos capazes de prolongar o diálogo e, conseqüentemente evitar o impasse.

O Pai dos Ditadores

Por Eduardo Bueno

"Qual povo, nem para o povo. O povo abre alas e o homem passa!"
(Júlio de Castilhos respondendo a um cabo eleitoral)

Chefe do maior partido do Rio Grande do Sul aos 29 anos, governador aos 31, vencedor da mais sangrenta guerra civil do País aos 35, Júlio de Castilhos não foi apenas um caso precoce da ambição e poder. Durante 14 anos, ele dominou a máquina do Estado e tratou seus adversários com mão-de-ferro, não recuando diante da fraude, da intimidação e até do massacre. Sua devoção ao positivismo, levou-o a transformar o Rio Grande no único estado do mundo regido por uma constituição positivista. Adepto da **monocracia**, o governo de um homem só, o positivismo ajustou-se como uma luva à personalidade autoritária de Castilhos. Ao morrer, Castilhos não deixou somente o governo ditatorial de seu discípulo mais aplicado, Borges de Medeiros. Outro de seus admiradores, Getúlio Vargas, seria ditador do Brasil durante oito anos. Mas suas influências vão ainda mais longe. Hoje, 78 anos após sua morte, Castilhos continua vivo nas elites do poder. Para o historiador José Honório Rodrigues, os generais Costa e Silva, Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo são filhos do autoritarismo castilhista. "Graças a Castilhos — diz Rodrigues — o Rio Grande é uma fábrica de ditadores".



Castilhos: poder até depois da morte

Orador medíocre, que às vezes não conseguia vencer a gagueira, baixo, gordo e com o rosto marcado pela varíola, Júlio Prates de Castilhos não precisou mais do que 43 anos de vida para mudar definitivamente os rumos da política gaúcha. Em menos de meio século, institucionalizou no poder um autoritarismo que já fazia parte da história do Rio Grande do Sul e que, por influência sua, se estenderia também à política nacional, com reflexos até os dias de hoje.

Se, por um lado, Castilhos não sabia expressar-se bem e nem podia ser considerado nenhum modelo de beleza, por outro, era um redator brilhante, que, a partir de 1882, adquiriu reputação como editor do jornal *A Federação*, o primeiro jornal doutrinário do País. Além disso, era carismático. Seu cunhado João Francisco Assis Brasil costumava dizer que Castilhos possuía "o misterioso dom de submeter a vontade dos outros homens a sua, impondo confiança e obediência". Outro contemporâneo percebeu nele "a capacidade de inspirar fanatismo em seus seguidores e ódio em seus adversários".

Homem irredutível e impulsivo, Castilhos traçou uma trajetória política tão explosiva quanto a sua personalidade. Nasceu em junho de 1860 na fazenda da Reserva, um latifúndio de 23.600 hectares localizado no município que hoje se chama Júlio de Castilhos, no centro-oeste do Rio Grande do Sul. Aos 11 anos, com a morte do pai, recebeu uma herança de 17 mil contos de réis, numa época em que o salário de um alto funcionário estadual era de apenas 100 mil réis. Estancieiro e rico, Castilhos partiu para São Paulo, em 1877, disposto a preencher o terceiro e último requisito necessário para disputar um cargo político de importância no Rio Grande: bacharelar-se em Direito.

Foi em São Paulo que Castilhos começou a criar um novo tipo de ditador. Na Academia do Largo de São Francisco, conheceu João Francisco Assis Brasil, Angelo Pinheiro Machado, Vasco Pinto Bandeira, Barros Cassal e Antônio Borges de Medeiros — todos, como ele, gaúchos,

ricos, estancieiros e politicamente ambiciosos. Três deles se tornariam governadores estaduais e Pinheiro Machado seria o homem mais importante do Senado brasileiro. Mas nenhum, com exceção de Borges, continuaria aliado a Castilhos: todos revoltaram-se contra seu sectarismo.

Na década de 70, São Paulo vivia um período de intensa ebulição ideológica: agitava-se o abolicionismo e a república, lia-se Comte, Spencer, Darwin. Foi lá que Castilhos apaixonou-se e se converteu ao positivismo (veja quadro). Foi lá também que iniciou sua carreira no jornalismo, fundando, junto com Assis Brasil, a revista estudantil *Evolução*, que lançou ferozes ataques à monarquia.

No Rio Grande do Sul, nessa mesma época, as coisas eram muito diferentes. Todo o jogo político e, de certa forma, as atividades culturais, estavam sob o comando do caudilho Gaspar Silveira Martins, chefe intocável do Partido Liberal, que assumira o poder em 1872 e só iria abandoná-lo com a queda do Império. Martins, homem alto, orgulhoso, de peito cheio e barba farta costumava dizer que "tinha o Rio Grande por si" e que seu partido movia-se coeso e disciplinado "como um regimento de Frederico, o Grande". Em apenas sete anos — graças, é claro, à Proclamação da República, em novembro de 1889 —, Castilhos conseguira desmantelar essa poderosa organização.

Ao voltar ao Sul, em fins de 1882, formado em Direito com apenas 22 anos, Castilhos não poderia imaginar que as coisas se sucederiam tão rapidamente. Mas começou a tramar de todas as formas contra o Império, e logo ganhou prestígio na editoria do recém-fundado *A Federação*. Também em 1882, com mais de dez anos de atraso com relação a São Paulo e Rio, formou-se o Partido Republicano Riograndense, PRR. "Como o movimento gaúcho começou tardiamente, não é de se surpreender que seus líderes fossem dez a quinze anos mais jovens que os seus camaradas de São Paulo e do Rio" observa o *brazilianist* Joseph Love.

Apesar de jovem, Castilhos já demons-

trava o seu caráter "rebelde, de combate permanente e de luta sem trégua", em cartas que foram redescobertas e publicadas pelo jornalista Sérgio da Costa Franco, um de seus mais dedicados biógrafos. A maioria das cartas destinava-se a sua noiva, Honorina da Costa. Uma delas, de fevereiro de 1883, é um plano de estudos que ele propõe à noiva, "com o ar de quem estava autorizado a traçá-lo e a impô-lo", como observa Costa Franco. Diz Castilhos:

"Deverás conhecer de modo lúcido a filosofia moderna, positiva — a única verdadeiramente científica", e completa: "Quero que tu tenhas o espírito preparado identicamente ao meu; de forma que ele sempre seja para mim uma fonte perene de sugestões fecundas, de inspirações providenciais. Essa preparação posteriormente terá o seu complemento indispensável, em estudos que terei a satisfação vivaz de dirigir pessoalmente".

"Um líder capaz de indicar o caminho do Terror"

Em março de 1889, com 29 anos, Castilhos tornou-se o chefe supremo do PRR, uma organização que, no início de sua trajetória, orgulhava-se justamente do fato de não possuir um chefe. Mesmo sendo um aliado do marechal Deodoro da Fonseca — por causa de seus artigos favoráveis aos militares publicados na *Federação*, meses antes — Castilhos foi surpreendido pelo golpe de 15 de novembro. Mas acabou sendo premiado pelo amigo: imediatamente foi nomeado Secretário do Governo Estadual, o que lhe permitia escolher o governador da Província. Gaspar Silveira Martins, enquanto isso, era mandado para o exílio.

Exatamente dois anos mais tarde, em março de 1891, Castilhos começou a montar o esquema que permitiria a doutrina castilhista ficar quase meio século no comando do governo gaúcho. Antes de eleger-se governador, ainda como Secretário do Governo, tratou de redigir uma nova Constituição, planejada claramente para fortalecer o governo de um homem só, a **monocracia**, da qual falava seu mestre Augusto Comte. Essa Constituição, apesar de "chocar-se com a da União", conforme a acusação de muitos dos inimigos de Castilhos, só seria modificada em 1923, com o *Pacto das Pedras Altas* (*). No segundo semestre de 1891, com apenas 31 anos, Castilhos elegeu-se governador do Rio Grande do Sul.

Em novembro de 91, pouco antes da renúncia de Deodoro, Castilhos foi derubado por um golpe liderado por seus ex-companheiros João Barros Cassal e Assis Brasil. Ao sair do palácio, indignado, gritou: "Deixo o governo entregue à anarquia". Mas nos seus oito meses de governo, Castilhos tinha adquirido de tal maneira o controle da máquina política do Estado que, seis meses mais tarde, em maio de 92, liderou um contragolpe que lhe restituiu o poder. Foi novamente apoiado pelo presidente da República que, desta vez, era o marechal Floriano Peixoto.

— Floriano estava à procura de líderes fortes para sustentar o seu governo. Sem Castilhos, o domínio do Rio Grande do Sul se consolidaria, mais dia menos dia, nas mãos de Silveira Martins. O que poderia isso representar para o governo de Floriano? "Nada de bom" — comenta o historiador José Maria Belo.

— A história da República escreve-se no Rio Grande. Floriano teve em Júlio de Castilhos o seu sustentáculo decisivo. Mas para que a República se consolidasse, Castilhos implantou, a ferro e fogo, o **castilhismo** no Rio Grande. Deve-se reconhecer, no entanto, que, sem ele, a República provavelmente não teria se consolidado e o presidencialismo não existiria no Brasil — diz o historiador Hélio Silva.

Gaspar Silveira Martins estava de volta ao Rio Grande e firmava-se como o grande líder monarquista do País. Em 1892, ele e Castilhos foram convencidos a se encontrarem, por um amigo comum. A entrevista se deu num pequeno hotel da Rua dos An-



A turma de 1964: os ex-alunos Costa e Silva, Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo também souberam chegar ao poder

dradas. Foi inútil: os dois eram homens inconciliáveis mas, depois da saída de Castilhos, Silveira Martins reconheceu: "O homem importante é esse gaguinho da Federação. O resto, uma súplica de bazaréis bem falantes".

Como consequência destas desavenças entre Castilhos e Martins e do contragolpe de maio de 92, Castilhos foi obrigado a enfrentar — e vencer — a mais sangrenta guerra civil da história brasileira: a Revolução de 1893, que durou 31 meses e deixou um saldo de 12 mil mortos, a maioria dos quais, *maragatos*, seus inimigos. Durante a guerra, enviou telegramas ordenando que não se poupassem adversários. Cumpridas suas ordens, desejava a seus comandantes "todos os louvores e aplausos". Era um líder que, segundo o deputado Francisco Alencastro, da Assembléia Constituinte da época, lembrava um Danton do Rio Grande mostrando-se "capaz de, se necessário, indicar o caminho do terror".

Quatro anos depois da revolução, em 1897, Castilhos ordenaria um outro massacre, desta vez fora do Rio Grande do Sul. Seguindo as denúncias de um jornal da cidade catarinense de Lages, que acusava os 300 habitantes da pequena vila de Entre Rios de manterem ligações com o monge Antônio Conselheiro — líder da revolta de Canudos, na Bahia — Castilhos ordenou um ataque ao vilarejo. Suas tropas mataram todos os homens da comunidade e queimaram suas cabanas.

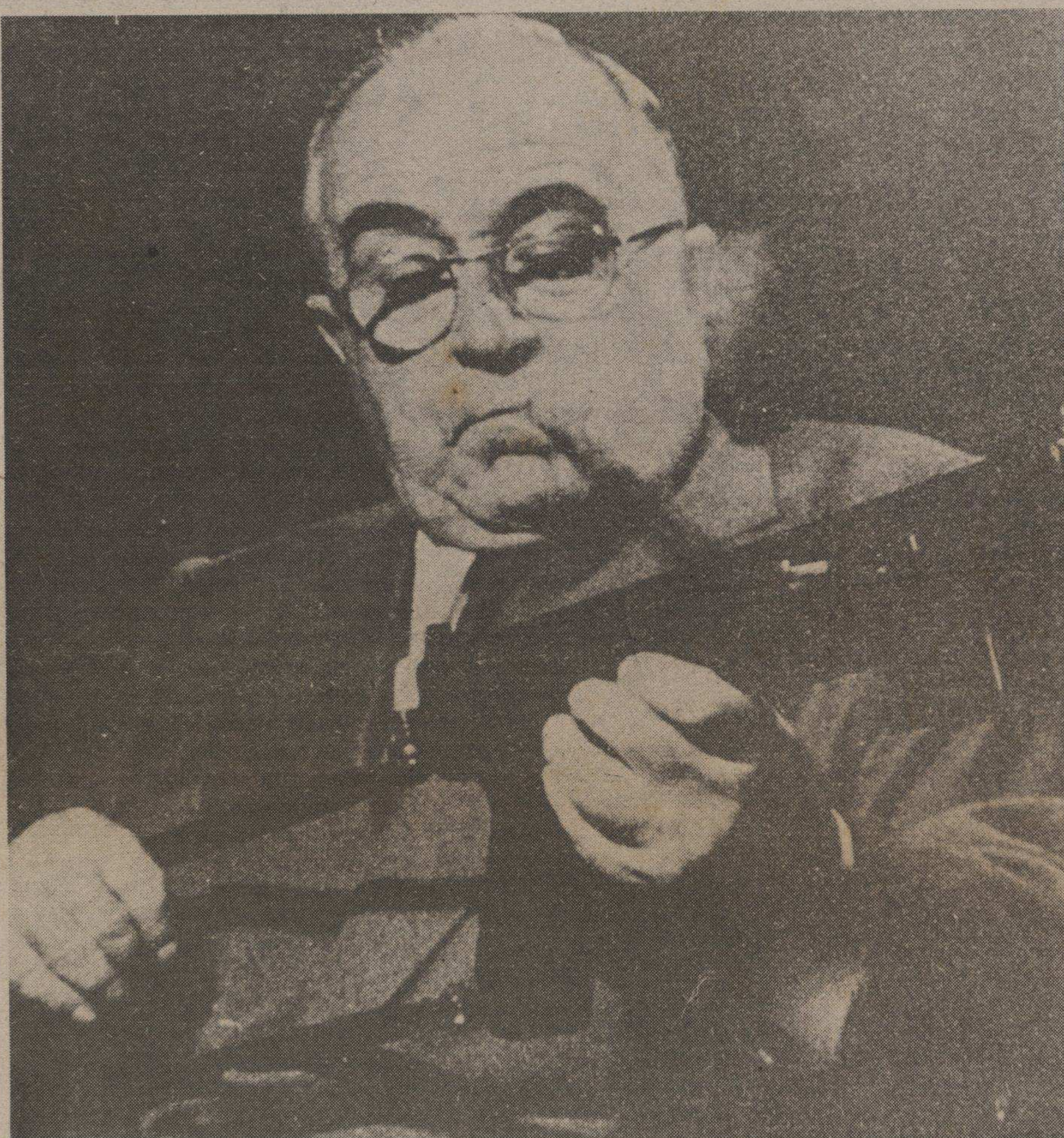
"Eu lá em cima, só mesmo como ditador"

Indignado com o tratado de paz concedido aos *maragatos*, durante a presidência de Prudente de Morais — um civil que, meses antes do fim da revolução, fora guindado ao poder para defender os interesses dos plantadores de café — Castilhos chegou a pensar em lançar-se à presidência da República. Mas logo abandonou a idéia.

Faz parte do folclore político o episódio em que, inquirido por um de seus partidários sobre a possibilidade de candidatar-se à presidência, Castilhos, indignado, teria feito uma *banana* e dito, rispidamente: "Eu, lá em cima, só como ditador".

De qualquer maneira, ao fim da guerra, mesmo não tendo aniquilado por completo seus adversários, Castilhos tinha adquirido autoridade política absoluta: controlava o Executivo, o Legislativo, os governos municipais e a poderosa organização policial do Estado. Durante toda a República Velha, a Brigada Militar gaúcha — fundada por Castilhos — teve um contingente que variou de 1.500 a 3.200 homens. Mas o entusiasmo em torno da figura de Castilhos era tal que, com facilidade, ele poderia juntar oito mil homens armados no instante em que isso fosse necessário.

Em novembro de 1897, Castilhos entregou o poder a seu grande amigo e sucessor Borges de Medeiros, mas foi ele próprio quem continuou dirigindo o Estado, como



Vargas: o discípulo mais brilhante

chefe do PRR. Sete anos mais tarde, queixando-se de insônia, com constantes dores de cabeça e dificuldades para respirar, Castilhos decidiu procurar os médicos. Mas já era tarde: estava com um câncer na garganta. Em outubro de 1903, morreu numa mesa de operação improvisada em sua própria casa.

"Morto no viço dos seus 43 anos, ninguém ousaria dizer que a poderosa figura de Castilhos se tenha desvanecido a partir daquela data. Era como se ele ainda possuísse, por muitos anos, a saúde e a força dos vivos. Seu corpo se desmanchava sob a suntuosa campa do mausoléu, mas ninguém ousava arrebatar-lhe o comando invisível do Estado" escreveu o historiador Moisés Vellinho.

Os partidários de Castilhos, apanhados de surpresa pela morte do líder, não pensaram de forma muito diferente do que a que fala Vellinho. Prepararam o mais pomposo enterro da história do Rio Grande, organizaram comícios e passeatas, decretaram uma semana de luto oficial. No enterro, um jovem acadêmico pediu a palavra. "Num dia terrível como este, resta apenas uma satisfação: é que ele não semeou em terra záfara e seus belos ensinamentos serão continuados por aqueles que o seguiram e o compreenderam". O jovem era Getúlio Vargas, um dos tantos admiradores de Castilhos. Na verdade,

como disse o *brazilianist* Love, "conquanto não fossem os gaúchos demasiadamente religiosos, Castilhos quase chegou a ser visto como um deus por seus prosélitos".

Com a morte surpreendente de Castilhos, seu sucessor Borges assumiu a autoridade política completa no Rio Grande, pois, além de governador, foi nomeado também chefe do PRR. Ele deu continuidade à estrutura *monolítica* do partido. De baixa estatura, formal e positivista convicto, Borges se assemelhava muito a Castilhos. Uma anedota da época revela quanto os dois eram mesmo parecidos. Certo dia, um intendente veio a Porto Alegre solicitar verbas para o seu município. Começou dizendo: "Eu penso...". Borges interrompeu-o e disse, secamente: "Tu não pensas; quem pensa sou eu. Tu te inspiras nas minhas instruções e ages acordadamente".

Borges reelegeu-se cinco vezes e continuou no poder até 1927 — com apenas uma breve interrupção de 1907 a 1913, quando entregou o governo a um membro da segunda linha do partido, Carlos Barbosa, para voltar logo em seguida. Em setembro de 1927, na sua mensagem final ao Legislativo, Borges — impedido de reeleger-se pelo Pacto das Pedras Altas — disse que o PRR continuava "fundamentalmente conservador" e, como chefe do partido, escolheu o seu substituto no governo:

o então ministro da Fazenda, Getúlio Vargas, que chegou ao poder com 44 anos. Vargas assumiu em janeiro de 1928. Dois anos mais tarde, estourava a Revolução de 30 e depois de apenas três semanas de combates, seus partidários desfilavam a cavalo pela Avenida Rio Branco, no Rio. O castilhismo estendia-se à política nacional, 27 anos depois da morte do seu criador.

"O Estado deve ser o árbitro da luta de classes"

O túmulo de Júlio de Castilhos fica na parte velha do cemitério da Santa Casa, em Porto Alegre. É um mausoléu de três metros de altura, todo em mármore e bronze, onde se lê: "Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos". Hoje, passados 77 anos de sua morte e 120 do seu nascimento, o depoimento dos historiadores brasileiros confirma o epitáfio. Castilhos apresenta-se como o pai de nossos ditadores.

— O castilhismo foi e ainda é uma doutrina política no Rio Grande do Sul — diz o historiador Hélio Silva. — Os republicanos que fizeram a revolução de 30 — Vargas, João Neves, Lindolfo Collor, etc. — cultuavam a memória de Castilhos e seguiram seus ensinamentos. Dessa herança, tivemos como prova o governo provisório de 1930-34 e a implantação do Estado Novo, de 1937-45. O contragolpe de abril de 1964 resulta, em linha direta, do Estado Novo de 37 e dos golpes e contragolpes de 45, 54 e 61. A tradição liberal do Rio Grande e o parlamentarismo de Silveira Martins teriam dado outro rumo à República.

— O Rio Grande do Sul é o único estado do Brasil capaz de fabricar ditadores, e Castilhos foi o primeiro deles — afirma o historiador carioca José Honório Rodrigues. — Não se pode imaginar um ditador alagoano, por exemplo. Deodoro e Floriano, teoricamente os primeiros ditadores brasileiros, não eram exatamente ditadores. Deodoro renunciou e Floriano acreditava que estava atendendo um direito constitucional. Obviamente, nenhum deles era gaúcho.

— Castilhos achava que o Estado deveria ser o regulador social e árbitro da luta de classes. Essa é uma idéia que a Escola Superior de Guerra deve difundir até hoje. Naquela época, muitos militares eram positivistas. Acreditado que muitos ainda o sejam — diz o jornalista Sérgio da Costa Franco.

— Se o Brasil tem uma longa tradição de autoritarismo, o Rio Grande do Sul apresenta-se como um caso ainda mais acentuado da vigência de formas autoritárias, graças às condições específicas da sua formação. E esse autoritarismo gaúcho foi institucionalizado e respaldado no poder justamente pela figura de Júlio de Castilhos — confirma a professora Sandra Pesavento, da UFRGS, especialista no estudo da República Velha gaúcha.

Terra fronteiriça, disputada por Portugal e Espanha desde o início da conquista

UMA COOPERATIVA DE MÉDICOS



A segurança de um atendimento com cobertura em todo o território nacional.

A qualidade do *Sistema Unimed* com atendimento no próprio consultório particular do médico escolhido.

O custo mais baixo, conseqüências de um sistema sem intermediários.

Estes são os fatores que fazem do *Sistema Unimed* o melhor

para a Assistência Médico-Hospitalar da sua empresa ou família.

UNIMED

Porto Alegre — RS
Rua Santa Terezinha, 345
Fones: 31-1162 e 31-1677

do Rio da Prata, o Rio Grande do Sul transformou-se numa região onde a grande maioria dos habitantes viviam armados. A própria atividade pastoril se fazia com as armas na mão. Fardados ou não, os gaúchos eram soldados em potencial.

“Os gaúchos são libertários ou liberticidas”

Depois da Guerra Cisplatina, que durou de 1817 a 1828, e da Guerra do Paraguai, de 1864 a 1870, era natural que — pelo fato de ser a primeira linha de defesa do Brasil contra os inimigos do Prata — o Rio Grande tivesse mais tropas do que qualquer outro lugar do País. Em 1879, por exemplo, do efetivo militar brasileiro de 14.870 homens, mais de quatro mil estavam aquartelados no Rio Grande. “O mito da inclinação gaúcha para a vida militar era apoiado não só pelo número de tropas estacionadas no Rio Grande como também pelo número de oficiais de alta patente ali nascidos”, explica o *brazilianist* Love. Como conseqüência direta desta militarização foi fundado, em 1910, o Colégio Militar de Porto Alegre, o mais prestigiado do país.

— O castilhismo é um dos três pilares do autoritarismo gaúcho — diz José Honório Rodrigues. — Os outros dois são o Colégio Militar, que adotou o positivismo, e o caudilhismo de origem artiguista. Os presidentes Costa e Silva, Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo foram influenciados justamente por esses três fatores.

Mas Castilhos tem os seus defensores, como o historiador — e castilhista fervoroso — Arthur Ferreira Filho: “Pesquisar o lado ‘autoritário’ de um homem brilhante como Castilhos — diz — é a mesma coisa que deixar uma mina de lado para ir cavar no cascalho. Ele não era um ditador. A idéia da ditadura repugna todos nós, positivistas, e certamente repugnava também a Castilhos”.

Até hoje personagem polêmico, Castilhos tem estado no centro das discussões entre a nova e a velha geração de historiadores. Os novos que traçam um perfil ditatorial do ex-governador, são vistos com certo desprezo e incredulidade pelos antigos, segundo Sandra Pesavento.

Castilhos ainda desperta ódios e paixões. O historiador Sérgio da Costa Franco, por exemplo, revela que costuma receber cartas furiosas de castilhistas que pedem o seu apoio na luta contra as cerimônias anuais que homenageiam o arquirival Gaspar Silveira Martins.

— Na verdade — argumenta José Honório Rodrigues — é como se o Rio Grande do Sul fosse uma espécie de Alemanha, dividida entre uma Baviera liberal e uma Prússia autoritária. O estado parece ter duas almas: uma libertária, de onde saíram Silveira Martins, Assis Brasil, Raul Pila, Paulo Brossard e até Pedro Simon e outra liberticida, que gerou Castilhos, Getúlio, Costa e Silva, Médici, Geisel e Figueiredo.”

* O Pacto das Pedras Altas foi firmado em dezembro de 1923, depois de onze meses de guerra entre os republicanos de Borges de Medeiros e os libertadores, liderados por Assis Brasil. Rendendo-se às pressões do presidente Arthur Bernardes, Borges aceitou modificar alguns dos preceitos positivistas da Constituição de Castilhos: foram proibidas as reeleições do governador e cancelado seu poder para escolher o vice.

**VITON DE
ARAÚJO**

ADVOGADO

OAB 4546 CPF 004493770/91
Borges de Medeiros, 308/135
Porto Alegre fone: 25-4745



A advertência no túmulo de Castilhos

O Rio Grande de Castilhos: uma fantástica Comtelândia

A doutrina positivista, criada pelo filósofo francês Auguste Comte (1798-1857), mais do que um projeto político para a reforma da sociedade, surgiu para ser uma espécie de *religião da humanidade*, universal e incontestável. Lançado em fins de 1844, quatro anos antes do *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels, o positivismo tinha, segundo Comte, “o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim” e, no futuro, fatalmente promoveria “a incorporação pacífica e progressiva do proletariado à sociedade”.

Defensor da sociedade burguesa em ascensão, Comte abominava o caos revolucionário. Por isso, suas noções básicas — ordem estabelecida como base para o progresso social e progresso com o desenvolvimento da ordem — pressupunham uma perspectiva de progresso material sem a alteração da ordem social. É claro que a doutrina imediatamente apaixonou os *modernizadores conservadores* da América Latina, que queriam exatamente isso: mudanças políticas sem alteração na hierarquia social.

O positivismo começou a penetrar no Brasil logo após a morte de Comte. E quando Castilhos chegou a São Paulo, em 1877, a doutrina tinha um bom número de adeptos nas principais universidades brasileiras. Comte sustentava que o espírito humano atravessa três estágios teóricos distintos: o teológico, o metafísico e o positivo. O primeiro seria uma espécie de *infância da humanidade*; o segundo, um período de transição e o terceiro, a *idade madura da humanidade*. Esse último estágio seria introduzido mediante uma ditadura republicana, a *sociocracia*.

— Não poderia haver doutrina mais adequada aos jovens republicanos brasileiros do que o positivismo, uma vez que eles queriam mudanças mas, de forma alguma, desejavam ver uma alteração no quadro social. Quanto a Castilhos, seu principal mérito foi o de ter metabolizado

a filosofia de Comte, tirando dela o que mais se adaptava a sua estratégia de poder — diz a professora Sandra Pesavento.

De Comte, Castilhos adquiriu a fé numa ditadura republicana, conduzindo-a até a *monocracia*, o governo de um homem só. Deixou-se influenciar também pelas exigências de Comte quanto à separação entre o Estado e a Igreja, a educação primária universal e a intervenção estatal para proteger os operários. Não é por acaso que um dos lemas de Castilhos era o de “conservar, melhorando”.

O Partido Republicano Riograndense já em sua reunião de formação, em 1882, adotou o dístico comtiano “Ordem e Progresso”. Mas a medida que o Rio Grande começava a ser dominado pela ditadura positivista de Castilhos, mais do que elogios, recebia o escárnio de críticos paulistas e cariocas. O *brazilianist* Joseph Love analisa com bom humor este período em que críticos literários famosos, como Silvio Romero e José Veríssimo, ridicularizavam a “monstruosa obra” de Júlio de Castilhos:

“Além de contribuir para o mito de que o Rio Grande era habitado e governado por ‘nômades semibárbaros’, os críticos ironizavam os elementos bizarros do positivismo: a utilização da cor verde, a devoção à companheira de Comte, Clotilde de Vaux e a liturgia secular, de origem católica. Para Veríssimo, o Rio Grande era ‘um corpo estranho na federação’ e Romero condenava o que chamou de ‘castilhismo positivóide’. Muitos acreditavam que o Rio Grande não passava de uma *fantástica Comtelândia*.”

Durante vários anos, o Estado justificou essa fama. Afinal, em 1910, durante a construção da Biblioteca Estadual não foram esculpidos na fachada do prédio bustos dos santos de Comte: Aristóteles, Descartes, Frederico II, Shakespeare, Gutenberg, Dante, Carlos Magno, São Paulo e Júlio César?

Tarso Fernando Genro OAB 5627
Luis Ulysses de Pauli OAB 7819

Advocacia Trabalhista de Empregados

Vig. José Inácio, 368 cj. 503
De segunda a quinta das 17:00 às 19:00 horas.
fone: 25-5996

No paraíso do grande capital

Os ricos dos países pobres guardam 600 bilhões de dólares nas contas numeradas da Suíça

Conta secreta é na verdade um conceito errôneo. Na Suíça predominam contas bancárias normais, acessíveis a todo mundo, mas fortemente amparadas pelo parágrafo 47 da lei que regulamenta a atividade dos bancos. Ele foi introduzido na jurisdição de 1934, quando os agentes da Gestapo tentavam localizar nos bancos suíços dinheiro pertencente a cidadãos alemães perseguidos pelo nazismo. Por isto, num processo legislativo extremamente rápido, foi criado o **segredo bancário** que prevê severa pena de prisão para quem ferir

a esfera íntima dos bancos e faz com que o estado se veja obrigado a instaurar um inquérito cada vez que chegam ao público informações que escaparam ao âmbito interno da esfera bancária.

É provável que ninguém tivesse se dado conta, na época, da inesgotável fonte de lucros que estava sendo institucionalizada. Foi apenas nos anos 60 e, com mais intensidade, na década de 70 que a lei passou a ser questionada devido às veementes críticas provenientes do estrangeiro. Há quem condene o Estado suíço por favorecer, através de uma jurisdição que há muito precisa ser revisada, uma conspiração permanente contra os interesses de inúmeros povos, entre eles os próprios suíços.

A organização denominada **Declaração de Berna**, financiada por doações de cidadãos suíços e ligada à Igreja Protestante, idealizou uma iniciativa contra o segredo bancário e pretende submeter a economia nacional a uma série de transformações, baseadas essencialmente no respeito aos países mais pobres.

Um dos alvos da Declaração de Berna

são as contas numeradas que têm valor já mitológico mas são regidas por um mecanismo muito simples. Trata-se de contas simples que não correm sob o nome de seus efetivos proprietários e são introduzidas na contabilidade do banco sob um número ou um código, cuja chave é conhecida por bem poucas pessoas. Assim, os próprios funcionários não sabem quem está por trás do dinheiro movimentado.

Estas contas só são abertas por gente de muito dinheiro e igualmente estão submetidas ao segredo bancário. Como depósito inicial é exigida uma soma de aproximadamente 100 mil francos, mas a quantidade mínima varia de banco para banco. Antigamente, os estabelecimentos não realizavam nenhum controle da identidade do indivíduo que abria uma conta numerada. Posteriormente, reagindo a críticas, passaram a exigir a apresentação do passaporte.

O segredo bancário impede que as autoridades locais ou até mesmo o Estado suíço, possam investigar o teor das contas, o que acaba favorecendo aqueles que depositam dinheiro ganho ilegalmente ou aos que tentam escapar ao controle fiscal em seus países de origem. Para estes a Suíça equivale-se a um paraíso fiscal internacional.

A fortuna do Xá

O problema da sonegação de impostos tornou-se tão atual nos Estados Unidos, durante uma determinada época, que Washington se viu obrigado a exercer enorme pressão política sobre Berna, para forçar a Suíça a assinar um acordo de apoio jurídico, o primeiro do gênero. O acordo compromete as autoridades suíças a fornecer informações aos Estados Unidos em casos oficiais de sonegação de impostos, fugas de capitais e outros delitos praticados naquele país. Para forçarem a Suíça a este acordo, os americanos sentaram na mesa de conversações extremamente bem informados sobre a existência de dinheiro americano, não declarado, nos bancos suíços.

Isto levou os bancos suíços a enviarem parte da correspondência destinada a seus depositantes americanos em envelopes desprovidos de identificação do remetente e, em casos muito especiais, a despacharem as cartas de outros países para que as autoridades postais dos Estados Unidos não possam identificar sua origem.

O parlamento europeu também tem exercido muita pressão política sobre a Suíça e Lichtenstein, com o objetivo de dar-se um fim à existência dos chamados paraísos fiscais, mas apenas a Alemanha Ocidental conseguiu resultados semelhantes aos dos americanos.

O caso do xá Reza Pahlevi é bem diferente. Naturalmente o novo governo do Irã pressionou muito a Suíça para obter de volta a fortuna do ex-ditador inclusive com ameaças de nacionalizar os investimentos suíços no país, mas a Suíça preferiu o risco de perder seus investimentos do que criar um precedente: Se for provado que a Suíça é vulnerável neste setor, desmorona o mito da praça bancária e os prejuízos serão imensos. Além do Irã, a Nicarágua também tenta localizar o dinheiro depositado por Somoza.

E não são apenas os ditadores que usufruem das facilidades oferecidas pela legislação suíça. Também a Máfia limpa periodicamente seu dinheiro nos bancos suíços. Há dezenas de casos conhecidos extra-oficialmente, mas são poucos os que tenham sido abordados pelos meios de comunicação, pois o apoio jurídico fornecido pela Suíça aos Estados Unidos é cercado do mais absoluto sigilo.

Faturas Falsas

As críticas mais incisivas partem, todavia, dos países do terceiro mundo. Há quem estime em 400 a 600 bilhões de dólares a fortuna proveniente dos países pobres depositada nos bancos suíços. Nos anos 70 soube-se de casos de representantes de bancos que iam de fazenda em fazenda na América Latina, esclarecendo os latifundiários sobre as possibilidades financeiras da praça suíça. Este tipo de transação diminuiu, mas continuam existindo incontáveis facilidades para se transferir ilegalmente dinheiro para fora do país. Um brasileiro pode ir ao Panamá, por exemplo, e lá depositar dinheiro na filial de algum banco suíço que se encarrega de transferi-lo para Berna ou Zurique.

Outra possibilidade é nomear um procurador no Panamá e incumbi-lo de transferir o dinheiro. Ou então, criar uma empresa fictícia naquele país, de existência meramente formal e fazer as transações através dela. Há também a possibilidade de saldar faturas falsas, emitidas no exterior por uma empresa criada exclusivamente para este fim em Lichtenstein ou na própria Suíça. Trata-se das famosas *Briefkastenfirmas*, ou seja, suas instalações consistem apenas numa caixa de correio.

Hoje em dia já se tornou lugar comum explicar as enormes dívidas externas dos países do terceiro mundo pelo aumento do preço do petróleo, mas na Suíça há quem afirme que esta é apenas uma meia verdade e que a outra meia verdade da dívida se deve à fuga de capitais dos países pobres. Praticase contra eles uma sistemática subtração ilegal de divisas que acaba por arruinar a balança de pagamentos.

Jacques Schwarzstein



"Cai o sigilo, explode o mundo"

Urs Heimo, dirigente da organização **Declaração de Berna** é um economista progressista suíço que se formou na Universidade de Saint Gallen, uma instituição dedicada especificamente à economia e ciências sociais que forma os mais altos quadros da economia e das multinacionais suíças. Nesta entrevista ao *Coojornal* ele analisa as consequências econômicas e políticas da atuação dos bancos suíços:

No Brasil, três jornalistas brasileiros foram condenados por publicarem no jornal *Hora do Povo* uma lista de autoridades brasileiras que teriam contas secretas em bancos suíços. De que forma os bancos suíços poderiam fornecer informações para provar a culpabilidade ou a inocência dos jornalistas?

O que você está pedindo é que o rei se torne revolucionário. Na verdade o que está em questão são os fundamentos do sistema bancário suíço. As personalidades citadas são as que detêm o poder e os bancos farão o possível para evitar uma maior transparência sobre

elas. Se os muros dos bancos suíços não fossem tão seguros, não haveria tanto dinheiro por aqui. O fundamento do negócio bancário é justamente a garantia do sigilo. Neste caso concreto, seria possível que os bancos suíços, dentro de um contexto muito especial pudessem ser obrigados a fornecerem informações elucidativas sobre a culpabilidade ou não dos jornalistas. Para tanto, seria necessário que fosse aberto no Brasil um inquérito judicial por sonegação de impostos, corrupção ou outro delito contra as personalidades citadas na lista divulgada pelo jornal. Mesmo assim, não é seguro que as informações seriam liberadas. De qualquer maneira, os detentores do poder, no Brasil, não abrirão um inquérito contra si mesmos.

O que está acontecendo com relação à fortuna de Somoza?

Nossa organização está agindo para descobrir sobre uma eventual fortuna de Somoza depositada na Suíça. Para tal, coordenamos nossos esforços com os interessados na Nicarágua e há muitos indícios que levam a crer num papel ativo

dos bancos suíços neste particular. Como o caso ainda está em andamento, não posso fornecer maiores informações.

Quem se aproveita do segredo bancário suíço? Só os bancos ou também o governo? O que o povo suíço perderia com a eliminação do parágrafo 47 da lei bancária?

Os bancos respondem que eliminar o segredo bancário equivale a acabar com a Suíça, mas na realidade existe uma razão de política interna muito forte para que se faça uma revisão da legislação neste contexto. Avalia-se que várias centenas de bilhões de francos suíços escapam ao controle das nossas autoridades fiscais, porque são administrados pelos bancos e não declarados. Não é justo que o Estado aumente os impostos sobre o consumo e mantenha a progressão fiscal atual, ao passo que todos aqueles que ganham dinheiro com ações, ouro e contas bancárias dispõem de incontáveis possibilidades de sonegar impostos. A questão do segredo bancário, levanta hoje na Suíça a questão do poder. Quem governa a Suíça tem a base de seu

poder nos bancos.

Quer dizer que vocês estão lutando contra todos os poderosos do mundo, contra a pequena camada de pessoas que controla o planeta. Quais são as chances de sucesso da campanha que vocês lançaram?

Para mim, existe algo como uma Internacional de Banqueiros. Por outro lado existem banqueiros americanos — e eu conversei com alguns — que têm inveja da Suíça e gostariam de jogar o mesmo papel dos banqueiros suíços. Eu conversei com banqueiros no Panamá que disseram que o fim do segredo bancário corresponderia a uma explosão atômica no mundo financeiro. Pode ser exagero, mas a Suíça criou um modelo de jurisdição que mais encontrou adeptos no mundo. Se caísse o segredo bancário as consequências políticas seriam enormes. Acontece que a questão do poder só pode ser levantada quando a constelação política vigente o permite. Por isto, eu sou muito realista sobre nossas possibilidades de sucesso.

"Minha música não vai passar"

Entrevista com o visceral Alceu Valença

Indignado com o público reduzidíssimo que comparecia a seu show *Vou Danado Pra Catende*, apresentado no teatro Thereza Raquel, no Rio, em 1977, o compositor Alceu Valença — na época, um ilustre desconhecido para grande parte da platéia da zona sul carioca — munuiu-se de um megafone, cobriu-se de roupas coloridas e saiu para as ruas promovendo o próprio espetáculo. Hoje, quatro anos mais tarde, Alceu já não precisa de autopromoção. Seus dois últimos discos — *Espelho Cristalino* e *Coração Bobo* — ficaram vários meses na lista dos mais vendidos. Nesta entrevista ao Coojornal, Alceu fala sobre os críticos, relembra sua viagem aos Estados Unidos no início dos anos 70, menciona as drogas, o jornalismo — que ele exerceu sem sucesso em 1972 — e, é claro, a sua música, cada vez mais visceral.



Alceu: brigando com o modismo e ganhando seu público

A tua música demorou um bom tempo para se firmar mas de repente as gravadoras começaram a te valorizar e tu enches estádios como o Mineirinho, de 25 mil lugares. Tua música faz sucesso de ponta a ponta do país. Isto não pode ser uma coisa passageira?

— Minha música é uma coisa tão visceral, tão entranhada que não vai passar. Se segurou até agora e vai se segurar a vida toda. Nunca vai cair fora porque não é modismo. Não é reggae, salsa, discoteca, punk. Já tentaram me enquadrar neste lance. Me chamavam de John Lennon brasileiro, de Mick Jagger brasileiro, mas a coisa dançou. É aquela coisa do consumo: no *Abertura*, da Globo, fiz sucesso com *Vou Danado Pra Catende*. De repente, deixaram de falar em mim. Queriam outra coisa mais nova...

O que tu pensas da crítica? Como ela age e como deveria agir no teu entendimento?

— Acho que a crítica pode existir, mas acho que determinados críticos esquecem a obra e vão na pessoa, com rancor, como filhos-da-puta. Geralmente os caras não sabem música. Tinham que ser mais analíticos. É que o universo sonoro brasileiro é muito grande. Aí o crítico teria que se especializar, por exemplo, em música goiana. Daí como ele vai viver disso?

Os mineiros têm uma grande solidariedade — o Milton apóia 20, 30 músicos — os baianos nem se fala. E tu que tipo de ajuda recebestes em Pernambuco?

— Nenhuma. Nunca recebi ajuda do Quinteto Violado ou qualquer músico pernambucano. É como Hermilo Borba Filho diz: intelectual pernambucano quer matar um ao outro.

Chico abriu o caminho

Há cinco, seis anos, não havia espaço para fazer um trabalho com um enfoque mais político. Embora tua música raramente fale nessas coisas diretamente, parece

que tu tivesses problemas há algum tempo por causa disso.

— A linguagem poética daquela época quando tentava passar alguma coisa, era esquizofrênica. As pessoas imaginavam coisas que não existiam. Mas muito pouca gente era atingida por essa linguagem. É o caso de *Apesar de Você*. Eu vi gente se requebrando, dançando essa música sem saber a intenção do compositor. Na minha música, o próprio grito era político. O grito. O berro. Aquela coisa: Estou vivo. Estamos por aí.

Mas, tu deixastes de cantar alguma música porque o tempo não era do individualismo, de expor problemas teus?

— Agora eu me permito cantar coisas bonitas mas, na época, me prejudiquei muito com isso. Porque o grito todo o tempo não era uma coisa agradável e eu sabia disso. Teve outras coisas: eu, mesmo precisando, não fui ao programa do senhor Flávio Cavalcanti porque era uma coisa fascistoide. Me feria.

Que tipo de sentimento social te move na hora de compor?

— É um sentimento social mas não é só isso. Por exemplo: tenho uma música que diz: "Ela me olhava e não me via/ Meu povo também não se entendia". Talvez isso seja até a visão de um cara voltando do exterior. Essas coisas saem até quando eu retrato uma situação. A mulher olhava para mim e não me via, tinha medo de ser estuprada, etc.

Tem a pergunta de sempre: E o começo, como foi?

— Em São Bento do Una, ouvia os cantadores de feira e naturalmente as coisas do rádio. Quando fui pro Recife já era Elvis Presley, Neil Sedaka, Paul Anka, Dalva de Oliveira, Nelson Gonçalves, Caubi... Aí já era a colonização cultural através da América e do sul-maravilha. Não se ouvia mais música do Nordeste. Luiz Gonzaga era proibido de tocar nos bailes elegantes do Recife. Daí veio Chico Buarque abrindo o caminho para os talentos musicais da classe média. Foi um certo espelho. Até então

eu aprendia a tocar violão escondido porque estudava e quem tocava violão não se formava...

O dedo de Marx

Nessa época tu foste para os Estados Unidos, não é?

— Ganhei uma bolsa do governo norte-americano para um curso de verão. Fui eu, o Ailton Soares, esse do PT e outros. Era uma espécie de lavagem cerebral. Mostrar como era bela a vida na sociedade da América. Fui como poeta. Fiz um poema na hora: "Quando a senhora de preto me enlaçar docemente em seus braços gélidos/ E meu corpo for pouco a pouco se consumindo pelo chão que me foi dado/ Terá evaporado/ E docemente subirá aos céus/ Os parentes estavam indóceis na sala de espera/ Beijarei um a um, trocarei a camisa suada e sairei para uma volta pelos arredores/ Verei negro americano de braço dado com donzela de ascendência nórdica/ Verei árabe e judeu discutindo amigavelmente sobre a bolsa do senhor/ Depois de percorrer todas as dependências do paraíso chamarei o chaveiro em particular e/ Mui confidencialmente/ Lhe confessarei: Pedro, meu velho, aqui tem dedo de Marx."

Era uma correlação entre o paraíso de Marx, que até agora não deu certo, e o cristão. O cara da banca gostou e eu fui para a América.

E lá você teve outra visão da música brasileira?

— Veio uma saudade do Brasil, de São Bento do Una, que eu comecei a tocar as minhas coisas. Uma vez tocava violão no meio dos hippies e um cara começou a rodopiar. Aí comecei a me questionar porque no Brasil as pessoas têm vergonha da sua cultura.

Na volta tentei jornalismo, me formei em direito, mas não deu. Como advogado tentei fazer uma cobrança para uma loja de

eletrodomésticos. O cara tinha comprado uma televisão e não podia pagar. Era um gari, disse que tinha sido induzido a comprar, o vendedor apresentou um plano muito bom. Daí eu falei que não era eu quem iria cobrar nada e acabei dizendo: "Toma aí cinco paus, e volta pra casa que a passagem tá cara". Como cobrador fui um fracasso.

Um careta em transe

E a tentativa de jornalismo como foi?

— Como jornalista não era grande coisa porque inventava muito, romantizava. Inclusive saiu uma matéria minha no *Jornal do Brasil* sobre a venda de carne de jumento para o Japão. Eu fazia uma novela. Dizia que o comprador tinha chegado em São Bento do Una para levar um jumento e o vendedor desistiu na hora. Não ia vender porque o jumento tinha ajudado Jesus na fuga do Egito, era animal sagrado. Também trabalhei para a *Manchete*. Aí veio a regulamentação da profissão e eu não tinha tempo para ter carteira assinada e cá fora.

Depois houve um show chamado *Erosão*. Como é que foi isso?

— Eu ficava sem camisa e rolava pelo chão. Os malucos diziam que eu era careta e os caretas diziam que eu era maluco. O careta tentava uma arte nordestina pura, bem comportada, tentando imitar o povo, e os doidões imitavam os Beatles. Hoje os caretas tentam imitar os Beatles e os doidões procuram beber na raiz.

Aí tem uma questão que é a da tua imagem. Até hoje as pessoas imaginam que tu és um alucinado, que queima fumo, e não é isso.

— Queimar fumo já queimei. Na América. Mas agora não fumo, nos shows não bebo nada. Entro careta, mas no palco fico em transe. É uma coisa estranha, esquisita. Mas acho que toda pessoa que se liberou, entra.

Dr. Carlos Salzano Vieira da Cunha

Rua Riachuelo, 1521 — Conj. 5 e 6
Fone: 21.8282

OAB — 2927
CPF — 007648680-04

João Carlos Gastal OAB 599
Newton Domingues Kalil OAB 7061
Milton Machado Rosa OAB 8550

Falências e Concordatas

Inventários — Separações — Divórcios
Rua Ramiro Barcelos, 330
2º and. fone: 24-9846

Rovílio Antonio Breda
OAB/RS 2583

Abade P. Bulhões
OAB/RS 2835

AVENIDA BORGES DE MEDEIROS, 453
CONJ. 81 FONE: 24.69.23

ADVOGADOS

No país das crianças armadas

A viagem de dois repórteres brasileiros aos acampamentos da OLP

O major Asmin Aozaayer apontou para o seu filho de 10 anos e disse: "Este é um apátrida. Não tem identidade". Com um tapa forte nas costas do menino, complementou: "Um homem precisa de uma pátria que lhe dê identidade e a nossa está sob o domínio de Israel".

A sua maneira, o major Aozaayer, comandante da Al Fatah, o braço armado da Organização para a Libertação da Palestina, tinha definido a situação dos 47 mil guerrilheiros e 650 mil palestinos que vivem hoje espalhados pelos países árabes. Para ele, colocar metralhadoras russas Kalashnikov nas mãos de meninos é fundamental para a luta de um povo que não quer perder sua identidade cultural. Outro oficial da Al Fatah lembrou:

— Crianças em armas choca o mundo, mas choca-nos muito mais vê-las bombardeadas por Phantoms F-15. As bombas de fragmentação explodem a cinco metros do solo e não dão a mínima chance de sobrevivência às pessoas que buscam abrigo em buracos.

Encontramos o comandante e o oficial da Al Fatah ao sul do Líbano, na cidade de Tiro, dois dias depois de um bombardeio maciço. No mesmo dia, visitamos o acampamento de Al Bas e, minutos antes da nossa partida, começaram a cair as bombas de fósforo. Com as explosões ao redor, ficamos surpresos com o fato de que nenhum palestino viesse nos dizer coisas como "Viu como eles bombardeiam civis?"

A PALESTINA DO FUTURO

Se militarmente os palestinos não têm conseguido derrotar os israelenses, devido ao nível dos armamentos — um F-15 voa mais rápido que as balas dos obsoletos canhões antiaéreos da Al Fatah —, no campo diplomático eles têm obtido vitórias. A Al Fatah (em árabe *abrir cami-*

nho), segundo seu chefe Abu Yad, está tentando derrubar a imagem de que a organização não passa de uma reunião de terroristas e cita o voto da ONU, que considerou o sionismo como forma de fascismo, como importante vitória palestina.

A segunda fase está sendo iniciada com o trabalho do escritório da OLP nos principais países do mundo. No Brasil, a situação ainda está em banho-maria, porque não dá para romper com Israel por questões até de tradição. Mas por outro lado, os árabes tornaram-se mais importantes porque têm o petróleo e por que o Brasil tem interesse de mercado para vender cereais.

Nos bastidores dos governos árabes há um boicote à revolução palestina. Dizem os palestinos que isso acontece principalmente nos governos mantidos por interesses ocidentais. Outro ponto de atrito está nos costumes palestinos, muito mais avançados do que a média dos países árabes, em geral, sociedades arcaicas. Na sociedade palestina, a mulher, por exemplo, já está assumindo papéis de destaque na cúpula da Al Fatah e da própria OLP.

Liberados demais para os padrões muçulmanos, os palestinos congregam em torno de si populações não palestinas incomformadas com o sistema. Segundo dados da Unesco, o grau de escolaridade superior entre os palestinos é o maior do Oriente Médio. Isto se explica pela necessidade de se criar uma elite pensante que possa, cedo ou tarde dirigir o País.

No território livre do Líbano — que compreende parte de Beirute e todo o sul do país — está situada a futura Palestina. Fábricas, escolas, hospitais, campos de treinamento militar e os acampamentos de refugiados já funcionam satisfatoriamente. Um operário palestino recebe em média um salário de 150 dólares (Cr\$ 10.500,00) para estagiários enquanto o maior salário é de 400 dólares (Cr\$ 28 mil). Todos eles têm direito a um sistema previdenciário que inclui médicos, dentistas e assistência social.

Algumas coisas nos impressionaram. Os guerrilheiros, por exemplo apresentam um surpreendente conhecimento de História, principalmente das guerras de libertação. No *Ninho das Águias* de Arkoub, ouvimos de um combatente com aparência de quem tinha 18 anos de idade, toda a história da Revolução cubana e da vida de Che Guevara.

Outra coisa: os palestinos não admitem que exista um País em piores condições que o deles. Às vezes comentávamos, por exemplo, que no Brasil existia fome e ali não. Eles ficavam furiosos. Os palestinos têm o costume de conversar olhando dentro dos olhos do interlocutor. E quando a gente desvia o olhar eles nos tocam carinhosamente chamando a encará-lo de novo. O olho no olho representa o jogo aberto e franco, evitando qualquer mal entendido.

CULTURA USURPADA

Eles acusam os israelenses de usurpar sua cultura. Nos Estados Unidos, por exemplo, são comuns as exposições ou manifestações culturais atribuídas a Israel que, na verdade, pertencem à cultura palestina. O próprio jornal *O Estado de São Paulo* em seu suplemento feminino costuma mostrar receitas de comidas apresentadas como sendo de Israel que, na realidade, são palestinas.

A única dificuldade que enfrentamos durante a viagem foi uma espécie de censura exercida pelos tradutores da colônia árabe do Brasil que nos acompanharam. Cada pergunta que fazíamos gerava uma reunião dos tradutores. Às vezes, recusavam-se a traduzir algumas perguntas e evitavam que guerrilheiros falassem antes de seus superiores. Até para falar com o embaixador brasileiro no Líbano tivemos que esperar três dias.

Sérgio Gaschagen
Inaê Amado



O MINISTRO DO INTERIOR PROMETEU O PARQUE INDÍGENA YANOMAMI PARA O ANO PASSADO. E NÃO CUMPRIU.

Há treze anos que se reivindica um parque indígena, formado por terra contínua, para os 8.400 Yanomamis brasileiros.

Porém, sem sucesso. Em agosto de 1980, o Ministro do Interior, Mário Andreazza, prometeu criar o Parque Indígena Yanomami antes do final do ano.

Mas não cumpriu. Recentemente, em dezembro, a comissão que faz esta reivindicação enviou ao Presidente da República uma moção de apoio assinada por milhares de pessoas.

Entre elas, índios, juristas, antropólogos, profissionais liberais, ecólogos, intelectuais, cientistas e altas autoridades da igreja.

Além de mais de 100 entidades científicas, parlamentares e de direitos humanos.

JORNAL DO BRASIL — sexta-feira, 10/8/80 — 1ª Caderno — 9

Andreazza anuncia a criação este ano do Parque Yanomami

Brasília — O Ministro do Interior, Mário Andreazza, ao assinar ontem o decreto que cria o Parque Nacional de Monte Pascoal, em Porto Seguro (BA), a comunidade indígena Pataxo-Barra Velha — anunciou que até o final do ano deverá ser assinado decreto de criação do Parque Indígena Yanomami, na fronteira de Roraima com a Venezuela. Em setembro, o Ministro percorrerá a área.

O Parque Yanomami, com extensão prevista para entre 6 e 8 milhões de hectares, abrigará somente no lado brasileiro cerca de 9 mil índios. Entre os dois países estima-se em 16 mil o número de yanomamis — considerado o último maior grupo indígena ainda primitivo no mundo — cuja causa ganhou muita repercussão no exterior, com adesão do Parlamento Europeu que, reunido em abril passado, em Bruxelas, encaminhou carta ao Presidente Figueiredo pedindo a criação do parque.

CREDIBILIDADE

Como parte da "associação harmoniosa", como definiu o Sr. Mário Andreazza, as ações conjuntas com o Ministério da Agricultura, através do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, da parte deste; e da Fundação Nacional do Índio e Secretaria Especial do Meio Ambiente — para maior proteção do Parque Yanomami serão criadas em seu redor reservas ecológicas e estações florestais.

O Sr. Mário Andreazza, apontado como inimigo número um do índio brasileiro em certa entrevista ao *Papo em Manaus*, frisou por duas vezes, na solenidade de assinatura do decreto, a importância da natureza do convênio, que sua maior finalidade "é ver o índio acreditando nas ações do Governo". Suas palavras foram endossadas pelo Ministro da Agricultura, Américo Stabile.

O convênio, assinado sem a presença de nenhum índio, não se restringe apenas às terras de Monte Pascoal para os índios pataxos, mas também às demais comunidades indígenas do Estado da Bahia — rodélas e kiriri — através da Funai e da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Sepelac) para desenvolvimento agrícola em suas terras. A população indígena da Bahia é de 3 mil 819 indivíduos.

A comunidade pataxo — Barra Velha é integrada por remanescentes dos primeiros índios encontrados por Pedro Álvares Cabral, em 1500. Tradicionalmente eles sempre ocuparam a área do Parque Nacional de Monte Pascoal, que, com o convênio de ontem, foi-lhes cedida em caráter permanente.

Apesar de todo este esforço, nada.

O Parque Indígena Yanomami ficou só na promessa.

Talvez aguardando que o País inteiro se mobilize pela sua criação. Quem sabe.

Se for isso, vamos lá. Passe uma lista colhendo assinaturas.

Pode ser que o Ministro do Interior ao receber milhões de assinaturas se emocione e assine o decreto que garante o espaço Yanomami assegurado pela Constituição.

Afinal, a esperança não é a última que morre?

ASSINE PELO PARQUE INDÍGENA YANOMAMI. PASSE LISTAS E ENVIE A COMISSÃO PRO-ÍNDIO DE SÃO PAULO.

Rua Caiubi, 126, Perdizes
São Paulo - Capital CEP 01050.

ÍNDIO NÃO GRAVOU, MAS RECORTOU NOTÍCIA.

Colaboração deste jornal.

Agora, a assistência odontológica também pelo sistema cooperativo.

Isto significa que você pode ter consulta e tratamento odontológico com hora marcada e por um custo mais baixo.

Procure a UNIDONTO Porto Alegre e conheça seu plano de assistência familiar.



unidonto
PORTO ALEGRE

sociedade cooperativa de serviços odontológicos Ltda.

Unidonto Porto Alegre Fone 24-5380
Av. Borges de Medeiros, 596 4º andar G. 42

A ASCENSÃO DA DIREITA BRASILEIRA

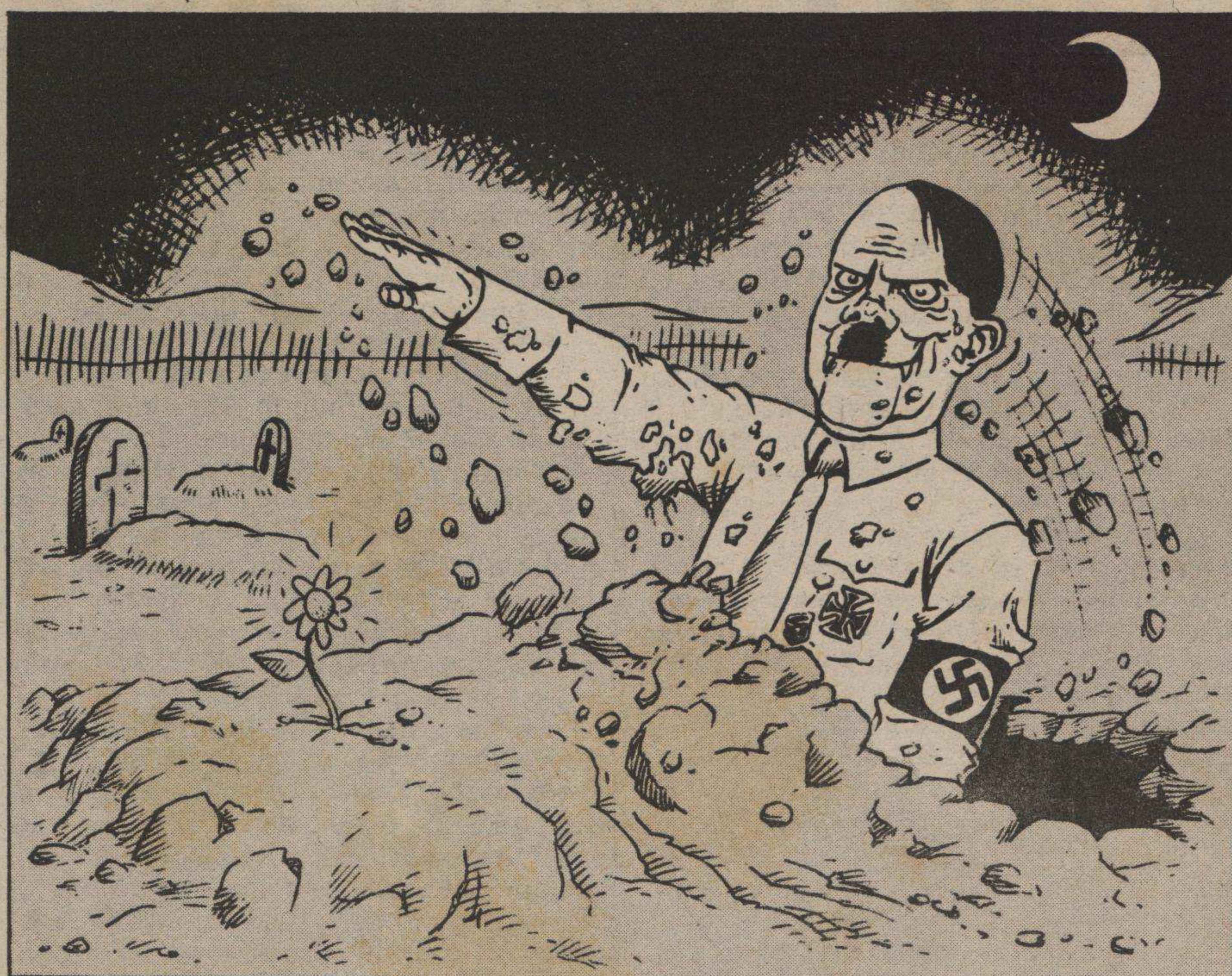
OS SENHORES DA DIREITA, de Dêlcio Monteiro de Lima, Editora Antares, 168 páginas.

As dispersas notícias em torno de inscrições nazistas em muros de cidades do interior. A muito bem articulada campanha pelos meios de comunicação social em torno da subversão operada por alguns professores do Colégio Anchieta. A existência de uma entidade cultural, em São Paulo, que se reúne periodicamente, constituindo inclusive tema do romance (Editora Global) de Leonildo Tabosa Pessoa, recentemente editado. A Tradição-Família e Propriedade, com a CPI realizada na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, e cuja conclusão jamais foi revelada ao grande público. Eis, em síntese, alguns dos elementos que podemos reunir num único espaço, a chamada direita brasileira, que é o assunto do jornalista mineiro Dêlcio Monteiro de Lima, em *Os Senhores da Direita*.

A leitura da obra só nos leva a uma conclusão: o Rio Grande do Sul, que, ao longo de sua história, lutou e optou por integrar a nacionalidade brasileira, guarda em suas fronteiras alguns dos organismos de maior tendência direitista atuando inclusive em pontos-chave da administração estadual. O estado seria, em última análise, ponto de conexão de movimentos de direita não apenas nacionais como inclusive continentais. Nenhuma província da federação brasileira, como o Rio Grande do Sul, vive com maior concretude a realidade do chamado *Cone sul do terror*. Motivos, como se pode depreender, mais do que suficientes, para que a leitura desta obra de Dêlcio se torne praticamente obrigatória para todos nós.

A maneira dos best-sellers internacionais que contam histórias sensacionalistas de superespões e casos de tentativas de abordagem internacional de autoridades de certas nações, como em *O Dia do Chagal*, de Frederick Forsyth, recentemente relançado entre nós, Dêlcio inicia seu estudo, que dedica quase que metade do volume de cerca de duzentas páginas à TFP, que aliás, vem-se desenvolvendo *saudavelmente* não apenas em nosso país, como em boa parte do continente sul-americano.

Dentre as várias abordagens desenvolvidas pelo autor, duas, intimamente relacionadas, merecem nossa especial atenção: a primeira delas é que tanto os movimentos de extrema-esquerda, que chegaram a atuar em nosso país, em anos passados, como os atuais de extrema-direita, contam em boa parte com os mesmos colaboradores econômicos, que são uma parte significativa de industriais de grande porte da nação. O dado de-



corrente é que justamente tais movimentos vivem nem tanto do *ouro de Moscou* ou do *dinheiro da CIA*, como especialmente da efetiva colaboração, direta e indireta, que industriais brasileiros lhes dão, sem sequer exigir-lhes recibos destas contribuições (o que significa, em última análise, e não sem um pouco de ironia, que os industriais que aceitam tal jogo não podem sequer descontar do Imposto de Renda as inversões que realizam).

O ressurgimento do integralismo, tanto quanto do fascismo e do nazismo, praticamente com igual ideologia que aquela desenvolvida nas décadas de trinta e quarenta, é também abordado pelo jornalista, em dois inquietantes capítulos, sobretudo se os relacionarmos com os chamados *novos filósofos* franceses e algumas derrotas significativas que os liberais de modo geral, e as esquerdas em particular, vêm experimentando não apenas na Europa quanto nos Estados Unidos: as cerimônias de enterro de um ex-almirante nazista na República Federal Alemã, há poucos dias, a vitória de Reagan, o ressurgimento de agrupamentos de direita em toda a Europa, especialmente na França. São alguns índices concretos da ascensão direitista, facilitada especialmente pela derrocada do capitalismo que enfrenta talvez crise superior a do final dos anos 20, que culminaria com o *crack* da bolsa de Nova York, ensejando, justamente, os sistemas radicais de direita da Alemanha e Itália, Japão, Brasil e outros tantos.

A história, por certo, não se repete, já ensinou Marx, mas não há dúvida de que certas tendências desdobradas, perduram, e aí estão, como nos mostra muito bem Dêlcio Monteiro de Lima.

ANTÔNIO HOFFELDT

O POVO DÁ CORDA NO RELÓGIO

MOÇAMBIQUE — COM OS MIRAGE A QUATRO MINUTOS, de Licínio Azevedo, fotografias de Daniel de Andrade, Editora Global.

Para se compreender melhor este livro sobre Moçambique é preciso não esquecer o autor: Licínio, um jornalista inquieto. Inquietude, é bom dizer, já foi quase sinônimo da profissão. No entanto, com o jornalismo freqüentemente se transformando em burocratização dos acontecimentos ou correia de transmissão de interesses, a inquietude passou a ser vista com receio. E este jornalista inquieto, Licínio, não aceitou notícias e acontecimentos empacotados, de falso consumo, descartáveis e foi viver no próprio cenário onde os fatos se desenvolviam. Assim esteve em Guiné Bissau, onde nasceu um livro; agora, em Moçambique, onde viveu quase dois anos.

Por tudo isso *Moçambique — Com os Mirage a Quatro Minutos* é reportagem-análise. Reportagem porque vai à fonte e faz falar os personagens. Se analisa os restos do sonho colonial, o faz por intermédio da Irene, uma velha portuguesa e portuguesa velha: "A culpa do que aconteceu aqui foi da República. Aqueles ateus derrubaram a monarquia, destruíram até a Capela dos Anjos, do Duque de Lafões, onde fui batizada"; ou através de Clif, um moçambicano que não se ajustou aos métodos da reconstrução do novo homem e do novo país.

Em alguns instantes, é certo, o autor faz uma ginástica verbal, de forma que transparecem a semântica e ponto de vista da narrativa como seus. O que poderia parecer falta de objetividade pode se revelar como qualidade: ele inverte a objetividade do dominador para a do dominado. Daí a adoção de certos termos que identificariam facilmente um simpatizante do processo revolucionário moçambicano.

Mesmo assim poderia ser evitado um excesso de citações de Samora Machel por descrições como as do perigo de ataque rodesiano (Zimbabwe ainda não se tornara um país independente) ou a análise que faz de Moçambique o dançarino Paulo Makake: "Guardo canções na cabeça. Nunca escrevo. São sobre coisas que aconteceram comigo, com o povo. Quando canto algumas delas choro por dentro. Lembro do tempo de sofrimento, quando a machamba não dava nada e trabalhava de graça pros coloniais: não ganhava nem uma quinhenta".

Aliás, o ponto de vista do povo prevalece em todo o livro. Porque é im-

possível falar no novo Moçambique sem fazer falar o seu povo: quer se trate do problema da saúde, da segurança, da Igreja que estudou nos seminários de Salazar, da escola, da cultura; quer se trate ainda do ajustamento da economia aos princípios socialistas ou da tentativa de isolamento sofrida pelo novo país. Só assim, pode-se concluir, com o autor, que não vai acontecer mais a venda de relógios despertadores à população, cujos donos tinham de pagar uma taxa toda vez que a corda acabava porque a chave que punha o mecanismo a andar ficava na missão. Agora têm o relógio e o mecanismo de dar corda, por isso o relógio não pára. Mesmo que os *Mirage* estejam a quatro minutos.

SÉRGIO CAPARELLI

REPENSANDO A MUDANÇA SOCIAL

COMUNICAÇÃO E COMUNIDADE: MITOS DA MUDANÇA SOCIAL, de Gustava Quesada, Edições Loyola, 94 páginas, Cr\$ 150,00

Este é um livro escrito para agentes de mudança por um agente de mudança. Ele se destina a dar uma perspectiva teórica mais abrangente a extensionistas, padres, médicos, enfermeiras, professores e militares. É um livro para quem almeja reinterpretar a sua experiência de vida. Não é um livro para quem se inicia na ação social.

Quesada define a mudança social como o resultado de alterações substanciais na estrutura ou no funcionamento de um determinado sistema social. Dito assim, não quer dizer muito. Mas se visto sob a ótica dos *modelos missionário-cirúrgicos e pedagógicos* ganha em importância na interpretação teórica que o autor faz, com numerosos exemplos e sua aplicação em variados campos.

No modelo missionário da mudança social objetiva-se a salvação da alma não importando muito o que aconteça com o corpo ou a cultura do grupo *trabalhado*. É o modelo do desenvolvimento comunitário tão usado pela sua básica estratégia institucional, por profissionais liberais em geral. E por religiosos e militares, em particular. Exemplifica-se na famosa frase de um general norte-americano no Vietnã: "Tivemos de arrasar a vila para poder salvá-la".

No modelo cirúrgico, a ênfase muda da instituição para a mensagem. Pela adoção de novas idéias a gente se encaixa no sistema *global* de vendagens. No esquema mercadológico de consumo, levanta-se, excessivamente, a importância do hoje sobre o amanhã. Daí todas as consequências ecológicas. Porque, cirurgicamente, "uma operação pode ter sido um sucesso mesmo que o paciente tenha falecido..."

No modelo pedagógico dos movimentos sociais focaliza-se a palavra e o discurso político. Aqui não importa que os Montoneros tenham dito "a palavra desune, a ação une". Dialecticamente, o que importa é que eles tenham escolhido a própria palavra para se expressarem do mesmo jeito que os movimentos gay, feminista ou estudantil; e escolhem o discurso crítico ao modo dos movimentos messiânicos ou da TFP. Se o movimento fracassa, ele morre. Se ele obtém sucesso, ele morre também, pois enrijece e passa a se institucionalizar. Aí o círculo se fecha e se volta à ótica do movimento missionário.

Fora isso, o livro apresenta 165 resenhas bibliográficas e um interessante jogo de simulação para agentes de mudanças. O leitor poderia acrescentar que existe esta ou aquela falha editorial ou que o conceito de *comunicação* de Quesada é talvez bastante amplo ou difuso, mas, temos que convir, este é um tipo de livro que faz a gente pensar e deixa no leitor uma vontade de ler certos trechos. É um livro político, que merece ser lido usando lápis ou pincel atômico.

G.G.

Faça seu pedido pelo reembolso postal para Coojornal — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS

COOPERATIVISMO E COMPETIÇÃO

A experiência das cooperativas no capitalismo alemão

ERIK BOETTCHER
FRIEDRICH KRIEHL
WALTER HAHN
HARRY WESTERHOF

COLEÇÃO COOPERATIVISMO

DEBATE 1

COOPERATIVISMO E COMPETIÇÃO
A experiência do Cooperativismo alemão na busca de adaptação ao regime capitalista.

Selo Debate nº 1
Cr\$ 100,00



Estudante!

O Coojornal está selecionando representantes para vendas de assinaturas. Aproveite o tempo disponível nestas férias! Tratar na Rua Comendador Coruja, 372, ou pelo fone 33-5099

COOJORNAL

Lançamentos

PREVIDÊNCIA SOCIAL E PROCESSO POLÍTICO NO BRASIL, de Amélia Cohn.

Trata das relações entre o desenvolvimento da previdência social e a dinâmica da sociedade brasileira contemporânea. A previdência social "é aqui entendida como área específica na articulação das políticas voltadas para as classes assalariadas, que envolve também a política trabalhista e sindical". Editora Moderna, 256 páginas, Cr\$ 530,00.

MANUÁRIO DE VIDAL, de Ricardo Daunt Neto. Romance de estréia do autor, que transmuta a realidade através de uma linguagem do inconsciente. Editora Codecri, 80 páginas, Cr\$ 250,00.

LEMBRANÇAS DE AMANHÃ — A TV, a criança e o Brasil, de Marcus Pereira. O livro é composto de crônicas sobre publicidade e comunicação. MG Editores Associados, 320 páginas.

A QUESTÃO AGRÁRIA, organizado por José Graziano da Silva e Verena Stolche. Textos de Weber, Engels, Lenin, Kautsky, Chaynov, e Stalin. Editora Brasiliense, 188 páginas, Cr\$ 220,00.

EXERCÍCIO DE VIDA, de Henriette de Hollanda Amado. Da autora fala Hélio Peregrino: "Nordestina e bailarina, brasileira e universal, mestra e aluna, apaixonada por ensinar e por aprender, enquanto ensina. (...) Exercício de Vida, desataviado, sem qualquer laivo de pretensão ou arrogância, é o depoimento preciso de uma vida preciosa para a comunidade brasileira". Editora Codecri, 170 páginas, Cr\$ 350,00.

OURO E MOEDA NA HISTÓRIA — 1450-1920, de Pierre Vilar. Engloba o conjunto de conferências universitárias dadas na Sorbonne em 1964-66, propondo-se, acima de tudo, o esclarecimento pedagógico dos problemas colocados pela Moeda ao longo da História. Editora Paz e Terra, 432 páginas.

VOCÊ E OS OUTROS — Formas de comunicação, de Michael Argyle e Peter Trower. Os autores analisam a linguagem corporal, expressões faciais, gestos, rituais e conduta social bem como as regras que orientam a conversa, a amizade e o amor. Editora Harper & Row do Brasil Limitada, 130 páginas, Cr\$ 350,00.

SEXUALIDADE E CRIAÇÃO LITERÁRIA — As entrevistas do Gay Sunshine, org. por Winston Isherwood. Roger Peyrefitte, William Burroughs, Allen Ginsberg, Christopher Isherwood, John Richy, Gore Vidal, Tennessee Williams são os entrevistados. Editora Record, 250 páginas, Cr\$ 380,00.

O GRANDE AUSENTE, de Liane Torres. Poesia. Editora Movimento, 100 páginas, Cr\$ 150,00.

AÉZIO, UM OPERÁRIO BRASILEIRO, de Valério Meinel. O autor ficou conhecido principalmente por seu trabalho jornalístico sobre o caso Cláudia Lessin, mais tarde transformado em livro *Porque Cláudia Lessin Vai Morrer*. Agora, nesse livro, ele narra situações de vida de um típico trabalhador brasileiro, chefe de família, seus infortúnios, suas desesperanças e seus envoltórios com a polícia. Editora Codecri, 168 páginas, Cr\$ 350,00.

FANTASMAS NA GAVETA, de Fernando Pessoa Ferreira. O título deve-se ao primeiro conto, que ocupa pouco mais da metade das páginas do livro. Os demais, num total de oito, situam-se nas contingências do cotidiano e o sentimento de uma realidade persecutória para os seus personagens. Editora Codecri, 152 páginas, Cr\$ 200,00.

QUEM ESTÁ NA FRENTE, de Willian Buckley Jr. Romance de espionagem que foge dos modelos largamente difundidos pelo seu engajamento político, bastante explicável pela condição do autor como um dos ideólogos da nova direita norte-americana. Editora Nova Fronteira, 248 páginas, Cr\$ 380,00.

ENTRADAS E BANDEIRAS, de Fernando Gabeira. Depois de estourar no mercado editorial com *O Que É Isso, Companheiro?* e *O Crepúsculo do Macho*, o ex-guerrilheiro lança suas memórias do presente, isto é, suas andanças no Brasil pós-anistia. Editora Codecri, 210 páginas, Cr\$ 480,00.

LULA, de Luis Inácio da Silva. Compõe-se de entrevistas e discursos desse líder metalúrgico brasileiro. ABC Sociedade Cultural, 400 páginas, Cr\$ 400,00.

VOCÊ OUVI
O TROPEL DE
CENTAUROS?

O CENTAURO NO JARDIM, de Moacyr Scliar, Editora Nova Fronteira, 245 páginas.

Não te assombres se em uma hora inquietada e forte descobrires entre as folhagens do jardim os olhos faiscantes de paixão de um belo centauro. Este centauro é o reflexo de teu sangue, de tua vida quente e instintiva que se perde nas cotidianidades. Este centauro é o reflexo do teu tempo de ser e fazer que vai passando sem que sejas ou faças. Abra todas as portas e recebe o centauro no teu leito de amor e solidão. Abra teu coração para esta vida primitiva e áspera que ronda as tuas paredes e que ameaça teus esconderijos feitos de vida certa, mansa, controlada... Ou então, feche os olhos e fuja pois os centauros estão na praça, nas livrarias, nos jardins, no sol do verão. Os centauros e centauras galopam a plenos cascos nas 245 páginas de assombro e fascínio do último livro de Moacyr Scliar.

Na *Odisséia*, Homero apresenta os centauros como uma raça primitiva e selvagem, fogosos amantes dos vinhos e das mulheres; na arte cristã os centauros são símbolos das paixões desenfreadas, do adultério, da força bruta, da hibridez humana, do bem e do mal aglutinados, das tentações mais fortes da vida; no texto de Scliar o leitor descobrirá seu próprio centauro, sua verdade mais profunda e fruirá uma experiência com os limites das coisas. Como o corvo de Bergier, no *Despertar dos Mágicos*, companheiro, você já não será mais o mesmo e crocitará de modo diferente e, sentirá uns brotos de cascos saindo dos pés e uma sede danada de cavalgar por este pampa imenso que é o coração do homem atrás da sua Tita, da sua Vânia, do seu destino... A história dolorosa e comovente de *Guedali e Tita* recupera a antiga lenda do exímio cavaleiro e do fogoso cavalo que bateram cascos pela terra toda. Tal era a síntese entre ambos que aos olhos do povo e pela recontagem oral dos anos, cavalo e cavaleiro transformaram-se num só.

O livro de Moacyr Scliar é muitas vezes assombroso, outras vezes grotesco e mórbido. Um verdadeiro manual de paixões insólitas e atavismos antigos como fornicar com éguas e esfinges. No fundo é apenas um livro a respeito de um homem e de uma mulher, apenas isto, a história de dois amantes que buscam um grau superior de relacionamento e comunhão. Como diz o autor: "Tita e Guedali, Guedali e Tita, os amantes do pampa." Um livro marcado pela presença constante do destino propondo encontros inesperados e indesejados, pondo frente a frente Guedali e Tita com suas realidades íntimas.

Há escritores que escrevem sempre uma mesma estória, modificando apenas alguns elementos da trama e mantendo um fundo constante, uma paisagem que garante sucesso e prestígio. Um exemplo é a utilização da vida do gaúcho, da alma do pampa e da llanura, dos costumes e da tradição sempre de pano de fundo, de suporte para estórias insignificantes. As raízes desta essência inexistente que se chamou gaúcho, as revoluções sangrentas que temperaram (dizem) a alma brava de gentil gente nativa têm servido não raro como fundamento de prestigiadas obras, de pequeno valor literário, que fazem suspirar a alma de muitos gaúchos de escritório e de mesas de instituições culturais. Há outros escritores, Scliar entre eles, que estão sempre nos surpreendendo com um texto novo e imprevisível, textos que abrigam a sedução estética porque apresentam força literária.

Ao lado desta força encontramos no livro de Scliar uma tentativa de síntese cultural, uma fusão de mitos e símbolos, uma certa "gauchização do texto". A presença do pampa, mesclado com o urbano; a mestiçagem de símbolos universais com símbolos nativos do gaúcho (um escritor de menos talento e mais preocupado com o nativismo superficial talvez escrevesse a estória de um centauro que apaixonou-se pela nossa famosa mula-sem-cabeça); presença de índios (Peri), do centauro gaúcho Guedali de raízes judaicas e da



centaurinha Tita, flor do nosso chão nascida na fazenda de Zeca Fagundes e Dona Cotinha. Canções em iídiche misturam-se com as cantigas do Boi da Cara Preta.

No fundo, companheiro, verás que todos somos um pouco centauros, um pouco esfinges, um pouco paixões atávicas, um pouco mistério, um pouco nada...

JOÃO CARLOS TIBURSKI

O VERSO
E O REVERSO
DA HISTÓRIA

A SOLIDÃO SEGUNDO SOLANO LOPES, de Carlos de Oliveira Gomes, Editora Civilização Brasileira.

GENOCÍDIO AMERICANO: A GUERRA DO PARAGUAI, de Júlio José Chiavenato, Editora Brasiliense.

A guerra do Paraguai vem merecendo discussões em grande escala. Ao lado das repetidas lições ufanistas, temos a tentativa de revisão por parte de autores, como Júlio José Chiavenato, que procuraram ver a história pelo outro lado: a questão econômica e a defesa dos paraguaios. Uma e outra atitude se ressentem de parcialidade. Enquanto uns defendem o *status quo* e os outros fazem política investindo contra o imperialismo, a verdade dos fatos permanece escondida. Um drama histórico como uma guerra destas proporções não pode ser tratado assim tão canhestamente, investir contra os mitos nacionais e criar outros não me parece o mais recomendável. Em um e outro caso perde-se de vista que são homens em conflito, com suas tragédias individuais, atos de coragem e covardia. Querer fazer de Solano Lopes um herói sem mácula é uma impostura tão grande como só relatar os belos feitos da Tríplice Aliança, escondendo os atos de barbárie cometidos.

Toda guerra, como toda e qualquer atividade humana, tem seus móveis principalmente nos interesses econômicos em jogo. Mas depois que uma guerra se desencadeia, outros fatores entram em campo, o sentimento de nacionalidade, o orgulho

ferido, a total entrega dos indivíduos ao sentimento de identidade com a pátria.

Isto aconteceu com os alemães na Segunda Guerra Mundial e também com os paraguaios neste conflito. Por isto não é nenhum mistério entender-se porque os paraguaios se imolaram por Solano Lopes e o Paraguai. Os japoneses não fizeram o mesmo na Segunda Guerra? Só que o imperador japonês não era megalomaniaco e para evitar a total destruição de seu povo ordenou a capitulação.

É por isto que vejo como lançamento importante o romance de Carlos Oliveira Gomes, *A Solidão Segundo Solano Lopes*. Em muitos casos, e neste em particular, a ficção pode lançar luz sobre acontecimentos históricos. Aqui os participantes reais do conflito são tratados como pessoas, carne e osso. Os crimes de ambos os lados não são escondidos e a personalidade de Lopez aparece em toda a sua magnitude. Não se faz dele um outro mito. Mostra-se o homem que mandava seus oficiais matar os prisioneiros e a população civil. E o homem que depois de ter imolado quase todo o seu povo numa guerra já perdida, não se entrega em Cerro Corá e luta até a morte tentando fugir, num ato de desespero e heroísmo, repetido também pelo seu filho Pancho, que não se entrega e morre em duelo com um oficial brasileiro.

Mas não é só em razão da história que este é um romance importante. É em primeiro lugar uma obra de ficção bem realizada.

JOSÉ EDUARDO DEGRAZZIA

CADÊ MINHA
ASSINATURA
DO COOJORNAL?





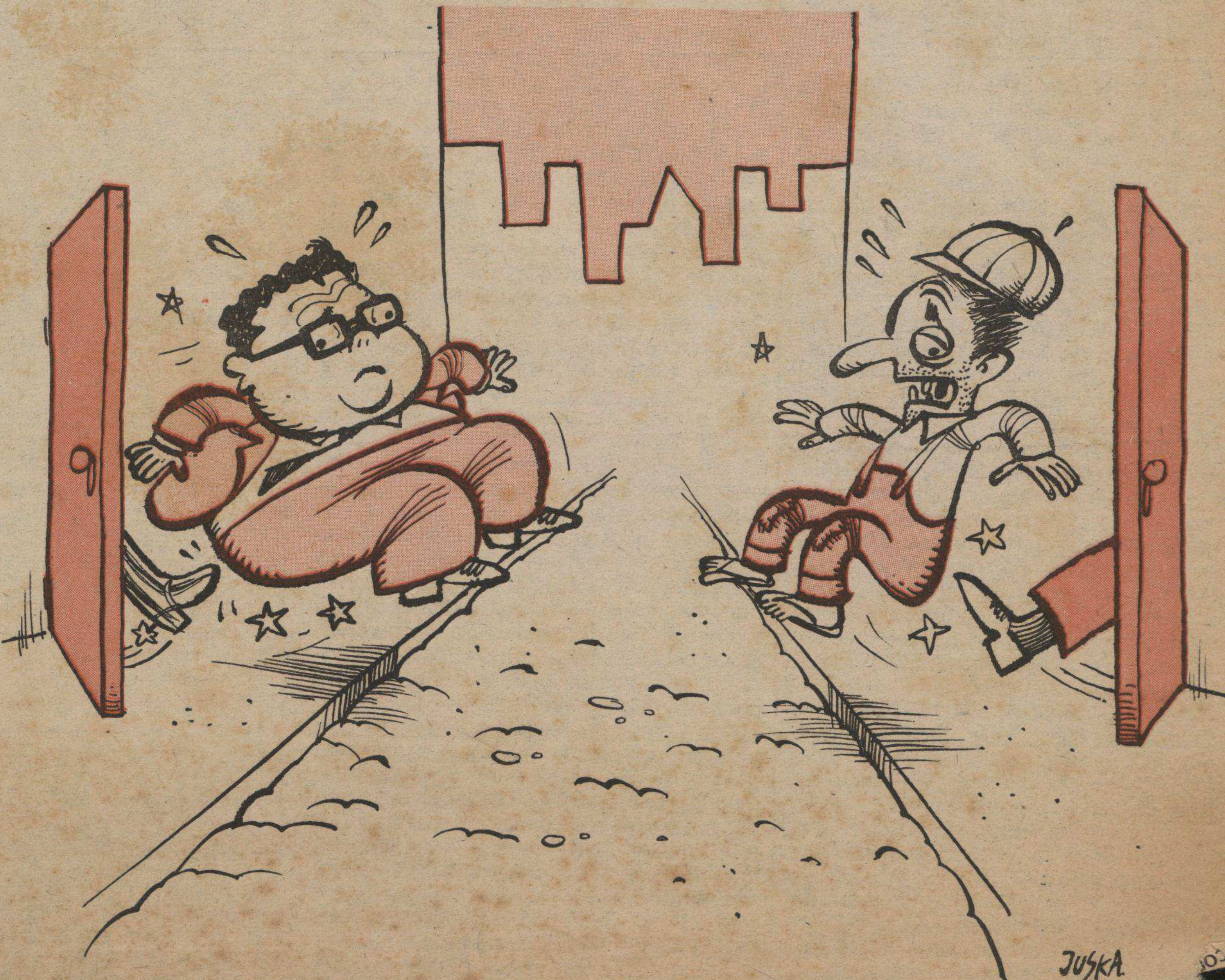
LUIS FERNANDO VERISSIMO

Duas dispensas

PRESIDENTE — Bom dia, Delfim.
Delfim — Bom dia, senhor presidente.
PRESIDENTE — Chamei-o aqui para dizer que você está despedido.
Delfim — Eu já esperava isto, senhor presidente.
PRESIDENTE — Você vai concordar comigo, Delfim, que fomos tolerantes demais. Você teve todo o tempo que quis para dar um jeito na coisa e a coisa só piorou, Delfim.
Delfim — Mas senhor presidente...
PRESIDENTE — Agora não adianta discutir. Minha decisão está tomada. Fizemos tudo o que você pediu. Você não queria o Simonsen, nós nos livramos do Simonsen. Você não queria o Rischbieter, lá se foi o Rischbieter. Você quis todos os poderes na área econômica, teve todos os poderes. E mesmo assim, não deu em nada. Deu nisso que está aí. Foi demais, Delfim...
Delfim — Sim, mas...
PRESIDENTE — Reconheça que suas teorias estavam erradas, Delfim. É hora de dar lugar para outro.
Delfim — Posso saber quem é que vai me substituir?
PRESIDENTE — É o Delfim Netto.
Delfim — Mas o Delfim Netto sou eu!
PRESIDENTE — Você é o Delfim Netto do ano passado. Seu substituto é o Delfim 81.
Delfim — Mas, senhor presidente... Haverá solução de continuidade. As teorias do novo Delfim são completamente opostas às minhas!
PRESIDENTE — Exatamente. Porque suas teorias estão totalmente desmoralizadas, Delfim. Ninguém acredita mais em você. É hora de dar lugar a sangue novo. Novas idéias. Um novo entusiasmo.
Delfim — Se o senhor acha...
PRESIDENTE — Tenho certeza. O novo Delfim me convenceu que as teorias dele não falharão, como as suas. É isto que o povo quer. Uma injeção de otimismo. Novas caras.
Delfim — Mas a cara será a mesma...
PRESIDENTE — Nova cara é maneira de dizer. Uma nova perspectiva. Um novo começo. E mesmo você continuará conosco...
Delfim — Não, não, prefiro me retirar por completo. Para não atrapalhar o outro Delfim, vamos fazer de conta que eu nunca existi. Prefiro que esqueçam tudo que eu disse, tudo que eu prometi...
PRESIDENTE — Ora, Delfim, o que é isso? Já está esquecido. Você sabe como é coração de brasileiro. De agora em diante, Delfim Netto é outro.
Delfim — E tem outra coisa...
PRESIDENTE — O quê?
Delfim — Se o Delfim 81 não der certo, eu sempre posso voltar.
PRESIDENTE — Olha, não sei não, Delfim. Você se desgastou demais.
Delfim — Eu posso voltar em outra versão. Delfim 82. Novas idéias. Novo entusiasmo. Teorias completamente diferentes de tudo que se conhece.
PRESIDENTE — Claro! Aliás, Delfim, quando dizem que você tem outro por dentro...
Delfim — Sim?
PRESIDENTE — É engano. Você tem um bando aí dentro.
Delfim — Espaço é o que não falta, não é, presidente? (risos)

...

Patrão — Seu Zé, chamei o senhor aqui para avisar que os tempos mudaram.



SEU ZÉ (dando um pulo de alegria) — Ôba!
PATRÃO (atônito) — O que é isso, seu Zé?
SEU ZÉ — O senhor não disse que os tempos mudaram?
PATRÃO — Disse.
SEU ZÉ — Pois então: Ôba! Acabou-se o sacrifício. Vou poder soltar o cinto. Eu sabia que era só ter paciência e não reclamar que a coisa ia mudar. Chegaram os bons tempos.
PATRÃO — Não, seu Zé. Os bons tempos acabaram.
SEU ZÉ (depois de piscar dezessete vezes) — Os bons tempos acabaram?
PATRÃO — Isso. Vamos entrar num período difícil.
SEU ZÉ (confuso) — Quer dizer que até agora foi fácil?
PATRÃO — Foi, seu Zé. A economia estava em expansão. Moderada, mas crescendo. Tínhamos subsídios. O crédito estava duro mas ainda não estava impossível. Agora mudou.
SEU ZÉ (perplexo) — Engraçado...
PATRÃO — O que, seu Zé?
SEU ZÉ (desnortado) — Eu podia jurar que os tempos eram difíceis.
PATRÃO — Por que você diz isso, Seu Zé?
SEU ZÉ (hesitante) — Meu salário. Não estou me queixando. Se eu não quizesse viver com ele, seria bom. Mas a família insistia em comer...
PATRÃO — Bom, assim já era pedir demais, não é, seu Zé?

SEU ZÉ — O que eu sempre disse. Era elitismo dela.
PATRÃO — O senhor tinha o consolo de saber que o lucro da empresa continuava o mesmo, seu Zé.
SEU ZÉ — Ah, isso é. Cada vez que eu via o senhor com um carro novo, me dava uma sensação boa. Um calor na barriga. Até me lembrava comida.
PATRÃO — Pois é. Mas tudo isto acabou, seu Zé. Nossos bons tempos acabaram...
SEU ZÉ — Não me diga que o seu lucro...
PATRÃO — Não, não. Não se preocupe. Tentaremos manter a mesma margem de lucro. Mas seremos obrigados a fazer alguns sacrifícios. É a recessão.
SEU ZÉ — O quê?
PATRÃO — Recessão. É quando tudo dá pra trás.
SEU ZÉ — Mais pra trás ainda?
PATRÃO — Agora que o senhor vai ver o que é dureza, seu Zé.
SEU ZÉ — Até agora foi moleza?
PATRÃO — O senhor não notou?
SEU ZÉ — Devia estar distraído...
PATRÃO — Infelizmente todos teremos que nos sacrificar daqui para frente. Começando pelo senhor. O senhor está despedido, seu Zé.
SEU ZÉ — Sim, senhor...
PATRÃO — O senhor tem alguma coisa a dizer?
SEU ZÉ (suspirando) — Que remédio? Tudo que é bom tem que acabar um dia...

O brigue das idéias gostosas.
Móveis. Louças. Cerâmicas. Palhas. Livros.
Luminárias e aquelas coisinhas pra presente.

tempos modernos

AV. INDEPENDÊNCIA, 925 FONE: (0512) 25.4453